



**Revista dos Alunos de Pedagogia
Faculdades Network**

Publicação anual das Faculdades Network

A Revista dos Alunos de Pedagogia é uma publicação de divulgação científica na área de Educação, aberta a contribuições de pesquisadores de todo o Brasil e do exterior.

Mantenedores

Dr. Alexandre José Cecílio
Profa. Dra. Tânia Cristina Bassani Cecílio
Maria José Giatti Cecílio

Diretora Geral das Faculdades Network

Profa. Dra. Tânia Cristina Bassani Cecílio

Secretária Geral

Érica Biazon

Coord. Do Curso de Educação Física

Profa. Me. Helena Prestes dos Reis

Assessoria de Comunicação

Alzeni Maria Silva Duda Gambeta
(MTB 37218)

Editora Executiva e Bibliotecária

Jeane Carolino Santos (CRB 8/9371)

Central de Atendimento

(19) 3873-2828 Ramal 212
biblioteca@nwk.edu.br

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	04
A CONCEPÇÃO DO BRINCAR PARA A FAMÍLIA	
<i>Beatriz Dayane Marques da Silva, Caroline Soares Oliveira, Karina Martin Perez, Mayara Batista dos Reis, Michele Rufino Nazatto, Maria Aparecida Belintane Fermiano.....</i>	05
A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR	
<i>Débora Ferraz de Campos, Beatriz Cristina de Godoi Reis, Ester Novelette, Profa. Ms. Helena Prestes do Reis.....</i>	25
A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
<i>Andreza Kelly da Silva Ouro, Barbara Aparecida de Lourdes Santos, Elinauria Maria do Nascimento, Julia Allicia Forti, Matheus Barriquelo Silva, Marli Naomi Tamaru, Tânia Cristina Bassani Cecilio, Ângela Harumi Tamaru.....</i>	37
CONSUMO INFANTIL: POR QUE A MÍDIA INFLUENCIA TANTO?	
<i>Marlane Ramos de Brito, Tatiane Cristina da Silva, Maria Ap. Belintane Fermiano.....</i>	53
HISTÓRIA DO CONTADOR DE HISTÓRIAS	
<i>Adrielle Stephanny Garcia do Nascimento, Aniele Gouvêa Baptista, Maria Belintane Fermiano.....</i>	62
INFLUÊNCIA DA MÍDIA NO COMPORTAMENTO ALIMENTAR INFANTIL	
<i>Andréia Almeida, Edilaine Godói Gouveia Ribeiro, Jenifer dos Santos, Pâmella Oreti, Maria Belintane Fermiano.....</i>	77
ROBÓTICA: UM INSTRUMENTO NA APRENDIZAGEM NO ENSINO DE MATEMÁTICA DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
<i>Camila Silva, Jéssica Pereira, Jessica Martins, Karolina Oliveira, Laerte Vieira, Raquel Cubas Rosa, Rosenair Jesus, Prof. Ms. Helena Prestes dos Reis.....</i>	94

EDITORIAL

Essa é a décima segunda edição da Revista dos Alunos de Pedagogia das Faculdades Network, composta de artigos resultantes dos melhores Trabalhos de Conclusão de Curso defendidos em 2017.

A Revista do curso de Pedagogia da Faculdade Network é uma publicação anual de artigos científicos produzidos pelos docentes e discentes do curso de graduação.

Em seu décimo segundo ano de publicação, a revista tem alcançado êxito no meio acadêmico, científico e empresarial se tornando referência. Os diferentes assuntos aqui pesquisados têm contribuído significativamente para a disseminação do conhecimento e o estímulo à pesquisa e produção científica.

O comprometimento, dedicação e empenho de todos os atores envolvidos, foram decisivos para o sucesso desta publicação. Ao longo do ano foram realizados vários eventos, palestras, debates, encontros, seminários e workshops. Os professores e alunos não mediram esforços para produzirem artigos de qualidade e com excelência de conhecimento.

Todos os autores e colaboradores estão de parabéns pela excelente qualidade dos artigos publicados.

Diante do exposto, esperamos que a leitura dos artigos aqui apresentados agregue valor para você, a fim de contribuir para a criação de novos conhecimentos.

Desejamos a todos desejamos uma ótima leitura!

Jeane Carolino Santos
Bibliotecária das Faculdades Network

A CONCEPÇÃO DO BRINCAR PARA A FAMÍLIA

Beatriz Dayane Marques da Silva¹
Caroline Soares Oliveira²
Karina Martin Perez³
Mayara Batista dos Reis⁴
Michele Rufino Nazatto⁵
Maria Aparecida Belintane Fermiano⁶

RESUMO

No decorrer desta pesquisa, abordou-se a importância do brincar em família e suas contribuições para o desenvolvimento da criança, sob o ponto de vista dos pais. Além dos conhecimentos e aprendizagens fornecidos pelo ambiente escolar, a interação social e lúdica ativa da família possibilita uma ampla gama de estímulos capazes de potencializar o desenvolvimento da criança. O contexto teórico teve apoio de estudos que abordam o nível de interação dos pais com as crianças. Para a coleta de dados aplicou-se um questionário para obter informações sobre como os pais vivenciam a brincadeira com seus filhos; quais brincadeiras realizam; se há ou não interação deles com as crianças durante o ato de brincar; o que pensam sobre a importância da brincadeira para os filhos. O questionário foi composto de 14 perguntas abertas e fechadas, aplicadas a 14 pais com filhos entre 2 e 14 anos. A análise dos resultados demonstra que os pais, em sua maioria, possuem consciência da importância do brincar para as crianças e há participação ativa da família durante as brincadeiras. Em função de rotinas agitadas e longas jornadas de trabalho da família, o tempo dedicado para o brincar é insuficiente. As crianças também estão inseridas, desde muito cedo, em atividades extracurriculares, com isso o tempo fica mais escasso. Evidenciamos também, mudanças nos hábitos familiares com a inclusão da tecnologia no cotidiano que, acaba por limitar as relações familiares, o diálogo, aprendizagem de regras de convívio importantes para o desenvolvimento.

Palavras chaves: Desenvolvimento. Interação. Participação.

ABSTRACT

In the course of this research, the importance of family play and its contributions to the development of the child, from the point of view of the parents, was discussed. In addition to the knowledge and learning provided by the school environment, the active social and

¹ Licenciando em Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: beatrizdayanem@hotmail.com).

² Licenciando em Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: carol.soaresde@hotmail.com)

³ Licenciando em Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: perez.karina.m@hotmail.com)

⁴ Licenciando em Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: reis.mayara11@hotmail.com)

⁵ Licenciando em Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: michelerufinonazatto@outlook.com)

⁶ Doutora em Educação e Desenvolvimento Humano/UNICAMP. Especialista em Educação para o Consumo. (e-mail: maria.belintane@gmail.com)

playful interaction of the family allows a wide range of stimulus capable of enhancing the development of the child. The theoretical context was supported by studies that address the level of interaction between parents and children. To collect data, a questionnaire was applied to obtain information about how parents experience playing with their children; what games do they play; whether or not there is interaction with the children during play; what they think about the importance of play to their children. The questionnaire was composed of 14 open and closed questions, applied to 14 parents with children between 2 and 14 years old. The analysis of the results shows that the parents are mostly aware of the importance of playing to the children and there is active participation of the family during the games. Due to the agitated routines and long working hours of the family, the time spent playing is insufficient. Children are also inserted, from a very early age, into extracurricular activities, with which time is scarcer. It also shows changes in family habits with the inclusion of technology in daily life, which ends up limiting family relationships, dialogue and learning of coexistence rules that are important for development.

Keywords: Development. Interaction. Participation

Brincar, jogos e brincadeiras

O brincar, os jogos e as brincadeiras além de serem uma rica fonte de diversão e descontração, acarretam em um papel fundamental no desenvolvimento da criança, pois possibilitam um impacto saudável tanto na vida psíquica quanto física, capaz de desenvolver habilidades cognitivas, motoras, sócio afetivas e morais. Podem ser também, uma prática eficaz para a interação social das crianças.

Através do brincar, a criança é capaz de estabelecer uma conexão entre o mundo imaginário e o real, criando situações fictícias a partir de experiências concretas e vivenciadas. Com as brincadeiras e seus simbolismos as crianças tornam-se capazes de aprender e reelaborar o universo à sua volta, podendo expressar-se e representar seus sentimentos e ideias por meio da fantasia. O brincar proporciona a interação entre os pares, conviver com as diferenças individuais, combinar e seguir as regras que regem um jogo ou brincadeira, exercitar o corpo, descobrir e treinar habilidades. Durante a fase da infância, a imaginação para o brincar consegue fugir da realidade com maior facilidade, criando situações que não necessitam propriamente de noções reais para acontecer, ou seja, quanto maior for o conhecimento sobre o mundo e a realidade, mais complexas se tornarão as brincadeiras.

O brincar, o jogo e a brincadeira são fenômenos sociais que, ao longo da história da humanidade transformam-se e continuam a fazer parte do cotidiano das pessoas.

Percebe-se aí, que eles são uma atividade que vai além de apenas diversão, por isso têm sido objeto de muitos estudos nas últimas décadas e vários são os autores que procuram compreendê-los e melhor interpretá-los. Apesar das transformações ocorridas nas formas e conteúdo do brincar, o brincar e o jogo continuam fazendo parte da vida das crianças. (VOLPATO, 2017).

Neste mesmo conceito, Borges (2008) explica:

É sabido que a interação entre pais e filhos, por meio do brincar e da brincadeira, é oportunidade ímpar de tecer conhecimentos, pois permite o repassar de experiências reconhecidas como senso comum e importante como forma de mediatizar e acrescentar pontos de vista que merecem ser discutidos e que, muitas vezes, não são incluídos nos currículos escolares. (Borges, 2008, p. 122).

Para que possamos construir ideias sobre o assunto e realizar maior embasamento teórico, utilizaremos conceitos de autores como Winnicott (1975), Vygotsky (1998), Borges (2008), Volpato (2017), entre outros, por terem realizado diversos estudos sobre contribuições agregadas através do envolvimento da família durante o ato de brincar.

1. O brincar e interação com a família

O primeiro contato da criança com o mundo é por meio da família. É nela que se encontra a estrutura necessária para o seu desenvolvimento nos primeiros anos de vida. No entanto, qual é o significado ou importância da família para criança? Para conhecer um pouco mais sobre o assunto destacamos as pesquisas de Rabinovich e Moreira (2008) e Fermiano (2010).

Segundo Rabinovich e Moreira (2008) numa pesquisa realizada entre três grupos, contendo quinze crianças cada, e organizados em níveis socioeducacionais baixo, mistos e altos, foram coletadas informações que mostraram as distintas concepções sobre a família, sendo esta composta, segundo os entrevistados, por pai, mãe, irmãos e avós.

Os resultados apontaram que, para crianças de níveis socioeducacionais altos, a figura paterna possui maior relevância, já a figura dos avós mostrou-se ser a de maior apego por todos os níveis e o (s) irmão (s) foram considerados os mais presentes e significativos.

Em relação à família, Fermiano (2010) encontrou, em sua pesquisa com 423 crianças e adolescentes entre 8 e 14 anos, que as crianças consideram como sua família a “mãe” (89%), seguida pelo “pai” (78%); “irmãos” (55,6%); “avós” (41,8%); “tios” (38,2%). Observa-se a importância atribuída à figura da “mãe”. Quanto ao período que

mais tempo passam juntos, descobriu-se que é o dedicado às refeições. 83% dos participantes também informaram que gostam de sua família. O que mais gostam é das “características da família” que dizem respeito à honestidade, afetividade, ser amiga, educada, divertida, carinhosa, ou seja, apresenta um caráter acolhedor, afetivo e de proteção. O que mais perturba as crianças e adolescentes são situações de violência no ambiente familiar e a necessidade de estarem mais tempo juntos. Observa-se aqui que o contexto familiar é descrito pelos participantes com clareza de ideias, indicando elementos importantes de análise, como a qualidade do tempo que as famílias passam com seus filhos.

A partir desta base, podemos ressaltar que em grande maioria, por consequência da rotina agitada dos pais, ocorre um impacto na quantidade de horas destinadas à interação com os filhos, especificamente ao brincar.

Segundo Borges (2008):

Educar e preparar os filhos para agir com responsabilidade no conturbado mundo de hoje é tarefa desafiadora para os pais, porém compensadora se a convivência e o relacionamento familiar forem constantes no processo de inserção da criança no universo coletivo (BORGES, 2008, p. 122).

A interação familiar que ocorre durante os momentos do brincar, da brincadeira e do jogo em família transmitem conhecimentos capazes de acrescentar diferentes concepções e visões de mundo, histórias de família, conhecimento sobre a vida, os quais não são obrigatoriamente desenvolvidos dentro dos currículos escolares. Isso possibilita a criação de vínculos afetivos e uma cumplicidade ímpar. A família, ao educar os filhos, os prepara para a inserção na sociedade; isso possibilita à criança o desenvolvimento da capacidade de entender e respeitar as regras do grupo.

Sabendo-se que a família carrega consigo a responsabilidade de proporcionar à criança um ambiente estimulador para construção de capacidades sociais e interativas de boa qualidade, Borges explica que “é necessário reservar a elas – as crianças – momentos, mesmo que sejam poucos, porém prazerosos e capazes de proporcionar reconhecimento, afeto e cumplicidade” (BORGES, 2008, p. 122). A interação saudável entre pais e filhos é uma forma de prevenção à conflitos de comportamentos inadequados por parte da criança, que podem ser decorrentes da falta de comunicação e atenção dentro do lar.

A criança constrói, desde o nascimento, sua capacidade de interação, tanto social quanto cultural. Ela também constrói significações próprias sobre o universo que a cerca, não se apropriando objetivamente da realidade em si, mas a transforma sob seu olhar

infantil. É visto este conceito no comentário realizado por Dewey “O meio ou ambiente é formado pelas condições, quaisquer que sejam em interação com as necessidades, desejos, propósitos e aptidões de criar a experiência em curso[...]” (DEWEY, 1979, p. 36-37 apud. BORGES, 2008, p. 123).

Com base neste pressuposto, podemos entender que o brincar é como um vínculo positivo para os diversos aspectos do desenvolvimento da criança, sendo potencializado quando há participação de adultos. Cabe ao adulto, compreender a importância de sua interação com a criança, jogar, brincar e, ainda mais importante, deve saber apropriar-se do lúdico em seu universo, entendendo que o brincar é mais do que uma simples diversão, é sentir prazer de estar realizando o jogo.

Conforme explica Winnicott (1975):

Neste sentido, é necessária a conscientização, por parte dos pais, sobre os grandes benefícios adquiridos por esta nova forma de viver em consonância com a criatividade e alegria espontânea, capazes de estreitar laços com os filhos em relações solidárias e de igualdade. É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o seu eu – ou Self (WINNICOTT, 1975, p. 80, apud. BORGES, 2008 p. 123).

Compreendemos que os jogos e brincadeiras são fundamentais na infância. Vygotsky (1994), em relação ao brinquedo, relaciona principalmente as brincadeiras de faz de conta como meio fundamental para o desenvolvimento da própria inteligência da criança.

Através da brincadeira a criança começa a construir significado das coisas e passa a ter o pensamento conceitual. Por exemplo, ao brincar com galho de árvore como se fosse um carrinho, a criança já relaciona o significado em questão, ou seja, a ideia de carro e não com o objeto concreto.

Conforme citado em trecho de Fontana e Cruz (1997):

A partir do momento que a criança assume um papel na brincadeira, ela passa a agir com o significado de sua ação e submete seu comportamento a determinadas regras. Isso conduz ao desenvolvimento da vontade, da capacidade de fazer escolhas conscientes, que estão intrinsecamente relacionadas à capacidade de atuar de acordo com o significado de ações ou de situações e de controlar o próprio comportamento por meio de regras (FONTANA E CRUZ, 1997, apud. VOLPATO, 2017, p. 59)

Vygotsky (1994) expõe também que através do jogo, a criança consegue repetidamente produzir ações que ainda não consegue realizar sozinha na realidade. Nas

atividades diárias a criança, de acordo com o meio, os objetos e as situações concretas, pode ter dificuldade de controlar voluntariamente seu comportamento e submetê-lo a regras. Por esse motivo, nós adultos, precisamos estar sempre transmitindo regras de convívio social para que a criança saiba o que deve e como fazer, como por exemplo, tomar banho, guardar os brinquedos, escovar os dentes, lavar as mãos. E em uma brincadeira de faz de conta, esses comportamentos se desenvolvem de forma involuntária, ou não conscientemente, sendo reproduções de situações em que ocorrem na realidade.

Ainda sobre o conceito de Vygotsky (1998), através da brincadeira a criança pode expressar-se e apropriar-se do mundo, das relações, das atividades e dos papéis dos adultos. Assim, considera-se o brincar como desenvolvedor de um estado de prazer e descontração, sendo capaz de contribuir para formações culturais, sociais e psíquicas. Por este motivo, para que o brincar seja desenvolvido de forma saudável no cotidiano da criança, este deve ser frequente e de boa qualidade, fazendo-se necessário a presença e estímulo da família no contexto, pois a mesma será representada como um marco das relações afetivas, sociais e culturais.

A família é responsável por possibilitar a formação do caráter da criança e atendimento às suas necessidades básicas, como vivenciar emoções através de carinho, afeto, interação, desenvolver valores que a influenciaram em sua vida, além da criação e construção de conceitos capazes de orientar seus comportamentos e ações. A família também se torna responsável por possibilitar um ambiente acolhedor, estimulador e envolvente onde habilidades sociais, emotivas, assertivas e empáticas serão desenvolvidas.

O ambiente de vivência da criança terá grande impacto na construção de seu caráter. Portanto, ao encontrar-se em um ambiente violento serão transmitidos estímulos e vivências que, possivelmente, gerarão conflitos emocionais e reflexos agressivos, em contrapartida, um ambiente estável com relações benéficas propiciam comportamentos altruístas, ou seja, indivíduos com maior facilidade em se relacionarem pacificamente.

Dentro da estrutura familiar atual, as rotinas corridas e longos expedientes de trabalho resultam em poucos momentos destinados à família e suas interações, gerando assim um grande impacto no ambiente de convívio. Os momentos em família frequentemente são substituídos por distrações tecnológicas como jogos e desenhos, para que os pais consigam usufruir do tempo livre realizando outras atividades, como afazeres domésticos ou trabalhos extras, interferindo assim, na construção do caráter da criança.

2. Concepção da família perante o brincar

Como já explicado anteriormente, o desenvolvimento da criança através do brincar acarreta em uma carga enorme de aprendizados que farão parte de seu desenvolvimento por toda a vida. Segundo Vygotsky (1998), a brincadeira é como um modo de expressão e apropriação da criança pelo mundo das relações, das atividades e dos papéis dos adultos. É durante o ato de brincar e da construção dos diversos contextos dentro da brincadeira que a criança começa a interagir e apropriar-se ao mundo que a cerca como ser existente, pensante e opinativo. Com base no contexto da ideia extraída do autor, acredita-se que o brincar, além de desenvolver um estado de prazer e descontração, é capaz de contribuir para formações culturais, sociais e psíquicas do indivíduo. Por este motivo, para que o brincar seja desenvolvido de forma saudável no cotidiano da criança, este deve ser frequente e de boa qualidade, fazendo-se necessário a presença e estímulo da família.

Pesquisas no ramo da Psicologia e Ciências Sociais têm sido desenvolvidas de forma a investigar como o lúdico aparece no contexto diário da vida das crianças em situação de pobreza econômica, sabendo que, o lúdico pode ser um promotor da resiliência, da cultura, das relações sociais, entre outros. Assim, analisamos uma pesquisa realizado por Poletto (2005), neste quesito.

Poletto (2005), em sua pesquisa, procurou investigar brinquedos, brincadeiras, tempo e espaço, companhias preferidas pelas crianças, e a visão de seus familiares. Investigou 40 crianças entre sete e dez anos, de duas escolas municipais de Caxias do Sul, tendo como participantes, famílias de nível socioeconômico baixo. Foi utilizado o jogo das sentenças incompletas para familiares/cuidadores e uma entrevista semiestruturada para coleta dos dados sociodemográficos.

Para análise das respostas obtidas das crianças e dos familiares no jogo das sentenças, foi adotado o modelo interpretativo-qualitativo proposto por Alves e Colaboradores:

Que determina os seguintes procedimentos de avaliação das respostas obtidas.
a) Investigação: investiga cada comportamento e a proximidade de sentido que apresentam. b) categorização: através de um estudo minucioso de cada comportamento ou fala dos participantes surgem os agrupamentos validos dos dados: os critérios utilizados para esse agrupamento são exaustividade,

exclusividade e manutenção (ALVES E COLS., 2001, apud POLLETTTO, 2005, p.70).

Os dados sociodemográficos foram analisados de forma a identificar a situação financeira e familiar dessas crianças. Observou-se que, por mais que as situações financeiras das famílias sejam de pobreza, isso não influenciou em nada a frequência escolar dos educandos. A maioria dos pais entrevistados não possui emprego fixo e as mães são do lar, muitas não apresentam o Ensino Médio completo como escolaridade.

Os resultados obtidos nos jogos das sentenças incompletas, mostraram que as crianças relacionam o brincar às atividades e às companhias; enquanto as associações dos pais refletem suas próprias concepções de infância. Os pais identificam o brincar como se a criança não tivesse outra coisa para fazer. Na relação de preferência e desejo, os pais citam os seguintes brinquedos como sendo seus preferidos: industrializados, os jogos e os acadêmicos (brinquedos pedagógicos). Os brinquedos favoritos que obtiveram maior frequência, na opinião das crianças, foram os industrializados, a bicicleta, o patinete e a bola. Foi observado que os pais não possuem muito tempo para brincar com os filhos, pois quando não estão no trabalho estão ocupados com serviços domésticos; “esse dado é preocupante, pois a interação com adultos pode proporcionar a passagem de valores e crenças e fortalecer laços afetivos” (POLLETTTO, 2005, p.72).

Poletto (2005) sugere que sejam feitas novas pesquisas que possam observar as interações ocorridas entre crianças e seus iguais cuidadores e familiares. Assim como, sejam criados programas que favoreçam a interação através do lúdico, abrangendo os diferentes ambientes frequentados pelas crianças. Dessa forma, o lúdico poderá ser um instrumento na mediação das diversas relações.

Volpato (2017), explica que os pais influenciam muito no desenvolvimento das crianças, principalmente no início da vida, quando as experiências infantis se limitam à família. Assim, ao iniciarem na escola, já carregam uma bagagem de informações e trazem significado às brincadeiras.

Com o propósito de conhecer as relações familiares e o brincar, o autor pesquisou a respeito do que os pais pensam sobre os jogos, brincadeiras e brinquedos; os motivos que levam as crianças a gostarem tanto de brincar e, com as respostas, elaborou a seguinte tabela:

Tabela 1 – Razões para o brincar das crianças, atribuídas pelos pais

Porque as crianças brincam	Total	(%)
-----------------------------------	--------------	------------

Não tem compromisso	11	33,3
É uma fase da própria criança	10	30,3
Tem muita energia para gastar	5	15,2
Tem muita liberdade	5	15,2
Descobrir novidades, aprender	1	3,0
Porque são inteligentes	1	3,0

Autor: VOLPATO, Gildo (2017), p. 156.

Através dos resultados, observa-se que 33,3% dos pais pensam que as crianças brincam por não terem qualquer compromisso e para passar o tempo. Isso demonstra uma falta de conhecimento sobre a importância do brincar para as crianças e todos os desenvolvimentos que podem ser adquiridos. Porém, há um percentual alto, de 30,3% daqueles que reconhecem ser algo natural das crianças, de uma fase única da vida. Essa ideia representa um avanço quando comparamos o pensamento do século XII, quando as crianças eram consideradas adultos em miniatura. Em outras respostas, 15,2% dos pais acreditam que as crianças têm necessidade de gastar energia acumulada e outros 15,2%, pensam que, atualmente, elas possuem demasiada liberdade quando comparado ao seu tempo de infância. Apenas 3% considera que o motivo de brincar está relacionado à aprendizagem e descobertas, e 3% porque são inteligentes.

Apesar da maioria das respostas dos entrevistados por Volpato (2017) estarem ligadas a pensamentos mais tradicionais, todos concordaram que o brincar é importante nessa fase da vida. 31% dos pais reconhecem que o brincar e o jogar são significativos para o desenvolvimento do corpo, mente, coragem, rapidez e incentivo. Na tentativa de analisar se as crianças percebem a importância que os pais atribuem para esse processo, as questionaram com: “Teus pais gostam quando tu brincas?”. Os resultados apontaram que 72,7% responderam que “sim” por motivos variados; 27,3% que demonstraram terem dúvidas sobre isso e alguns enfatizaram que os pais valorizam o estudo.

Na pesquisa de Volpato (2017, p. 160), 66,7% dos pais entrevistados não se mostram preocupados em limitar o espaço para brincadeiras das crianças dentro de suas casas. Em contrapartida, 33,3% se preocupam por morarem em ruas movimentadas, próximos a vilas e bairros formados por invasão de terras, além de terem medo da marginalidade e tráfico de drogas. Portanto, os pais reconhecem que as crianças possuem pouco tempo e espaço para brincar.

Entre as 22 crianças pesquisadas, ficou-se claro que todas possuem liberdade para brincar e não são colocadas em situação de trabalho infantil; porém, segundo a Fundação

Abrinq (2017), no Brasil ainda há 2,6 milhões de crianças e adolescentes, entre 5 e 17 anos, que estão submetidas ao trabalho infantil. Sendo assim, não é possível realizar uma generalização, ou seja, é inviável considerar que as crianças pesquisadas representam a realidade de uma região ou mesmo do país.

Abrangendo a relação dos familiares com os momentos em que as crianças brincam, os pais foram questionados se já confeccionaram algum brinquedo para as crianças e se costumavam participar de algum jogo ou brincadeira com elas. Um alto percentual de 81,3% respondeu que sim. No entanto, em relação a mesma pergunta, apenas 47.6% das crianças confirmaram essa resposta. Já em relação a participação dos pais nas brincadeiras, 72% das crianças confirmaram, enquanto 82.4% dos pais disseram que brincam com os filhos sempre que podem (VOLPATO, 2017). Durante a pesquisa, observou-se que alguns pais se preocupam em propiciar ambientes para que possam participar de brincadeiras com seus filhos e até mesmo as crianças confirmaram essa participação.

Existem alguns fatores que, de certa forma acabam influenciando e definindo a escolha dos pais sobre quais jogos e brinquedos disponibilizar às crianças. Para apresentar considerações mais objetivas, foi questionado sobre qual o último brinquedo que os pais deram aos seus filhos e o que os levaram a optar por tal. Foram revelados diferentes critérios para a compra e a maior parte dos pais entrevistados disseram que o brinquedo foi escolhido segundo a vontade do (a) filho (a) e/ou sua insistência.

Segundo Volpato (2017, p.164) “Apenas 11,8% dos pais entrevistados optaram por dar aos filhos algum brinquedo com fins educativos, que ajudasse no desenvolvimento da criança e, em alguns casos, davam um brinquedo diferente daquele que ela havia escolhido.” Outro fator que pode ter influenciado na escolha e compra dos brinquedos é a questão financeira, uma vez que, algumas crianças entrevistadas evidenciaram através de suas respostas, às dificuldades econômicas dos pais. Pelo mesmo motivo, algumas delas não têm muito acesso a brinquedos eletrônicos e demonstram perceber que não poderão possuir certos brinquedos devido aos preços e as condições financeiras dos pais.

Ao serem questionadas sobre quais brinquedos e brincadeiras mais gostam, as crianças apresentaram indícios de influência sobre gênero, principalmente em brincadeiras que representam papéis sociais. A brincadeira mais citada foi “escolinha”, e as próprias crianças revelaram que, por várias vezes, os pais mediam a atividade quando o filho estava no papel de professor, dizendo que aquilo era papel de menina, mostrando

que, desde cedo, as crianças são reforçadas a seguir padrões específicos para cada sexo. Nas respostas dos pais à mesma pergunta, observa-se que eles reconheceram a sua interferência nas brincadeiras dos filhos para indicar, segundo a sua concepção, a qual gênero aquele papel pertence.

PESQUISA

Justificativa

A sociedade contemporânea possui algumas características peculiares como: acesso significativo às tecnologias; conquista do mercado de trabalho pelas mulheres e, em consequência, jornada extensa de trabalho dentro e fora de casa; ampliação da oferta de creches para mães que trabalham; espaços urbanos que se tornaram impróprios para o brincar das crianças, diminuição do tempo em família para refeições, entre outras. Tais observações provocaram alguns questionamentos que nos conduziram aos estudos apresentados nesse artigo.

É possível observar que indivíduos de classe social baixa ocupam-se constantemente com a busca de renda para equilibrar sua situação financeira, gerando grandes jornadas de trabalho e responsabilidades com os afazeres domésticos, dessa forma, tornando-se difícil usufruir de tempo para interação com os filhos. Da mesma forma ocorre com as classes médias ou altas, porém, além de muito tempo fora de casa, trabalhando, há o investimento em ocupações extracurriculares para os filhos, que ficam com agendas repletas de compromissos e sofrem com a pressão para atingir objetivos desde muito cedo. Tanto numa situação como em outra, todas as famílias, independentemente do nível socioeconômico, estão sujeitas à desfrutar de poucos momentos destinados às relações familiares, especialmente o brincar com as crianças.

Problema

Sendo assim, o problema central desta pesquisa permeia-se sobre as questões: Os pais brincam com seus filhos? Qual o nível de engajamento dos pais sobre a participação das brincadeiras de seus filhos? Eles compreendem a importância do brincar para a criança?

Objetivo

Como objeto de estudo neste artigo buscamos:

Conhecer e descrever o que pais e mães pensam e como agem em relação ao brincar.

Instrumento e amostra

Com a preocupação em descobrir o envolvimento dos pais e/ou mães no momento de brincar com os filhos; se eles julgam necessária a participação do adulto durante o brincar da criança; quais as formas de usufruírem das horas de lazer em família e qual incentivo é fornecido às crianças para que brinquem ou façam atividades que não sejam relacionadas somente ao uso da tecnologia, desenvolvemos um questionário para ser aplicado aos pais.

O questionário foi composto por nove perguntas abertas e onze fechadas a fim de conhecer a estrutura familiar e suas concepções com relação ao brincar e para isso foram abordadas famílias com pais e filhos de diferentes faixas etárias, níveis sociais e culturais.

A amostra foi composta por 14 pais e mães com idades entre 25 à 45 anos, com filhos entre 2 e 14 anos. Todas as famílias moradoras da Região Metropolitana de Campinas.

Partindo da coleta dos resultados obtidos no questionário, foi realizado um levantamento de dados e análise de estatísticas.

Várias perguntas foram respondidas com dois ou mais itens, por isso, o total da frequência ultrapassa 14, que é o número de pais que participaram da pesquisa.

Análise dos resultados e discussão

Nas entrevistas, identificou-se que 28,5% dos pais possuem graduação; 57,2%, Ensino Médio e 14,3% o Ensino Fundamental. Passam em média 6 a 8 horas por dia fora de casa. Cerca de 42,85% dos pais acreditam que o tempo que passam com seus filhos é bom, e 35,71% acreditam que o tempo que passam é regular, porém ambos passariam mais tempo juntos caso fosse possível, passeando, brincando e conversando.

Identificou-se que 50% das crianças realizam atividades extracurriculares como inglês, natação, capoeira, futebol e informática. E, aos finais de semana, frequentam lugares como casa de familiares e amigos, parques, shoppings, restaurantes e outros.

Em geral, todos os pais consideram o brincar uma atividade de grande importância para o desenvolvimento de seus filhos e acrescenta ser uma prática que contribui para a formação humana.

Verificou-se que as crianças interagem frequentemente com jogos eletrônicos, e tablets, principalmente os que possuem idade entre 4 e 11 anos.

Através das respostas, observou-se que os pais julgam necessário haver equilíbrio na escola entre as disciplinas e brincadeiras, para que a crianças não se sintam pressionadas por excesso de conteúdos e também não passem demasiadas horas livres.

a) Sobre tempo e disponibilidade

Referente a pergunta sobre a disponibilidade de tempo dedicado a momentos de brincadeiras com seus filhos, os pais acreditam ser “boa”. Observa-se que nenhum dos pais entrevistados julgou sua disponibilidade como ruim, levando em consideração o tempo que passam fora de casa durante a semana e o desejo de passar mais tempo junto com seus filhos.

Tabela 2 – Disponibilidade de tempo para ficar com o filho

Resposta	Frequência	Percentual
Muito Boa	2	14,28%
Boa	7	50%
Regular	5	35,71%
Ruim	0	0%

Fonte: As autoras.

Tabela 3 – Percepção sobre o tempo que passa com o filho

Resposta	Frequência	Percentual
Sim	9	64,58%
Não	5	35,71%

Fonte: As autoras.

Tabela 4 – Tempo fora de casa durante a semana

Resposta	Frequência	Percentual
40 à 60 horas	8	57,14%
20 à 36 horas	3	21,42%
12 horas	1	7,14%
0 horas	2	14,28%

Fonte: As autoras.

Tabela 5 – O que faria se ficasse mais tempo junto com o filho

Resposta	Frequência	Percentual
Brincar	08	25,80%
Passar	10	32,25%
Parques	03	9,67%
Outros	10	32,25

Fonte: As autoras.

Para realizar a tabulação dos resultados do quesito “outros”, utilizado na tabela 5, foram agrupados itens com apenas uma frequência de resposta, representando: ir à piscina, shopping, realizar os deveres de escola, assistir à TV, conversar, etc. A soma total dos resultados obtidos é superior ao número de entrevistados por terem sido admitidas respostas múltiplas.

b) Sobre a rotina e preferência dos filhos

Pertinente a pergunta sobre as atividades extracurriculares realizadas pelas crianças, identificamos mais de uma resposta e notamos que os filhos se ocupam com as atividades durante o tempo em que seus pais estão ausentes por motivo de trabalho. Também identificamos a preferência das crianças quando estão em casa, os lugares que frequentam aos finais de semana e as suas brincadeiras preferidas.

Tabela 6 – Atividades extracurriculares das crianças

Resposta	Frequência	Percentual
Natação	2	12,5%
Futebol	2	12,5%
Outros	4	25%
Nenhuma	8	50%

Fonte: As autoras.

Tabela 7 – Locais que costuma sair com o filho aos finais de semana

Resposta	Frequência	Percentual
Shopping	6	19,35%
Casa de familiares e amigos	7	22,58%
Parque	8	25,80%
Outros	10	32,25%

Fonte: As autoras.

Tabela 8 – Atividades que o filho gosta de fazer em casa

Resposta	Frequência	Percentual
Brincar	6	28,57%
Eletrônicos	11	52,38%
Outros	4	19,04%

Fonte: As autoras.

Tabela 9 – Conhecimento dos pais sobre as brincadeiras que o filho gosta

Resposta	Frequência	Percentual
Jogar bola	9	34,61%
Pega-Pega	3	11,53%
Pipa	3	11,53%
Outros	11	42,30%

Fonte: As autoras.

Para realizar a tabulação de resultados do quesito “outros”, foram agrupados itens com apenas uma frequência de resposta. Na tabela 6 o item “outros” se refere a inglês, teatro, informática, judô, violão, capoeira, etc. Na tabela 7, refere-se a atividades como ir à igreja, andar a cavalo, soltar pipa, ir a pescueiros, clubes, restaurantes, etc. Na tabela 8, consiste em jogar bola, soltar pipa, pinturas com guache e desenhar a família. Na tabela 9, resume-se em brincar de casinha, esconde-esconde, jogos de Xbox e celular, brincar de carrinho, etc. A soma total dos resultados obtidos é superior ao número de entrevistados, por terem sido admitidas respostas múltiplas.

c) **Sobre brinquedos e brincadeiras**

Observamos respostas semelhantes entre os pais sobre o que brincavam na infância e, algumas dessas brincadeiras, também são as mesmas das crianças, as quais foram ensinadas pelos pais.

Questionamos também sobre a sua participação e observação durante as brincadeiras dos filhos e identificamos que a maioria participa ativamente desses momentos. Quando perguntados se consideravam as brincadeiras na escola uma prática importante, muitos concordaram e ainda justificaram ser importante para o desenvolvimento das crianças.

Tabela 10 – Brincadeira da infância dos pais

Resposta	Frequência	Percentual
-----------------	-------------------	-------------------

Jogar bola	7	21,21%
Pega-Pega	7	21,21%
Esconde-esconde	6	18,18%
Outros	13	39,39%

Fonte: As autoras.

Tabela 11 – Brincadeiras ensinadas de pais para filhos

Resposta	Frequência	Percentual
Pipa	3	14,28%
Jogar bola	4	19,04%
Jogo da velha	2	9,52%
Pega-pegas	2	9,52%
Outros	10	47,61%

Fonte: As autoras.

Tabela 12 – Participação/observação do pai enquanto o filho brinca

Resposta	Frequência	Percentual
Observa	1	7,14%
Participa	11	78,57%
Ambos	2	14,28%

Fonte: As autoras.

Para realizar a tabulação dos resultados no quesito “outros”, foram agrupados itens com apenas uma frequência de resposta. Nas tabelas 10 e 11, o mesmo item diz respeito a brincadeiras como rouba bandeira, bets, pular elástico, carrinho, bicicletas, etc. A soma total dos resultados obtidos é superior ao número de entrevistados, por terem sido admitidas respostas múltiplas.

d) Sobre horários reservados na escola para brincar

Foi apresentado aos pais uma situação hipotética para que eles se posicionasse quanto ao tema brincar na escola. A situação foi a seguinte: Uma família foi questionada pela escola sobre o que achava de a criança ter alguns horários reservados durante a semana para brincar e melhor se desenvolver. Esta família discordou, porque a criança perderia conteúdos importantes para a aprendizagem e ela precisava entender que a vida não é só brincar. Você concorda com esse posicionamento?

Analisando as respostas obtidas pelos pais, constatou-se que 100% dos entrevistados acreditam na importância do tempo reservado ao brincar, demonstrando ter o conhecimento sobre o seu benefício para o desenvolvimento das crianças, porém ressaltando que este tempo deve respeitar a rotina e horários específicos para conteúdo.

Tabela 13 – Se brinquedos e brincadeiras contribuem para o desenvolvimento da criança.

Resposta	Frequência	Percentual
Sim	14	100%
Não	0	0%

Fonte: As autoras.

Entre as diversas justificativas apresentadas nesta questão, surgiram respostas frequentes como: “É através do brincar que as crianças irão aprender a compartilhar, ganhar e perder”; “As brincadeiras ensinam a respeitar regras e a conviver com os outros colegas”, com isto podemos perceber que os pais possuem, então, alguma concepção sobre o brincar e seus benefícios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme conceito de Borges (2008) o brincar é essencial ao desenvolvimento da criança e a prática lúdica é valiosa na interação entre pais e filhos. Isso pode e deve ocorrer em qualquer tipo de ambiente, seja dentro do lar, da escola ou em situações específicas. Borges realizou uma pesquisa dentro de um ambiente lúdico em um hospital público e analisou quais seriam as interações de 22 crianças com seus pais ou responsáveis.

Foram observados os estados interacionistas das crianças com brinquedos e brincadeiras escolhidos, e a participação dos genitores durante o brincar. Utilizando-se a classificação proposta por PARTEN (1932),

Desculpado: quando a criança, aparentemente, está “fazendo nada”; geralmente ocupa-se em olhar outras crianças brincando.

Solitário: quando a criança brinca sozinha e independentemente, tomando distância ou não fazendo nenhum esforço de aproximação de outra criança ou do adulto.

Paralelo: quando a criança brinca independentemente, porém com atividades relacionadas às das outras crianças.

Associativo: quando a criança brinca com outras crianças, conversando sobre temas comuns da atividade e trocando brinquedos.

Cooperativo: quando a criança assume um comportamento de ajuda ao outro, a partir de um estímulo de assistência ou pela possibilidade de se obter alguma recompensa. (PARTEN, 1932, apud. BORGES 2008, p. 123).

Foi observado que os participantes, em nenhum momento, se dirigiam a área livre do hospital, embora houvesse tempo e as condições climáticas estarem favoráveis. As crianças, ao entrarem na sala de recreação, preferiam os videogames, televisão ou computador e os pais preferiam leituras periódicas. Não havia nenhum tipo de interação entre os pais e filhos, as raras interações foram baseadas somente em sanar alguma dúvida sobre como manusear algum tipo de brinquedo com o brinquedista.

De acordo com BORGES (2008):

O que lhe impressionou foi a prevalência do ato solitário ao brincar e a permanência, quase sempre, como espectadores, sem possibilidades concretas na construção de conhecimentos sobre as práticas sociais e suas representações. Analisamos este comportamento como resposta ao mundo contemporâneo, que apresenta um bombardeio de anúncios em uma espécie de guerra mercadológica para a venda de brinquedos industrializados, com os quais a criança não precisa de companheiros para brincar. E, entre os adultos, existe a crença de que oferecendo esse tipo de entretenimento, as crianças serão favorecidas, já que permanecem horas e horas comportadas (BORGES, 2008, p. 124).

Diante do cenário da pesquisa é possível observar quantas oportunidades de interação foram desperdiçadas pois, pais e filhos poderiam explorar os diversos materiais como, massa de modelar, brincar livremente com os objetos dispostos, discutir assuntos sobre o interesse da criança, aprender a conviver e compartilhar conhecimentos e descobertas, entre muitas outras opções.

Muitos adultos demonstram dificuldades em brincar com as crianças, devido a forma com que foram ensinados em sua infância ou até mesmo por receio e/ou vergonha de demonstrar o lúdico. Foi observado, frequentemente nas pesquisas de Volpato (2017) e Borges (2008), que muitos adultos não valorizam o brincar como sendo promotor de aprendizagens, culturas e das interações sociais.

No entanto, associando tais dados coletados à pesquisa realizada no presente artigo, nota-se que os pais, em geral, possuem consciência da importância do brincar para as crianças e há participação ativa da família durante as brincadeiras. Porém, devido as rotinas corridas, jornadas de trabalho extensas, tempo de transporte utilizado para o deslocamento e horas comprometidas por afazeres extras, disponibilizam poucos momentos para a interação em família, seja em forma de diálogo, brincadeiras ou até mesmo execução de atividades rotineiras em conjunto. Para agravar a situação, os

equipamentos eletrônicos são responsáveis por um certo isolamento social tanto da criança, quanto dos pais, que ficam imersos no mundo virtual. Constatou-se também que as crianças, por sua vez, têm se adaptado a este novo modelo de sociedade, onde a tecnologia substitui algumas brincadeiras e a interação social, limitando a formação do diálogo, trocas entre pares, aprendizagem das regras de convívio importantes para o seu desenvolvimento.

Como visto na pesquisa de Borges (2008), os pais foram avaliados através do método de observação, onde todos os aspectos foram demonstrados de forma natural, relevando a real interação entre pais e filhos. Em contrapartida à pesquisa deste artigo, onde o questionário foi aplicado, notou-se que os pais demonstraram ter respostas superficiais, pois ao serem indagados com certas perguntas diretas, a vergonha ou a sensação de julgamento em relatar a realidade dos acontecimentos de sua família, os influenciam a respondê-las de forma que melhor sejam julgadas pela visão de outros. Talvez, por esta questão, as repostas obtidas aqui demonstraram ser controversas às obtidas nas pesquisas de Volpato (2017) e Borges (2008). Provavelmente, se utilizado um outro tipo de instrumento de investigação, como a observação direta ao invés de questionário, poderíamos observar respostas que melhor descrevessem a interação com os filhos.

Contudo, os resultados obtidos foram positivos para a construção do conceito sobre a concepção do brincar para a família, pois foi possível constatar que os entrevistados consideram o brincar uma atividade de grande importância para o desenvolvimento de seus filhos e acrescentam ser uma prática que contribui para a formação humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, P., KOLLER, S., SILVA, M., SANTOS, C., Silva, A., REPPOLD, C. & PRADE, L. (2001). Brinquedo, trabalho, espaço e companhia de atividades lúdicas no relato de crianças em situação de rua. **Psico**, 32(2), 47-71.

BORGES, A. L. A. A criança, o brincar e a interação entre pais e filhos. **Rev. Ed. Popular, Uberlândia**, v. 7, p.120-126, jan./dez. 2008.

DEWEY, John. **Democracia e educação**. Introdução à filosofia da educação. São Paulo: Nacional, 1979.

FERMIANO, M. A. B. **Pré-adolescentes (“tweens”) – desde a perspectiva da teoria piagetiana à da Psicologia Econômica**. 2010. 491f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

FONTANA, R.; CRUZ, M. N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

POLETTI, R. C. A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 67-75, jan./abr. 2005.

VOLPATO, Gildo. **Jogo, brincadeira e brinquedo: usos e significados no contexto escolar e familiar**. 2. ed. Criciúma, SC: UNESC; São Paulo: Annablume, 2017.

RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L. V. C. Significados de Família para crianças paulistas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 3, p. 447-455, jul./set. 2008

VYGOTSKY, L.S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. Martins Fontes - São Paulo. 5ª edição, 1994.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro. 1975, p. 80. Coleção Psicologia Psicanalítica.

A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR

Débora Ferraz de Campos¹

Beatriz Cristina de Godoi Reis²

Ester Novelette³

Profa. Ms. Helena Prestes do Reis⁴

RESUMO

Não se pode negar que, a cada dia, a tecnologia tem ganhado um enorme espaço, ajudando e simplificando diversas tarefas. Dentro da educação, já existem diversas iniciativas que buscam realizar a inclusão de recursos tecnológicos como ferramentas de aprendizagem, como por exemplo, o ProInfo. Essa pesquisa teve como objetivo questionar e analisar o uso de recursos tecnológicos como ferramenta de auxílio no desenvolvimento e aprendizagem dentro do currículo proposto pelo BNCC. Pretendeu-se mostrar também que os recursos tecnológicos podem vir a ser úteis na formação do ser humano, ajudando na compreensão de conteúdo, desenvolvimento de pensamento lógico e mental. A seguinte pesquisa contou com uma fundamentação teórica de diversos autores que pesquisaram e dissertaram sobre esse tema. Dentro do presente trabalho também se encontra a coleta de dados feita com o corpo docente de uma escola localizada na região do município de Nova Odessa sobre o uso de recursos tecnológicos.

Palavras chaves: tecnologia, professor, educação, recursos tecnodigitais.

ABSTRACT

It cannot be denied that, every day, technology has gained a lot of space, helping and simplifying various tasks. Within education, there are already several initiatives that seek to realize the inclusion of technological resources as learning tools, such as ProInfo. This research had the objective of questioning and analyzing the use of technological resources as a tool to aid in the development and learning within the curriculum proposed by BNCC. It was also intended to show that technological resources can be useful in the formation of the human being, helping in the understanding of content, development of logical and mental thinking. The following research had a theoretical basis of several authors who researched and lectured on this topic. The present work also includes the data collection made with the faculty of a school located in the region of the municipality of Nova Odessa on the use of technological resources.

Keywords: technology, teacher, education, technological resources.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo cada vez mais conectado, é impossível não vermos que a relação tecnologia e educação estão cada vez mais próximas e visíveis aos olhos e, não pode negar a existência de novas ferramentas tecnológicas possuem um enorme potencial em promover uma educação de equidade e qualidade, além de transformar e aproximar a escola e o universo de um indivíduo. Para que se possa promover uma educação de equidade e qualidade, os responsáveis pela educação precisam olhar para dentro de suas redes e buscar entender como o atual modelo de ensino, o nível de formação dos professores, o uso de recursos tecnológicos e digitais e a atual infraestrutura precisam se adaptar para que se possa transformar o ensino e abrir avanços no percurso tecnológico e digital.

Segundo Cintra (2013), o Brasil se tornou uma das sete maiores economias do Mundo, porém, esse mesmo resultado não consegue ser repetido na Educação. Os resultados mostrados através do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) indicam que os índices são preocupantes, mostrando que a cada ano, tudo tem piorado o que vêm se tornando uma grande preocupação, não somente para professores, mas também para governantes.

O conceito geral da tecnologia é compreender que tudo que está a nossa volta é construído totalmente pelo homem através de recursos totalmente naturais, pelo qual se realizam através de atividades com o objetivo de transpor certas "barreiras" impostas pela natureza. Assim, a linguagem, a escrita, e os pensamentos podem ser considerados como forma de tecnologia. Contudo, talvez nós, seres humanos, não percebemos o quanto somos totalmente dependentes dessa área, e o quanto ela acabou se tornando parte do nosso processo social, como ferramentas mediadoras de todas as nossas ações.

No entanto, com todo esse avanço na tecnologia, pôde ser percebido que ela possibilitou a criação de diversas maneiras para as aulas poderem ser totalmente dinâmicas, eficiente e também inovador tanto para a vida do professor como para o processo de aprendizagem do educando, fazendo com que a relação entre professor-aluno seja totalmente diferente.

Compreender que a tecnologia não veio somente para informar coisas prejudiciais na vida tanto de crianças como de adultos, pelo contrário, ela pode ser muito eficiente podendo abrir campos nas relações de ensino. Se soubermos usá-la corretamente principalmente dentro da sala de aula, ela será uma ferramenta de extrema importância para a vida do aluno, de forma mais animadora e mais interessante, no qual o professor pode preparar diversas brincadeiras e atividades baseadas na dificuldade daquele aluno e assim sua aprendizagem será mais eficiente, ficando interessante e tornando a sala de aula um ambiente interessante no sentido significativo.

2. Revisão bibliográfica

No histórico da inserção das tecnologias na educação, é possível ver a grande importância do mesmo tanto na educação quanto na vida em sociedade. Lima (2012) diz que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) contribuem nas escolas

públicas, no âmbito de democratização do ensino tanto para alunos quanto para professores. As primeiras tentativas de uso de tecnologias na área educacional ocorreram há 40 anos dentro das universidades federais. Valente (1997) relata que no ano de 1973 na UFRJ, o Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde e o Centro Latino-Americano de Tecnologia Educacional (NUTES/CLATES) fez uso de computadores dentro do curso de Química para demonstrar e simular experimentos. No entanto, só ocorreu uma implantação de um programa de informática na educação no Brasil após o primeiro e segundo Seminário Nacional de Informática em Educação, realizado na Universidade de Brasília em 1981 e na Universidade Federal da Bahia em 1982. Esses seminários criaram um programa de atuação que, deu origem ao EDUCOM. Esse programa possuía uma sistemática de trabalho diferente de diversos outros programas educacionais começados pelo MEC. MORAES (1997) diz que o projeto pretendia produzir uma nova filosofia sobre o uso de computadores na educação, dentro das áreas de Matemática, Física, Química, Biologia e Letras (Língua Portuguesa). A proposta do programa era de que o computador se tornasse uma ferramenta de aprendizagem. Nesta visão, a aprendizagem que ocorria do uso do computador, se transformaria em uma aprendizagem dada através da exploração e descoberta, cabendo ao aluno, um papel ativo de construtor de sua própria aprendizagem. Segundo Conceição (2001):

O desenvolvimento das tecnologias e a formação docente sempre chamou a atenção de todos os estudiosos da área, no sentido de que, mudanças constantes, são necessárias para atender as transformações culturais e sociais que ocorrem sociedade. (CONCEIÇÃO, 2001, p.3).

A tecnologia educativa teve seu breve início no campo de estudo e como disciplina acadêmica nos EUA a partir da década de 40. Sua dimensão nas últimas décadas está sendo muito acelerada e com isso está trazendo contigo diversos desafios e também diversas oportunidades, tanto no nível individual como na sociedade. Todas essas mudanças estão afetando em particular, a educação em si, que se vê frente a necessidade de lidar com diversas questões desencadeadas pela presença cada vez mais intensa das TIC's no cotidiano, seja ela, preparar as pessoas para um aproveitamento total dessas tecnologias, seja também para poder desenvolver metodologias e práticas capazes de introduzir mais conhecimentos e aprendizagens no meio pedagógico. Segundo Kenski (2012), citado por Conceição (2001):

[...] a expressão “tecnologia” diz respeito a muitas outras coisas além das máquinas. O conceito tecnologia engloba a totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro humano conseguiu criar em todas as épocas, suas formas de uso, suas aplicações. (KENSKI, 2012, p. 22, apud CONCEIÇÃO, 2001).

Segundo Vergütz (2015) antigamente, o jogo não era considerado uma atividade pedagógica ou educativa, não era levado em consideração seu caráter formativo. Hoje, seu valor educativo é aceito pela sociedade e para promover a aprendizagem sendo frequentemente usado na dinâmica da sala de aula. Isso significa que há uma valorização do lúdico como fonte de realização pessoal, física e mental, assim as novas pedagogias fomentam a atividade lúdica ao considerá-la um meio de educação, amadurecimento e aprendizagem, à qual o professor não pode nem deve renunciar.

Existem muitas iniciativas que buscam mostrar os benefícios do uso da tecnologia e recursos digitais na educação, podendo ressaltar três deles: o “Porvir”, o CIEB e o PROINFO. O Porvir se trata de uma iniciativa que busca informar e mobilizar socialmente sobre o uso de tecnologia e recursos digitais dentro da educação. Os responsáveis pelo site “*Porvir*” mapeiam, produzem, difundem e compartilham referências sobre inovações educacionais, que devem servir de inspiração de melhorias na qualidade de educação nacional e incentivar a sociedade e a mídia pedir por melhorias e inovações educacionais. Dentro deste centro de informações, estão qualificadas algumas possibilidades de ferramentas e outros adereços tecnológicos que podem ser usados dentro das redes de ensino, eles qualificam sete recursos tecnológicos:

Objetos digitais de aprendizagem: se referem a recursos que buscam apoiar a prática pedagógica dentro e fora de sala de aula, jogos, animações, simuladores e vídeo aulas são qualificados nesse recurso. Esses recursos podem ser utilizados por professores para facilitar a aprendizagem, usando os mesmos para trabalhar conteúdos e competências, auxiliando em planejamento de atividades mais criativas, despertando o interesse dos alunos. Esses mesmos recursos podem ser utilizados pelo estudante fora do ambiente escolar e por suas famílias para estudar e aprender fora da escola;

Plataformas: se referem a ambientes online, que facilitam na troca de informações e no acompanhamento da aprendizagem de cada aluno. É possível armazenar e publicar conteúdo, acompanhar o processo dos alunos e realizar interações entre os mais diversos agentes de um processo educativo, abrindo espaço para a criação de cursos na modalidade EAD, servindo como um gancho ao ensino presencial;

Ferramentas de gestão: se referem a ferramentas que auxiliam na organização da sala de aula, tanto dentro quanto fora. Essas ferramentas permitem que os gestores e professores de uma escola economizem tempo com processos burocráticos, automatizando os mesmos. Existem ferramentas de gestão que facilitam a organização do financeiro da instituição, aprimoram tarefas e realizam o monitoramento do desempenho dos alunos;

Tecnologias imersivas: se referem a ferramentas que possibilitam um envolvimento maior dos alunos e produzem oportunidades para interajam com conteúdos de forma mais engajada. Através de imagens virtuais, esses dispositivos de realidade ampliada melhoram as experiências que misturam o mundo real com o mundo virtual.

Ferramentas de experimentação: se referem a ferramentas que possibilitam o aluno desenvolver produtos e projetos. Nos processos de educomunicação, por exemplo, os alunos trabalham com ferramentas de autoria e produção audiovisual. Essas atividades ajudam no desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais, desenvolvendo habilidades de comunicação.

Ferramentas de comunicação: se referem a ferramentas que facilitam a interação entre agentes do processo de educação. Essas ferramentas buscam estimular trocas de informações entre professores e alunos. Com ferramentas para o engajamento de familiares é possível aproximar pais da escola, enviando recados e comunicados sobre lições e provas.

Ferramentas de produtividade: se referem a ferramentas que simplificam o dia a dia de professores e alunos. Através destas ferramentas são oferecidos recursos que facilitam tarefas e auxiliam na organização de arquivos. Editores de texto, fotos, vídeos e áudio oferecem o suporte para diferentes atividades. As plataformas de criação de formulários, planilhas, apresentações e infográficos trazem recursos para preparação de materiais de aula e desenvolvimento de trabalhos.

Outro programa que se pode destacar é o CIEB. Segundo o próprio site do programa, criado em 2016, o Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB) se trata de uma organização sem fins lucrativos, que atua formulando conceitos, desenvolvendo protótipos e disseminando conhecimentos sobre o uso de tecnologia nas escolas de nível básico. Essa organização busca atuar com o objetivo de impulsionar uma transformação na educação de forma organizada, fazendo isso por meio da inovação e do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's). O CIEB possui uma metodologia que através de trocas de experiências e apoio a escolas da rede pública de ensino, construir planos de inovação e de tecnologia educacional. O CIEB possui cinco programas de atuação:

- ✓ **Guia EduTec:** se trata de um guia que mostra em processo estruturado, identificação de prioridades e criação de planos que atendam às necessidades, baseado nas informações da rede de ensino onde o mesmo é aplicado.
- ✓ **CONECTE-C:** se trata de encontros que promovem o diálogo e interação entre os mais diversos atores da inovação na educação pública, reunindo educadores, empreendedores, representantes de setores público e privado e demais pessoas que desejam inovações na educação.
- ✓ **EfeX:** se trata de um espaço de formação e experimentação de tecnologias para professores.
- ✓ **Rede IEB:** se trata de uma rede que busca inovar a educação brasileira, tendo como objetivo criar conexões entre centros de pesquisa, especialistas, organizações sem fins lucrativos e as redes públicas de ensino.
- ✓ **Plataforma EduTec:** se trata de uma ferramenta de busca de tecnologias educacionais, tendo foco em gestores educacionais, visando aproximar demandas e ofertas.

Por último, o programa que se pode destacar é o PROINFO (Programa Nacional de Tecnologia Educacional). Trata-se de um programa criado em 1997 pela Secretaria de Educação a Distância do Ministério de Educação (MEC) tendo como objetivo introduzir a tecnologia de informática na rede pública de ensino. O PROINFO tem como princípio a ideia de que a informática educativa é uma forma de aproximar a escola dos atuais avanços tecnológicos que estão ocorrendo. Esse programa desde o Ensino Fundamental I até o Ensino Médio e tem como base, uma unidade da federação e Núcleos de Tecnologia Educacional. Um dos principais propósitos do PROINFO capacitar recursos humanos, visando oferecer profissionais qualificados para trabalhar com informática dentro da educação e tendo ao mesmo tempo, capacidade de prestar suporte técnico às soluções de hardware e software instaladas nas escolas.

3. METODOLOGIA

Essa pesquisa se qualifica qualitativa na perspectiva da no uso de tecnologia no Ensino Fundamental I no município de Nova Odessa. Foi elaborada uma coleta de dados em uma escola da região através de um levantamento de dados com perguntas fechadas, para quatorze professores dessa escola e se fez um estudo em campo com um aluno matriculado na escola. A pesquisa qualitativa se refere a um método de investigação científica que possui foco no caráter subjetivo do objeto de estudo do trabalho, fazendo um estudo de suas particularidades.

Segundo o *site* “Significados” (2010), na pesquisa qualitativa, as respostas analisadas não são objetivas e o foco não está na contabilização de quantidades, mas sim em entender o comportamento do objeto de estudo. Nas pesquisas de caráter qualitativas são realizadas com números pequenos de dados com o intuito de analisar a qualidade e vale ressaltar, que essas pesquisas, a opinião do pesquisador deve estar integrada. Quando se escolhe esse tipo de investigação, certamente o objetivo é buscar entender o porquê das coisas. Deve-se sempre ater ao fato que as pesquisas de caráter qualitativo não substituem as pesquisas de caráter quantitativo, mas sim, servem como complementos.

Segundo o *site* “Conceito.de” (2012), um questionário é um conjunto de perguntas que são feitas para que se possa encontrar um objetivo específico. Existem diversas formas e estilos de questionário, cada um com seu diferencial e finalidade. O questionário se diferencia no formulário no quesito de que este pode ser tanto impresso quanto virtual, possuindo campos próprios para respostas e, o mesmo não busca se importar tanto com as informações pessoais daquele que preenche o questionário. Em suma, o questionário se diferencia muito das outras ferramentas de coletas de dados, pois, ele é objetivo, claro, rápido, eficiente e sempre cumpre com o que esperado pelo pesquisador. Segundo os *sites* “InfoEscola” (2006) e “Insper” (2014), o estudo de caso se consiste em um método qualitativo de pesquisa em que, geralmente é utilizada com o objetivo de se aprofundar em uma unidade, ela serve para responder questionamentos do pesquisador quando não se tem o total controle do objeto ou fenômeno estudado. Esse método contribui para que se possa compreender melhor processos, fenômenos, processos e atitudes individuais.

A análise de dados deste trabalho foi feita através de dois métodos, sendo o primeiro, a aplicação de um questionário em 14 professores regentes e especialistas do 1º ao 5º ano de uma escola da rede pública da região e um estudo de campo com um aluno de 11 anos matriculado na mesma escola. O questionário contém 10 perguntas fechadas, que questionavam sobre a tecnologia que os mesmos utilizavam em sala de aula. As perguntas abordam o sobre o conhecimento de uso da tecnologia, uso da mesma em aula, se não fazia o uso, o porquê disso, se o profissional realizaria um curso sobre Educação e Tecnologia e sobre o potencial da rede pública acompanhar o avanço tecnológico.

4. Análise de dados

Durante a análise de dados, foi realizada a aplicação de um questionário. O principal objetivo era saber como os professores faziam uso dos recursos tecnológicos disponíveis na instituição. O questionário possuía cinco perguntas de caráter fechado, focadas no tema deste trabalho e, todos os professores entrevistados foram orientados em

relação ao tema e sobre o que aconteceria com dados colocados no questionário. As perguntas eram as seguintes:

- Você sabe utilizar recursos tecnológicos e digitais?
- Você utiliza recursos tecnológicos e digitais em suas aulas?
- Se não utiliza, por que não?
- Se fosse oferecido um curso com o tema **EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA**, você realizaria o curso?
- A rede pública de ensino tem potencial para acompanhar o avanço tecnológico?

Observando os dois primeiros gráficos a seguir, vemos que por mais que os professores entrevistados tenham mais de vinte anos dentro da Rede Pública de ensino e que os mesmos também apresentaram conhecimento no manuseio desses aparelhos tecnológicos digitais. Enquanto os professores realizavam o questionário, foi perguntado como eles utilizavam e, muitos responderam que faziam o uso durante esses recursos de forma básica, digitando Atas de Conselho de Classe, pesquisa de atividades ou em outras atividades de rotina. Durante a aplicação, muitos disseram que ainda estão desacostumados com as tecnologias e suas mudanças e, relataram que a cada dia, fica mais difícil acompanhar seus avanços e muitos ainda alegaram ter medo de ficarem para trás neste quesito.

Tempo de trabalho na Rede Pública do município



Gráfico 1: mostra o tempo de trabalho dentro da rede pública de ensino. Como podemos ver, os professores apresentam mais de vinte anos de trabalho dentro da rede.

Conhecimento no manuseio de recursos tecnológicos e digitais

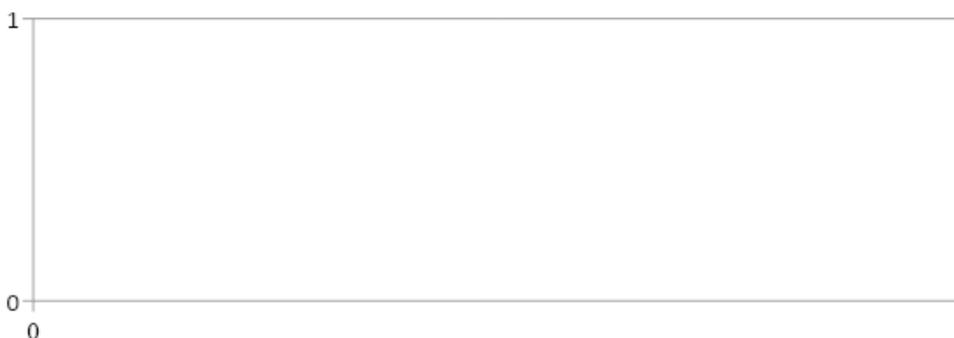


Gráfico n°2: mostra a quantidade de professores que sabem fazer uso de recursos tecnológicos e digitais. Como vemos, a grande maioria dos profissionais entrevistados sabem utilizar os recursos.

Nos dois gráficos a seguir vemos a utilização do uso de recursos em sala de aula e a justificativa optada por aqueles que alegaram não usar recursos. Como vemos, muitos profissionais justificaram que não utilizam por falta de um objetivo pedagógico para uso. Os que alegaram usar recursos, diz que fazem uso da sala de vídeo, o que para o grupo, não é tipo de recurso que esperávamos que eles dissessem. Os mesmos também disseram que normalmente fazem uso da “sala de vídeo” como uma atividade recreativa, sem fundamentação pedagógica, o que deixa essa tecnologia, a nosso ver, sem propósito e apenas como uma ferramenta de distração para os professores, quando necessitam de tempo para realizar atividades burocráticas ou de descanso.

Utilização de recursos tecnológicos e digitais em aula

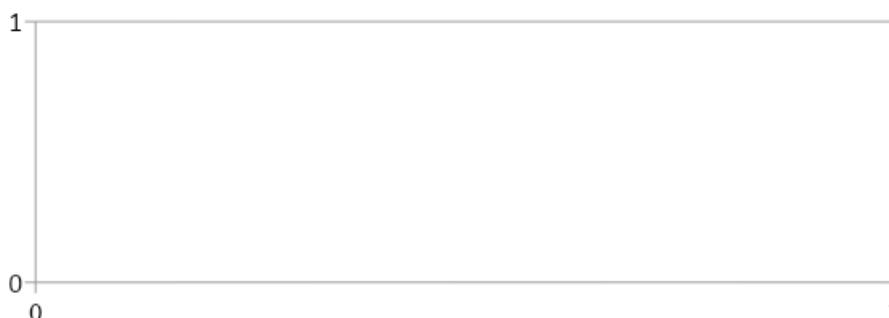


Gráfico n°3: mostra o uso por parte dos professores entrevistados de recursos tecnológicos e digitais durante as aulas. Como vemos, existe uma quantidade até que considerável de usuários de tecnologia, porém, a quantidade de não usuários é maior.

Justificativa para o não uso de recursos tecnológicos e digitais em aula

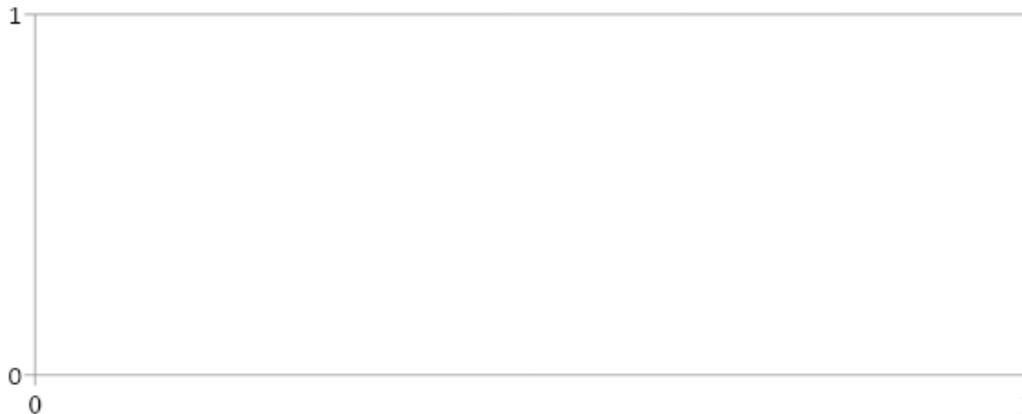


Gráfico n°4: mostra a justificativa apresentada pelos professores para não utilizar os recursos em aula. A maior resposta foi que o fato de utilizar tecnologias não possui objetivo pedagógico.

Nos dois gráficos a seguir, vemos o interesse dos professores em um curso que mostra o uso de tecnologias na educação e a perspectiva da rede pública acompanhar o avanço tecnológico. Vemos que, nesses dois gráficos, um justifica o outro. Poucos foram os professores apresentaram interesse em um curso sobre “Tecnologia e Educação”, da mesma forma que foram poucos que acreditam em uma melhora na educação. Se observarmos, em um total de 14 professores entrevistados, apenas dois possuem uma perspectiva de melhora, o que é algo preocupante. Durante essa coleta de dados, muitos professores ficaram intrigados com a escolha do tema, dizendo até que se tratava de um tema “ousado” para. Houve muitos professores também que por mais que se buscasse mudar o atual sentido da Educação, seria difícil e provavelmente uma luta sem o fim esperado. Através de dados, pode-se concluir que enquanto os professores não apresentarem perspectivas de melhora e, não buscarem melhorar, não ocorrerá melhorias. Por mais que a Educação acompanhe o avanço tecnológico, enquanto os professores não tiverem interesse e vontade de acompanhar, nada ocorrerá.

Interesse em um curso com o tema "Educação e Tecnologia"

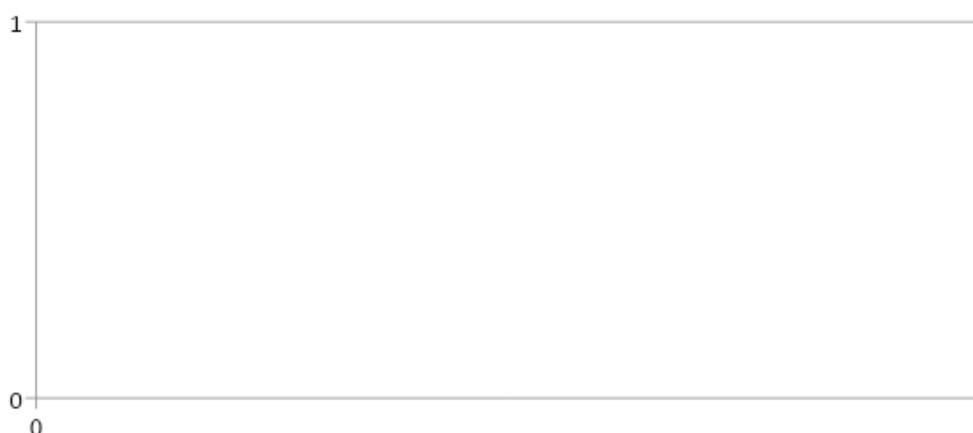


Gráfico n°5: mostra o interesse dos professores, caso fosse oferecido, um curso sobre o uso de recursos tecnológicos e digitais na Educação. Muitos professores infelizmente, não demonstraram interesse.

Perspectiva sobre o potencial da rede publica de ensino em acompanhar o avanço tecnologico



Gráfico n°6: mostra a visão dos professores entrevistados sobre o potencial da Educação Pública brasileira de acompanhar o avanço tecnológico.

5. Conclusão

Através da realização pode-se concluir que a tentativa de inclusão de tecnologias na educação é antiga e ocorre há mais tempo que o imaginado, porém, a mesma não acontece de forma clara, apenas de forma subjetiva, nos papéis burocráticos. A educação precisa da tecnologia. Nós, redatoras do presente trabalho, se encontram inseridas em realidades escolares diferentes e, vemos diariamente como é necessária à inclusão de tecnologias nas escolas, pois, as mesmas serão benéficas para alunos, professores e toda a comunidade escolas. A tecnologia avança em vários campos da vida humana, trazendo diversos benefícios, inclusive para o setor da educação, porém, enquanto não houver uma aplicação real da mesma na educação, de nada adiantará ter avanços e, com os passar dos anos, o sistema educacional brasileiro ficara obsoleto.

Durante o desenvolvimento das observações, no que refere à aplicação e análise das respostas colocadas pelos entrevistados no questionário, vimos quanto os professores negligenciam o uso de tecnologia ou jogos digitais em sala. Concluímos que enquanto os professores apresentarem este padrão de comportamento, a educação se tornará obsoleta

e andará no caminho contrário do avanço. Ficou claro que muitos professores não fazem uso por falta de interesse, o que é algo errado, já que se observarmos, fica claro a eficiência do uso de tecnologia e jogos digitais no meio educacional e durante o processo de ensino e aprendizagem. Agradecemos a orientadora do trabalho que teve a serenidade de nos guiar durante a produção deste artigo. Agradecemos também ao diretor da escola que permitiu que o experimento fosse realizado e aos professores que tiveram paciência em responder nosso questionário e apresentaram suas opiniões sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, G.N. TONELLI, E. **O uso dos jogos digitais no ensino da matemática: contribuições e benefícios.** VI SEMAT – Seminário Nacional da Licenciatura em Matemática Ifes, Campus Cachoeiro de Itapemirim/ES Formação de Professores de Matemática: Perspectivas para ensino, aprendizagem e avaliação. Agosto de 2014. Disponível em <<https://semat.ci.ifes.edu.br/wp-content/uploads/2015/02/O-USO-DOS-JOGOS-DIGITAIS-NO-ENSINO-DA-MATEM%C3%81TICA-1.pdf>>. Acessado em 03 de abril de 2018

CONCEITO DE QUESTIONÁRIO. Brasil: Conceito.de. Apresenta informações sobre conceitos de termos e expressões. Disponível em <<https://conceito.de/questionario>>. Acessado em 24 jun.2018

CONCEIÇÃO, L.A. A história da tecnologia na educação: do quadro de giz à realidade virtual. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Santa Catarina, 2001. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/81464>>. Acessado em 15 mar.2018

FILHO, P. L. **Jogo digital educativo para o ensino de matemática.** Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciência e Tecnologia, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia, do Campus Ponta Grossa, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Ponta Grossa – 2013. Disponível em <http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1442/1/PG_PPGECT_M_Lealdino%20Filho%2C%20Pedro_2014.pdf>. Acessado em 03 de abril de 2018

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete ProInfo (Programa Nacional de Informática na Educação). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/proinfo-programa-nacional-de-informatica-na-educacao/>>. Acesso em: 24 de jun. 2018.

OLIVEIRA, Emanuelle. Verbete Estudo de Caso. Brasil: InfoEscola. Apresenta

informações educacionais e notícias sobre a educação nacional. Disponível em <<https://www.infoescola.com/sociedade/estudo-de-caso/>>. Acessado em 24 jun.2018

O QUE É UM ESTUDO DE CASO. Brasil: Insper. Apresenta notícias informações sobre a instituição de ensino superior. Disponível em <<https://www.insper.edu.br/casos/estudo-caso/>>. Acessado em 24 jun.2018

SIGNIFICADO DE PESQUISA QUALITATIVA. Portugal: Significados. Apresenta informações significados de termos e palavras com suas devidas explicações. Disponível em <<https://www.significados.com.br/pesquisa-qualitativa/>> Acessado em 24 jun.2018

SOBRE NÓS. São Paulo: Porvir. Apresenta informações sobre os responsáveis pelo site e o que fazem. Disponível em <<http://porvir.org/sobre-nos/>>. Acessado em 24 jun.2018.

O QUE FAZEMOS. São Paulo: CIEB. Apresenta informações sobre o que a organização oferece de inovação tecnológica. Disponível em <<http://www.cieb.net.br/o-que-fazemos/>>. Acessado em 24 jun.2018.

QUAIS SÃO OS MELHORES RECURSOS TECNOLÓGICOS PARA EDUCAÇÃO? . São Paulo: Porvir. Apresenta informações sobre os melhores recursos tecnológicos a serem usados na educação brasileira Disponível em <<http://porvir.org/especiais/tecnologia/>>. Acessado em 24 jun.2018.

VERGÜTZ, L. **Jogos digitais na educação matemática**. Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção de grau de Especialista em Mídias na Educação pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS. Porto Alegre - 2015. Disponível em <[http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/133886/000981789.pdf?sequence="](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/133886/000981789.pdf?sequence=)>. Acessado em 03 de abril de 2018

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Andreza Kelly da Silva Ouro¹
Barbara Aparecida de Lourdes Santos²
Elinauria Maria do Nascimento³
Julia Allicia Forti⁴
Matheus Barriquelo Silva⁵
Marli Naomi Tamaru⁶

RESUMO

Esta pesquisa objetivou realizar uma investigação sobre o problema: A falta de conhecimento dos direitos cidadãos e da cultura afro-brasileira no processo formativo dos alunos nos anos finais do Ensino Fundamental I. Tal conhecimento é garantido pela lei 11.645/08, propondo novas diretrizes curriculares educacionais. Este suscitou hipóteses na metodologia e didática das instituições de ensino, buscando valorizar as heranças culturais da história afro-brasileira, elaborar um trabalho significativo em datas históricas e concretizar debates e projetos. A investigação da qualidade do ensino afro-brasileiro, no contexto de uma geografia cultural, é aproximar o indivíduo à uma educação mais humana, em suas diversas transformações temporais e espaciais. No aspecto teórico, a pesquisa fundamentou-se em Santos (2014) e Freire (1983), e também em livros e artigos que enriqueceram esta pesquisa qualitativa, concretizando-se por meio do levantamento de dados utilizando um questionário e a análise dos Projetos Políticos Pedagógicos de duas escolas públicas, cujo resultado mostrou-se compatível com o problema central deste artigo.

Palavras-chave: Geografia Cultural; Pré-conceitos; Eurocentrismo; Legislação educacional.

ABSTRACT

The aim of this research was to accomplish an examination about the lack of knowledge in the citizen-rights and Afro-Brazilian culture, in the process of graduation of the Primary Education I students. The knowledge it's guaranteed by the law 11.645/08 suggesting new curricular educational guidelines.

The research caused the possibility of changes in the teaching of education institutions, which intend to give value to the heritage left by Afro-Brazilian culture, and to create a meaningful project on historic moments, and achieve debates and plans. The research about the Afro-Brazilian teaching, intends to enable people to own an affective education, thousands of temporal and location changes. In the theoretical aspect, the research was substantiated in Santos (2014) and Freire (1983). Books and articles also supported the research that was performed through data collection, using a questionnaire applied in two public schools, which resulted in new perspectives of the researched students'.

Key-Words: Cultural Geography; Prejudice; Eurocentrism; Educational Legislation.

1 INTRODUÇÃO

Levando em consideração que vivemos em um país repleto de desigualdades e exclusões raciais, sociais e econômicas, deve-se discutir sobre a importância do papel da escola em ser um espaço acolhedor e agregador de novos conhecimentos e ideias que somem positivamente na luta contra as adversidades sociais, colaborando para uma nova estrutura educacional com apoio de uma prática docente inovadora. Este artigo refere-se

ao ensino da cultura afro-brasileira na disciplina de geografia, para uma formação cidadã dos alunos, objetivando-se por desconstruir pré-conceitos e discriminações, assim como na criação de uma nova visão do mundo e na valorização desta cultura, que participou da formação histórica de nosso país.

O tema da pesquisa aborda pontos como: a necessidade do maior aproveitamento da cultura afro-brasileira, a preparação dos professores e da escola, o cumprimento das leis e diretrizes que norteiam a educação no Brasil e que estabelecem a necessidade do estudo sobre esse tema, assim como os aspectos da história e da cultura africana, a luta dos negros e suas contribuições na formação da sociedade nacional e o desenvolvimento de um ensino com maior qualidade. A instituição escolar deve ser pensada como uma das mais importantes referências na formação pessoal, podendo assim, ser repensada tanto em sua didática, quanto na metodologia e em seu currículo, criando condições necessárias para uma educação mais eficaz na formação de cada aluno.

Considerando contextos sociais e educacionais, o ensino eurocêntrico e a perspectiva de uma Geografia Cultural, a estruturação teórica do artigo, em primeiro momento, foi embasada na lei 11.645/08 e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que serviram de justificativa para a pesquisa, estabelecendo o acesso e obrigatoriedade do conteúdo sobre a cultura afro-brasileira nas escolas. Em seguida, apresenta-se a metodologia que, por meio de questionário aplicado aos discentes, revela dados da investigação de campo que foram analisados e explicados de forma clara nos resultados, e concluídos nas considerações finais.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Ao abordar o conhecimento da cultura afro-brasileira e sua relação com o ensino escolar, deve-se pensar em sua importância e obrigatoriedade, assim como está previsto na lei 11.645 de 10 de março de 2008, que foi sancionada pelo ex-presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, e também em outros documentos e diretrizes do país. A inserção da aprendizagem dessa cultura e da história das raízes do povo negro, principalmente no cenário educacional brasileiro, tem sido um processo lento, tendo em vista a existência de muitos movimentos sociais atuantes no país, que deveriam ser um fator determinante para a evolução de um pensamento preconceituoso e excludente. Um

dos principais movimentos que podem ser citados, é o Movimento Negro Unificado (MNU), criado em 1978, que visa combater todas as manifestações preconceituosas e discriminatórias, mesmo que todos os problemas sociais enfrentados por esse grupo, continuam presentes e fortemente discutidos em todos os aspectos.

Na tentativa de ter os mesmos direitos socialmente, assim como a busca pela reversão de uma imagem marginalizada e carregada de preconceitos, os negros lutam diariamente contra esses reflexos históricos, marcados pela escravidão e submissão. Por esse motivo, a educação sendo uma ferramenta da manutenção social, a instituição escolar deveria ser um espaço para desmistificar essa imagem e, de forma igualitária, oferecer uma educação de qualidade, eficiente e multicultural; assim como também, aprofundar os conhecimentos sobre a história da cultura afro-brasileira, do negro e de suas lutas sociais, reforçando sua participação na construção cultural e histórica de nosso país.

Porém, o que se espera da educação brasileira não é a realidade encontrada, assim como afirma Fernandes (2005):

Apesar desse fato incontestável de que somos, em virtude de nossa formação histórico-social, uma nação multirracial e pluriétnica, de notável diversidade cultural, a escola brasileira ainda não aprendeu a conviver com essa realidade e, por conseguinte, não sabe trabalhar com as crianças e jovens dos estratos sociais mais pobres, constituídos, na sua grande maioria, de negros e mestiços (FERNANDES, 2005, p. 379).

Tomando como base todos os problemas sociais que colocam em desnível a qualidade da educação brasileira, pode-se dizer que hoje ela se encontra despreparada tanto no aspecto estrutural, quanto no aspecto pedagógico e didático, deixando de oferecer, em sua excelência, uma educação necessária a seus alunos, assim como prossegue Fernandes (2005, p.380), ressaltando que os livros didáticos não estão preparados e bem estruturados, colocando em evidência apenas os fatos conquistados por brancos em detrimento das participações realizadas por outras etnias como negros e índios, tratando esses grupos de forma estereotipada e preconceituosa. Pode-se dizer que deixar de apresentar parte da cultura de um povo que foi essencial para a formação histórica do mundo, e que tiveram seus direitos negados por muito tempo, é deixar de ver a essência do próprio país e enraizar os preconceitos.

O acesso, assim como a obrigatoriedade de se trabalhar o conteúdo afro-brasileiro nas escolas é garantido tanto pela lei 11.645 de 10 de março de 2008⁷, como

⁷ Altera a Lei nº 9.394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

também pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que dispõe de habilidades a serem desenvolvidas com alunos do Ensino Fundamental, nas questões étnico-raciais e histórico-culturais afro-brasileiras. Esta prediz que, nos anos finais do Ensino Fundamental I, deve-se trabalhar a habilidade de “selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira”. A falta do conhecimento e reflexão sobre a história da África, que abrange sua relação com a formação do Brasil e de outros países, bem como a falta do reconhecimento de sua importância, é negar sua existência e fomentar a ignorância, ponto de partida para o preconceito.

O foco social do ensino da cultura afro-brasileira na disciplina de geografia, nos traz uma perspectiva da Geografia Cultural, campo da geografia, que podemos tratar como uma nova perspectiva educacional da área, com uma visão mais humanizada, priorizando as relações sociais, assim como o estudo de outras linguagens, religiões, culturas, crenças, entre outros fenômenos. A geografia cultural traz consigo uma nova visão de educação, mostrando possibilidades positivas para a construção do conhecimento do aluno. Sobre essa perspectiva, Claval (2011, p. 16) afirma que “a geografia cultural dá uma grande atenção ao indivíduo. Mas, para ela, ele não aparece como uma entidade que existe desde o nascimento. Ele é uma construção, e uma construção ligada ao processo de transmissão de práticas, das atitudes, dos conhecimentos e das crenças.”.

A visão que se tem sobre a história da África e da cultura afro-brasileira, por vezes, é algo totalmente superficial e pobre de informações valiosas para a compreensão da história do mundo, assim como enfatiza Fernandes (2005, p. 380), ao dizer que, “quando se trata de abordar a cultura dessas minorias, ela é vista de forma folclorizada e pitoresca, como mero legado deixado por índios e negros, mas dando-se ao europeu a condição de portador de uma ‘cultura superior e civilizada’”. Por esse motivo, a qualidade educacional deve estar em constante avaliação e, se possível, receptiva a mudanças positivas, a fim de diminuir as influências do eurocentrismo. A visão Eurocêntrica está sempre presente no âmbito escolar, principalmente na área do ensino de história e geografia, colocando a Europa como modelo fundamental e protagonista de toda a história do homem. Santos (2014) nos mostra isso:

O ensino de geografia deve colaborar com o rompimento dos modelos orientados historicamente de forma eurocêntrica e hegemônica, e colaborar na construção de uma educação étnico-racial nas escolas brasileiras, de forma igualitária, onde a História e a Cultura Africana e Afro-Brasileira estejam presentes (SANTOS, 2014, p. 12).

O ponto mais importante dessa problemática é se deparar com as estatísticas da população negra no país, comparado com suas oportunidades e, ainda assim, com o número de mortes e violência entre eles. São anos de evolução, mas a sociedade brasileira ainda não aprendeu a lidar com as diferenças, mesmo grande parte dela sendo negra, assim como relata a última estatística populacional do IBGE de 2017, que mostra que o número de negros autodeclarados, no período entre 2012 e 2016, aumentou em 14,9%, resultando em 16,8 milhões de pessoas no país. O Atlas de Violência de 2017, publicação lançada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, revela também que o número de negros com baixa escolaridade são as principais vítimas de homicídio no país, em que, a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. Essa situação pode ser compreendida por meio do que diz o autor a seguir:

A classificação racial da população e a velha associação das novas identidades raciais dos colonizados com as formas de controle não pago, não assalariado, do trabalho, desenvolveu entre os europeus ou brancos a específica percepção de que o trabalho pago era privilégio dos brancos. A inferioridade racial dos colonizados implicava que não eram dignos do pagamento de salário. Estavam naturalmente obrigados a trabalhar em benefício de seus amos. Não é muito difícil encontrar, ainda hoje, essa mesma atitude entre os Terratenentes brancos de qualquer lugar do mundo. E o menor salário das raças inferiores pelo mesmo trabalho dos brancos, nos atuais centros capitalistas, não poderia ser, tampouco, explicado sem recorrer-se à classificação social racista da população do mundo (QUINJANO, 2005, p. 120)

Todas as estatísticas provam que as oportunidades não são igualitárias, muito menos na área da educação. A oferta de vagas em escolas pode estar se democratizando, se comparada ao passado, mas sua qualidade, preparo e apoio com aqueles que vêm de uma estrutura social desestabilizada é mínima. Sabe-se claramente que, para mudar essa realidade, o país deve passar por um processo longo e deve ser iniciado na educação, pois é a partir dela que moldamos o pensamento do outro e podemos oferecer oportunidades de conhecer novas culturas, bem como valorizá-las. Por esse motivo, conhecer a cultura afro-brasileira é tão importante, visto que o aluno pode ter uma nova dimensão sobre o que sabe do mundo, reconhecendo a participação dessas culturas para a formação do Brasil e revendo a visão eurocêntrica há anos estabelecida.

O conteúdo programático das instituições escolares também está definido na LDB, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, devendo incluir os aspectos que fazem parte da formação da população brasileira, incluindo o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros, a cultura negra e suas contribuições na área social, econômica e política. Apesar de o mesmo conteúdo estar previsto em lei, ele é pouco explorado na escola e timidamente apresentado aos alunos, o que os leva a uma inibição de conhecimentos. Pouca parte da população compreende a importância do estudo da cultura afro-brasileira, porque não a tiveram; por isso as dificuldades de modificar as estruturas educacionais, assim como a metodologia do professor se mostram presentes.

Uma fala muito recorrente na área da educação afirma que o professor reproduz, em suas práticas, o modelo educacional que teve durante sua vida escolar; pode-se dizer que essa afirmação é verdadeira, mas não podemos negar que existe uma reversão. Reconhecer a evolução da educação, sua obrigatoriedade e essa importância na formação do aluno é o primeiro passo. Deve-se pensar, também, no que é importante ser trabalhado com o aluno e conciliar essa visão com a instituição escolar, bem como incluir os conteúdos relacionados a história brasileira, que deveriam ser vistos como essenciais e ter maior ênfase nos currículos escolares. O pouco aproveitamento da cultura afro-brasileira, que também se relaciona a nossa história, leva a uma reprodução da ignorância, reforçando sua inibição e pensamentos preconceituosos.

Freire (1976, p. 141-142) diz, em seu livro “Ação cultural para a liberdade”, que as classes dominantes têm como objetivo manter o ciclo em que ela “ensina” e a classe dominada “aprende”, rejeitando como consequência o aprender com o povo e retirando todo o saber revolucionário. Nesse sentido, manter o mito da imparcialidade cultural entre as massas populares, recusando um possível diálogo sobre as diferenças de classes e etnias, faz com que o senso comum se mantenha nessa dicotomia típica de uma sociedade de classes.

A classe dominante procura manter os aspectos eurocentristas nas escolas, retirando, assim, a oportunidade de que a cultura afro-brasileira tenha sua relevância na história do país por completo, pois o Brasil é habitado por uma grande variedade de culturas e o ensino tem como foco a cultura europeia, fazendo com que esse limite produza um pensamento de que toda a população deva manter o padrão das classes privilegiadas. Reichert (2012) nos mostra de forma clara esse aspecto:

O ensino de história não é – em um conjunto de propostas, mais do que em uma estrutura curricular fixa, ou não deveria ser – um longo olhar narcísico

para o espelho, desdenhando soberbamente de tudo aquilo que não for um reflexo de si mesmo. A história está em posição privilegiada para mostrar que, além do eu, existe o outro; que formas diferentes de viver e conceber o mundo não são simples possibilidades da imaginação, mas realidades presentes ainda hoje. Exatamente da mesma forma que a comunicação se torna mais fácil ao conhecer línguas estrangeiras, ela é facilitada pelo entendimento de outras culturas. Vivendo em uma época onde pessoas, capital e informação circulam cada vez mais livremente pelo planeta, não olhar para os outros é um luxo demasiado perigoso (REICHERT, 2012, p. 132)

Em geral, a grande dificuldade para quebrar este mito de imparcialidade cultural é a defasagem de conteúdos e métodos para trabalhá-los sem cometer nenhum ato preconceituoso ou que induza a criança a seguir uma conduta padronizada, e que não consiga atingir o objetivo de uma reflexão crítica a respeito da diversidade cultural. Pensando nesse aspecto, pode-se encontrar exemplos positivos de práticas que podem ser seguidas, como a publicação de módulos no site do MEC, por professores, de suas experiências em sala de aula, devido a essa necessidade de explicar aos alunos, por meio de brincadeiras, sobre a base cultural africana, para que pudessem compreender esse conteúdo com maior facilidade. Uma dessas publicações é de Marcia T. Mezzomo, uma pedagoga de Florianópolis que publicou seu módulo em 2016, explicando a necessidade de trabalhar o projeto “Do rei do fogo ao rei do samba: rainha e rei da África sou eu”, com o objetivo de valorizar a educação e sua diversidade de relações étnico-raciais, promovendo diversas atividades e mostrando às crianças de 3 a 4 anos um pouco sobre as histórias míticas africanas contadas por gerações das próprias famílias dos alunos, com cenários e efeitos especiais para que eles se sintam cativados pela história.

Exemplos como esse nos mostram a existência de possibilidades onde podem ser trabalhados assuntos necessários com os alunos e suas famílias, assim, sendo capazes de entender a existência de diferentes culturas que possuem grande influência histórica no âmbito mundial, levando cada um a uma reflexão mais crítica.

Como é apresentado na BNCC (2018, p. 364), é imprescindível que os alunos saibam identificar a presença e a sociodiversidade das culturas presentes no Brasil, compreender suas características e seus principais territórios. Do mesmo modo, é necessário que diferenciem os lugares de vivência e compreendam a produção de paisagens e a inter-relação entre elas. No próprio ensino de geografia, localizado nas unidades temáticas do 4º ano, está presente sobre esse respectivo assunto para que o aluno obtenha tais habilidades, no qual estabelece a diferenciação e respeito pelos povos mais tradicionais e suas diferentes etnias.

A obrigatoriedade em leis e diretrizes que regulamentam a situação educacional no país, no âmbito étnico-racial, se faz presente, mas sua execução pode ser questionada nas vertentes: qualidade e frequência. Apresentar um conteúdo apenas por sua obrigatoriedade, é perpetuar a falta do mesmo. Para um efetivo aprendizado, é necessário a análise, comparação, aprofundamento do conteúdo e reflexão, pois só o conhecimento nos torna menos ignorantes, e o excesso de ignorância apenas reforça os pré-conceitos fortemente repassados na sociedade.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa se classifica como qualitativa por buscar investigar a realidade escolar e, a partir dos resultados, refletir sobre possíveis soluções para problemas reais analisados, assim como Godoy (1995) também define em sua obra, sobre esse tipo de pesquisa:

De maneira diversa, a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p. 58).

De acordo com o problema investigado e destacado nesse artigo, a pesquisa também se classifica como Levantamento ou *Survey*, pois utiliza-se de questionário, levantamentos e conversão de dados para criar uma estatística, assim como é feito com o resultado analisado do questionário dessa pesquisa. Em sua obra, Fonseca (2002, p.33) esclarece que, a pesquisa tipo *survey* é feita para a obtenção de dados, informações ou características de um determinado grupo de pessoas, utilizando-se de um instrumento de pesquisa, como o questionário.

Segundo a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018, p.354), o ensino de Geografia nos Anos Finais do Ensino Fundamental I (4º e 5º ano), deve propiciar aos alunos a capacidade de “Selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira.”. Portanto, é necessário que os alunos identifiquem a presença e a sociodiversidade de culturas indígenas, afro-brasileiras e quilombolas,

servindo de base para o desenvolvimento de atitudes, procedimentos e elaborações conceituais que potencializam o conhecimento e a construção das identidades e a participação em diferentes grupos sociais.

A fim de verificar se estas práticas são de fato realizadas nas escolas, bem como a efetivação da integração desse conteúdo, foi realizado, de forma qualitativa, um questionário com perguntas que abordam o tema “cultura afro-brasileira”, sendo elas: 6 (seis) questões de escala Likert (1932)⁸, levantando questões sociais e importantes sobre essa cultura e o povo negro. Também estão presentes 8 (oito) questões objetivas, contendo 4 (quatro) alternativas de resposta em cada, onde apenas uma é a correta. Também foram analisados o Projeto Político Pedagógico de ambas as escolas, a fim de constatar a presença desse conteúdo e conhecimento no currículo escolar.

Com as duas formas de análise do questionário, e a verificação do Projeto Político Pedagógico das instituições de ensino, pôde-se constatar integralmente as opiniões e conhecimentos dos alunos sobre o tema em questão, resultando assim, nas competências da escola e do docente, referentes à apresentação desse conteúdo aos alunos, bem como seu cumprimento em relação à Base Nacional Comum Curricular. O questionário formulado foi aplicado em duas turmas de escolas diferentes, sendo elas escolas públicas; também foram utilizados alguns dados pessoais do aluno, sem sua identificação, para que os resultados fossem mais efetivos.

4 RESULTADOS

O questionário formulado para a pesquisa de campo, foi aplicado com 49 alunos no total, sendo 22 alunos de uma escola denominada a escola “A”, e 27 de outra escola denominada “B”, ambas escolas públicas. As questões objetivas, são de conhecimento das questões históricas e culturais da cultura afro-brasileira. As utilizadas foram:

⁸Tipo de escala, criada pelo psicólogo norte-americano [Rensis Likert](#), de resposta psicométrica usada em questionários. Os participantes especificam seu nível de concordância com uma afirmação.

2) Qual tradição africana foi desenvolvida para ser uma defesa pessoal?

- (a) Karatê.

1) O que são “cotas raciais”?

- (a) É uma porcentagem de vagas reservadas em instituições públicas ou particulares, para as pessoas que estudaram somente em escola pública em toda sua vida escolar.
- (b) É uma porcentagem de vagas reservadas em instituições públicas ou particulares para as pessoas que recebem uma renda de até 3 (três) salários mínimos.
- (c) É uma porcentagem de vagas reservadas em instituições públicas e particulares para pessoas negras, pardas ou indígenas.
- (d) É uma porcentagem de vagas reservadas em instituições públicas e particulares, para pessoas que vieram de outro país (estrangeiros).

(b) Flauta, saxofone e piano.

(c) Castanhola, viola e trompete.

(d) Berimbau, atabaque e agogô.

5) Quais tipos de brincadeiras, de origem africana, fazem parte das brincadeiras de hoje?

- (a) Pegue o bastão.
- (b) Pega-pega.
- (c) Passar anel.
- (d) Amarelinha.

6). Qual a religião predominante da cultura afro-brasileira?

- (a) Católica.
- (b) Evangélica.
- (c) Umbanda.
- (d) Espírita.

7). Qual o estilo musical que está relacionado a cultural afro-brasileira?

- (a) Sertanejo.
- (b) Samba.
- (c) Funk.

M.P.B (Musica Popular Brasileira).

8). Qual foi um dos grandes nomes da resistência contra a escravidão, na história brasileira?

- (a) Martin Luther King Jr.
- (b) Nelson Mandela.
- (c) Machado de Assis.
- (d) Zumbi dos Palmares.

Na escola “A”, o rendimento dos alunos sobre os conhecimentos gerais da cultura afro-brasileira, foi menor, onde de todos os 22 alunos, apenas 5 acertaram a primeira questão, 5 acertaram a segunda, 4 acertaram a terceira, 6 acertaram a quarta, nenhum deles acertaram a quinta, 5 acertaram a sexta (onde 1 aluno não respondeu), 6 acertaram a sétima e 7 acertaram a oitava. Isso demonstra um número significativamente baixo, comparado ao número total de alunos, o que poderia ter um resultado melhor, se o ensino da cultura afro-brasileira e suas heranças culturais historicamente construídas no Brasil, fossem devidamente exploradas e debatidas em sala. Tanto para os acertos, quanto para os erros, apontamos que há uma margem de erro, podendo coincidir com possíveis “chutes” dos alunos para as respostas.

Na escola “B”, do total de 27 alunos, 10 acertaram a primeira questão, 23 acertaram a segunda, 4 acertaram a terceira, 26 acertaram a quarta, 7 acertaram a quinta, 12 acertaram a sexta, 3 acertaram a sétima e 13 acertaram a oitava. Um dos alunos deixou de responder 3 questões de seu questionário. As duas questões com maior número de acertos, são referentes aos instrumentos e a prática de defesa pessoal muito conhecida no Brasil, a capoeira. Fica claro que os conhecimentos específicos sobre o tema que tiveram resultados positivos entre os alunos, são casos isolados.

O quadro de escala Likert (1932), como está apresentado a baixo, está organizado a modo de ver a quantidade de alunos, dentre todos os 49, que responderam de forma pessoal e com a intensidade que julgasse necessário para cada afirmação.

	CONCORDO TOTALMENTE	CONCORDO	DISCORDO	DISCORDO TOTALMENTE
O estudo da cultura afro-brasileira é importante nas escolas, assim como na sociedade.	<u>30</u>	<u>18</u>	<u>0</u>	<u>1</u>
Existe uma herança cultural africana no Brasil, e em outros países.	<u>15</u>	<u>23</u>	<u>7</u>	<u>14</u>
A reflexão sobre o negro na sociedade brasileira, deve ser trabalhada apenas	<u>2</u>	<u>6</u>	<u>10</u>	<u>30</u>

no Dia da Consciência Negra				
Hoje, o negro ainda passa por julgamentos preconceituosos para conseguir um bom emprego.	<u>16</u>	<u>13</u>	<u>4</u>	<u>15</u>
Pessoas deveriam ser beneficiadas por sua cor, etnia, cultura ou religião.	<u>7</u>	<u>11</u>	<u>6</u>	<u>25</u>
Atualmente, ainda existem preconceitos sobre as diferentes culturas ou religiões.	<u>23</u>	<u>15</u>	<u>6</u>	<u>5</u>
Eventualmente, a história dos negros é resumida apenas nos tempos de escravidão	<u>9</u>	<u>8</u>	<u>9</u>	<u>22</u>

O número dentro de cada quadro, corresponde ao número total de alunos, das duas escolas em relação as suas respectivas respostas. Pode-se dizer que uma parte considerável dos alunos destaca a importância do estudo da história e cultura afro-brasileira nas escolas (aproximadamente 61%). Porém alguns se mostram despreparados em relação a questões sociais, raciais e referentes a problemas que são encontrados na sociedade, como por exemplo no reconhecimento dos julgamentos ainda presentes em relação a cor ou raça de alguém, onde pouco mais de 30% dos alunos discorda que esses problemas ainda existam. Muitos se dividem quanto a questão da herança cultural presente em nosso país, ou mesmo sobre o racismo ainda enraizado e disfarçado em algumas situações. Esse despreparo é decorrente da falta de problematização de assuntos como o racismo, preconceito, desigualdade social e o contexto histórico do negro na África, no Brasil e no mundo.

Em relação ao Projeto Político Pedagógico das duas escolas abordadas nessa pesquisa, a escola “A” possui uma abordagem geral sobre o tema da cultura Afro-brasileira, não detalhando o que deve ser trabalhado ou mesmo os anos específicos a serem desenvolvidos. Em sua descrição está previsto que os alunos atendidos com base nesse tema são do 2º ao 5º ano, e o objetivo é resgatar as contribuições africanas e indígenas nas áreas: social, econômica e política da história do Brasil. Na escola “B”, a especificidade do tema e sua abordagem é mais clara, sendo este presente no 5º ano e contendo o conteúdo a ser abordado e as habilidades a serem desenvolvidas, além de orientações sobre questões sociais. Nesta instituição o conteúdo se refere aos Africanos e suas origens, abordando também temas como: escravidão. As competências previstas se baseiam em: Reconhecer e valorizar a herança dos povos indígenas e africanos na população brasileira, bem como sua formação cultural; reconhece também o repúdio que se deve demonstrar em relação a ações preconceituosas e de racismo, respeitando as diferenças e reconhecendo-as como um problema socioeconômico entre brancos e negros no Brasil. Além do mais, aborda temas como a má distribuição de renda e imigração.

A escola “B”, no qual demonstrou maior êxito (mesmo que não tão positivo) no questionário e escala aplicados com os alunos, se mostra mais preparada e com uma abordagem mais significativa em relação ao tema principal da pesquisa; enquanto a escola “A”, que obteve um resultado inferior a esta, mostra um Projeto Político Pedagógico menos explícito ao abordar o conteúdo sobre a cultura Afro-brasileira. A contextualização é a parte mais importante para a conscientização dos alunos como cidadãos, onde compreender a história é crucial para não cometer os mesmos erros do passado e reforçar os que são cometidos no presente. Podemos notar a falta de conhecimento da parte dos alunos sobre as dificuldades de ascensão do negro na sociedade, seja no mercado e trabalho ou nos estudos. Sobre a questão dos preconceitos ainda cometidos contra os negros, as opiniões ficaram divididas, mesmo que o maior número seja pelo reconhecimento da ocorrência desses atos.

Conclui-se desse resultado que, o problema inicialmente apontado, observado e registrado por meio da pesquisa de campo, se faz verídico e presente no ensino brasileiro. O não cumprimento da obrigatoriedade das diretrizes que estabelecem o estudo dessa cultura, ou até mesmo o despreparo educacional para construir esse conhecimento com o aluno, só demonstram que assuntos necessários para a formação pessoal não são discutidos, estereótipos são reforçados, e o eurocentrismo curricular ainda continua

presente. Outras culturas são mais valorizadas do que a de nosso país, e a contribuição do negro para a história mundial é comprimida em fatos pontuais e pouco explorados. Mesmo que em algumas questões os alunos consigam obter êxito em suas respostas, ainda é um resultado mínimo comparado a todas as outras questões colocadas, com informações básicas que deveriam fazer parte do conhecimento desse aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos essa pesquisa com o objetivo de verificar e constatar a falta do contato com o conhecimento sobre a cultura afro-brasileira, em relação aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental I, no ensino de Geografia. Conforme previsto na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), é exigido a inclusão do ensino da história e cultura da África e afro-brasileira nos currículos escolares, públicos e privados; assim como também a Lei nº 11.645/08, que reforça essa obrigatoriedade. Conforme consta no corpo deste artigo, o assunto é de grande importância para todos, colaborando para a desconstrução de estereótipos raciais e melhorando nosso conhecimento sobre tal cultura.

Para alguns autores, como Santos (2016) “ao lado da incipiência dos cursos de capacitação do magistério, medidas básicas como a criação de disciplinas com foco na África e no temático afrodescendente, integrando a grade disciplinar das universidades, assim como a mudança dos currículos não tem observado progresso real”. Esta prática deve ser introduzida aos docentes para que possam construir esse conhecimento com os alunos, revertendo assim a construção de possíveis preconceitos e discriminações.

Por meio da pesquisa de campo, foi possível verificar que o contato com a cultura afro-brasileira não se faz presente na condição necessária que deveria mostrar-se, devido ao desconhecimento de alguns alunos sobre questões e definições de origem africana, assim como a desconsideração da importância de algumas questões raciais e históricas. A falta de contato dos alunos com esse conhecimento mostra-se como um resultado da pouca relevância que se dá ao tema quando abordado no Projeto Político Pedagógico escolar.

Pode-se concluir que o conteúdo obrigatório sobre questões étnico-raciais e afro-brasileiros não está sendo trabalhado com sua devida importância nos currículos escolares, deixando assim de atender às normas, diretrizes e bases da legislação brasileira. Constatar a defasagem de conteúdos necessários, como a história e cultura afro-brasileira, no sistema educacional do país, é apenas o primeiro passo para a reflexão e análise dessa situação. É necessário a investigação e constatação de vertentes como essa, para que haja

a conscientização sobre a importância de cumprir, de forma efetiva, os objetivos educacionais de forma democrática em relação aos conteúdos curriculares obrigatórios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 18 de abr. 2018.

BRASIL. **Lei Nº 11.645, de 10 Março de 2008.** Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm. Acesso em: 12 de abr. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF, 2018. Disponível em: <basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 12 de abr. 2018.

CECÍLIO, T.C.B. **Guia para estruturação de trabalhos técnico-científico**, TAMARU, A.H., OLIVEIRA, T. (colaboradores). Nova Odessa, SP: Faculdades Network, 2015. Disponível em: <<http://www.nwk.edu.br/intro/wp-content/uploads/2014/05/Guia-para-Estrutura%C3%A7%C3%A3o-de-Trabalhos-T%C3%A9cnico-Cient%C3%ADfico.pdf>>. Acesso em: 11 de abr. 2018.

CLAVAL, P.C.C. Geografia cultural: um balanço. **Revista Geografia**, Londrina. v. 20. p. 5-24. set/dez, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/14160/1191>. Acesso em: 12 de abr. 2018.

FERNANDES, J. R. O. **Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades.** 2005. Vol. 25, n.67, p. 378-388. Tese (Doutorado em História da Educação) - Faculdade de São Paulo, Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedesv25n67/a09v2567>. Acesso em: 04 de abr. 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica.** Apostila. 127 p. Universidade Estadual do Ceará. Ceará. 2002. Disponível em: <http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Apostila_-_METODOLOGIA_DA_PESQUISA%281%29.pdf>. Acesso em: 08 de jun. 2018.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade: E outros escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1981. 149 p.

GELEDES. **Instituto da Mulher Negra**. Como é ser negro no Brasil, por Milton Santos. Palestra proferida pelo professor Milton Santos e transcrita por Cristiano das Neves Bonart. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/como-e-ser-negro-no-brasil-por-milton-santos/>>. Acesso em: 30 de mai. 2018.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 08 de jun. 2018.

IBGE – **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. **Agência de Notícias, 2017**. Disponível em: < <http://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/18282-pnad-c-moradores.html>. Acesso em: 12 de abr. 2018

MEZZOMO, M. T. **PLATAFORMA MEC**. Recursos Educacionais Digitais. 2016. **Caso 8**: “Do rei do fogo ao rei do samba: rainha e rei da África eu sou”. 2016. Disponível em: <<https://plataformaintegrada.mec.gov.br/iframe-colecao?colecao=3&topico=7>>. Acesso em: 02 de mai. 2018.

OLIVEIRA, C. **Atlas de Violência 2017: negros e jovens são as maiores vítimas**. **Carta Capital**. 2017. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/atlas-da-violencia-2017-negros-e-jovens-sao-as-maiores-vitimas>. Acesso em: 12 de abr. 2018.

QUINJANO, A. **A colonialidade do poder: Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires, 2005. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. p. 117-142. Disponível em: < http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: Acesso em: 12 de abr. 2018.

REICHERT, E. H. **Notas sobre o eurocentrismo no Brasil**. Revista Espaço Acadêmico. Passo Fundo/RS. n. 129, p. 128-134, fev. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/13690/8690>>. Acesso em: 02 de mai. 2018.

SANTOS, C. **O ensino de geografia e a cultura africana e afro-brasileira na escola**. #Tear. Revista de Educação, Ciência e Tecnologia. Canoas, v.3, n.1, p.1-15. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/download/1830/1428>>. Acesso em: 04 de abr. 2018

CONSUMO INFANTIL: POR QUE A MÍDIA INFLUENCIA TANTO?

Marlane Ramos de Brito¹

Tatiane Cristina da Silva²

Maria Aparecida Belitane Fermiano³

RESUMO

Com o passar do tempo crianças, cada vez mais, têm contato com as mídias. O mercado, por sua vez, abocanhou esta oportunidade que gera uma sedução quase hipnótica ao consumo quando

aborda diretamente a criança, falando a sua linguagem. Desta forma, as crianças são seduzidas e passam a desejar os objetos que estão sendo colocados como necessários para serem felizes e aceitas. Com o avanço das tecnologias e o seu fácil acesso, a persuasão da publicidade para o consumo atinge tanto de crianças quanto adultos, além de ter triplicado na última década. As crianças são um alvo fácil dos anúncios publicitários, temos uma vasta forma de publicidade encaixada em vários eixos diferentes que invadem facilmente o convívio e a realidade delas. Assim, o marketing vê as crianças como potenciais consumidores de todos os tipos de produtos, com dinheiro próprio para gastar com desejos e necessidades satisfeitas pela família, influenciando os gastos dos pais e sendo futuras consumidoras que proporcionarão uma vasta teia de consumo. Essa pesquisa contou com a participação de 30 crianças entre 8 e 10 anos, respondendo a um questionário de 20 questões. Os resultados demonstraram que crianças são influenciadas a consumir e por sua vez influenciam os pais ao consumo.

Palavras-chave: consumo; mídia; marketing; crianças.

ABSTRACT

As time goes by, children, more and more, have contact with the media. The market, in turn, is an opportunity that has an almost hypnotic production when addressing directly to a child, speaking its language. In this way, children are seduced and pass on their desires that are being imported to be happy and accepted. With the push of technology and its easy access, consumer persuasion is aimed at both adults and the future of the tripling in the last decade. Since children are an easy calendar to edit publicly, we have a wide variety of advertising in several different ways that make it unfeasible and their reality. Thus, marketing sees children as potential consumers of all types of products, with their own consumption of money and demand satisfied by the family, influencing the expenses of parents and future consumer companies that provide a large amount of consumption. This research had the participation of 30 women between 8 and 10 years, responding to a questionnaire of 20 questions. The results showed that children are influenced by consumption and in turn influence parents to consume.

Keywords: consumption; media; marketing; children.

INTRODUÇÃO

Hoje em dia existem equipes que investem pesado em marketing infantil com intuito de fidelizar as crianças cada vez mais cedo, começando seu “treinamento” para compras. Ao analisarmos esta situação e associarmos à falta de tempo dos responsáveis dessas crianças, além

da correria do dia a dia, percebemos que os pais suprem sua ausência comprando o que as crianças pedem. Devemos também considerar que, desde muito cedo, o marketing exerce grande influência nos pequenos. Neste cenário, comprar tudo que a criança deseja serve para suprir a falta de tempo, não gerar stress, discussões.

As propagandas vêm cada vez com mais força em seus métodos, uso de animações, efeitos especiais, atores mirins, excesso de cores e uso de personagens infantis. Há também propagandas escondidas em desenhos, vídeos, filmes, que fazem brilhar os olhos e desejar produtos. A publicidade também apresenta um mundo irreal, são apresentadas pessoas totalmente felizes com algum tipo de objeto seja eletrônico ou não, roupas, brinquedos, celulares, sugerindo um cenário cuja mensagem é de que não é possível ser feliz sem tais objetos. As crianças, geralmente, não possuem uma supervisão do que está sendo assistido, muito pelo contrário são os próprios pais que incentivam isso como modo de distração.

Analisaremos aqui então como é feita esta persuasão da mídia através da mídia sobre as crianças e poder de convencimento destas crianças sobre seus responsáveis, através de pesquisa qualitativa. Analisar como estão vivendo as crianças de hoje em dia; como são influenciadas pela mídia; qual o reflexo que este tipo de manipulação tem dentro de suas casas, escola e do seu futuro.

Segundo Montigneaux, (2003), a sociedade dedica hoje uma importância cada vez maior aos bens materiais, diariamente ela atrai as atenções, consegue regalias e estimula interesses. As empresas, por sua vez, já entenderam o valor de se desenvolver produtos e serviços voltados para as crianças e seu poder de consumo sobre os pais. Propagandas de diferentes formas entram a cada dia no mercado aumentando o ciclo de consumo e sua importância, a única certeza com que a sociedade atual se depara é que não há mais espaço para saberes e conhecimentos absolutos.

Escolhemos este tema, pois é algo que reflete nos dias atuais em todos os lares, não importando a classe social, pois as famílias estão sendo muito influenciadas pelas mídias e, ainda, não foi dada a devida importância ao tema. Sabe-se que o consumo infantil tem várias consequências que vai da obesidade infantil, erotização precoce, violência, delinquência, alcoolismo até o estresse familiar, como as crianças ainda não tem experiência para discernir o real do imaginário, elas acreditam com maior facilidade em tudo que ouvem ou veem. Cabe, então, ao poder público, sociedade e a nós, os mais velhos, estarmos atentos à programação que as crianças têm acesso diariamente e estabelecer regras e limite de tempo, além de supervisionar o conteúdo, estimulando o ambiente escolar a desenvolver ações para conscientizar as crianças para lidarem com as influências que a rodeiam, além de cobrar dos órgãos públicos, leis que protejam as crianças (ALANA, 2015).

2 CONSUMO INFANTIL

Os pais acreditam que se comprarem tudo o que seus filhos pedem eles serão mais felizes, e compensarão a ausência da presença deles no dia a dia das crianças, esse é o drama de muitos pais e mães que trabalham incansavelmente para dar o melhor para os filhos que, nunca parecem estar satisfeitos, um dos motivos para isso é a quantidade abusiva de publicidade que as crianças veem todos os dias na TV, na internet, em revistas e em diversos outros lugares. A forma atraente dessas propagandas convence as crianças a desejarem coisas que, muitas vezes, nem necessitam. Por estarem em uma fase de descobertas, elas acabam acreditando que precisam de determinado objeto para ser felizes. Mas, como os objetos não substituem o carinho e a atenção que querem receber dos pais, logo são deixados de lado, e começam a pedir outros, sendo assim, os pais e até mesmo as próprias crianças precisam de orientação referente ao consumo, devemos pensar se é necessário comprar aquele objeto.

O objetivo é revelar que crianças ainda não sabem controlar o que querem e são facilmente enganadas pelas propagandas que estão presentes em todo lugar. Então, acreditam mesmo que a roupa de marca vai deixá-las parecidas com um personagem ou que um celular caro fará com que elas sejam aceitas pelos amigos. E por isso insistem para conseguir o que pedem. É preciso ajudá-las a entender que não pode se ter tudo, e que o dinheiro não vem do céu. Assim, não sofrerão tanto e terão mais facilidade para aceitar as frustrações da vida, é preciso enfatizar a necessidade de consumir com consciência, levando em consideração as necessidades reais e a classe social das famílias, para que os pais não se endividem para manter os desejos dos filhos, sem que seja realmente necessário.

Para um aumento de mercado e consumo as marcas lançam produtos da moda, o que antes era só um objeto de necessidade passou a ser um objeto também de desejo e status. A mudança constante da moda provoca uma troca constante e aquecimento do mercado. Por isso, a variedade nunca foi tão grande e a busca incessante por lançamentos e tendências em brinquedos, roupas, tênis, produtos tecnológicos e afins.

Ao que observamos a elevação no processo de consumo tem a ver também com a imagem de que consumindo determinados produtos o consumidor terá existência social satisfatória e uma maior felicidade. Os celulares, por exemplo, quanto mais modernos, de marcas famosas mostram um poder aquisitivo mais alto e um padrão de vida melhor. Marcas como Iphone, por exemplo, por mais que custe o valor de um automóvel popular usado, são alvos de desejo e, podem mudar

o status social. Neste mundo de consumo exacerbado até produtos simples como uma chupeta podem virar artigo de luxo custando mais de duzentos reais, cravejadas de cristais Swarovski.

Não que o consumo seja de toda conotação ruim, mas sem um olhar crítico se torna sim vilão, em suma importância ele nos oferece qualidade de vida, cultura, desenvolvimento pessoal, lazer, entre outras coisas desde que feito com consciência, de forma que o mercado permaneça estável e que as pessoas estejam satisfeitas com o que possuem sem dívidas e trilhões de parcelas nunca pagas.

Em nossa concepção discutir abertamente com as crianças sobre o que podem ou não comprar e o porquê da decisão, abrindo espaço para o diálogo, é uma maneira de educá-las e prepará-las para fazerem suas próprias escolhas. São os “combinados” que as crianças tendem a entender, respeitar e até gostar, por incrível que pareça. No futuro, elas vão até mesmo agradecer, aprender o valor do dinheiro e por assim saberem consumir de maneira equilibrada.

Publicidade imprópria

Com essas e outras justificativas, no início de 2014, o Conanda, órgão vinculado à Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República aprovou a [Resolução 163/2014](#), “a prática do direcionamento de publicidade e comunicação mercadológica à criança com a intenção de persuadi-la para o consumo de qualquer produto ou serviço é abusiva e, portanto, ilegal”. Esta resolução torna ilegal o direcionamento de qualquer tipo de publicidade para crianças, como banners, comerciais de TV, spots de rádios, anúncios impressos, merchandising, ações em shows e em pontos de venda.

Segundo o jornal Estadão a ação do Conanda visa coibir os impactos sociais e emocionais do consumismo infantil. Mas quais são esses impactos? Segundo especialistas o poder da mídia de influenciar é capaz de provocar consequências na organização da sociedade, traz impactos sociais, altera a percepção social e sua construção. Ou seja, as experiências trazidas por ela influenciam, de forma decisiva, a formação das relações sociais e a maneira como o indivíduo estabelece sua conduta na sociedade. Estes estímulos comportamentais ao extremo aumentam deliberadamente as mazelas sociais crônicas.

3. METODOLOGIA

Amostra e instrumento

A pesquisa foi realizada com 30 crianças entre 8 e 10 anos, porque manifestam suas opiniões com mais clareza do que crianças mais novas. Foi aplicado um questionário com 20

perguntas. As perguntas são sobre consumo; o que veem na mídia; tempo que passam com os pais; desejos de consumo e realização destes desejos. As perguntas são fechadas, apresentando como alternativa “sim” ou “não”.

A pesquisa é importante para viabilizar a relação entre hipótese e a realidade vivida, além de ser uma experiência rica em conhecimento ao tema. O saber hipotético junto com uma pesquisa exploratória nos traz um maior conhecimento. É possível viabilizar uma maior visão do conteúdo.

Justificativa

Tentar entender como estão vivendo as crianças hoje em dia, como são influenciadas pela mídia, se há influência de suas vontades dentro de casa, observar os pais e o seu comportamento quando estão com a criança, saber quais são as brincadeiras e como passam os momentos de lazer, se conversam ou fazem alguma atividade juntos ou apenas jogam no computador ou celular e assistem televisão.

Objetivos

Está pesquisa tem os seguintes objetivos:

- Investigar e analisar algumas situações de convívio entre as famílias que envolvam consumo, tempo juntos e com equipamentos eletrônicos.
- Observar as atividades de lazer as quais as crianças realizam em casa.
- Verificar como os pais agem quando estão em casa com seus filhos.
- Alertar como a criança está sendo influenciada pela mídia.
- Conscientizar famílias e demais pessoas para trabalharem com consumo consciente com as crianças.

Apresentação dos dados e análise de resultados

	PERGUNTAS	% SIM	% NÃO
01	Você ganha tudo o que pede para seus pais?	60%	40%
02	Você vai junto com seus pais ao supermercado?	67%	33%
03	Quando seus pais vão ao supermercado, você ajuda escolher o que vão comprar?	40%	60%

04	Quando você assiste a programas na TV ou Internet você pede para seus pais comprarem?	83%	17%
05	E eles compram?	57%	43%
06	Você ganha tudo que pede para seus pais?	63%	37%
07	Você brinca na rua ou em algum parque?	37%	63%
08	Você tem tablet?	57%	43%
09	Computador?	80%	20%
10	Celular?	80%	20%
11	Seus pais trabalham fora?	23%	77%
12	Eles brincam com você?	47%	53%
13	Você fica triste quando um (a) colega ganha um brinquedo e você não?	93%	7%
14	Quando seus pais estão em casa eles ficam no celular?	77%	23%
15	Você acha que a felicidade depende dos bens materiais que você tem?	47%	53%
16	Você acha que seria mais feliz se pudesse ficar assistindo o dia todo na Internet e TV?	93%	7%
17	Você gosta de ir à escola?	27%	73%
18	Você acha importante estudar todos os dias?	50%	50%
19	Seus pais te ajudam a fazer as tarefas de casa?	20%	80%
20	Você gosta de ler livros?	13%	87%

Fonte: As autoras.

As crianças forneceram as seguintes informações para a pesquisa:

01 - 60% delas ganham tudo que pedem dos pais.

02 - 67% vão às comprar junto com seus pais.

03 - 40% têm influência sobre as compras.

04 – 83% admitem querer os produtos vistos nas propagandas.

05 - 57% delas ganham quando pedem o que aparece na TV.

06 – 63% ganha tudo o que pede.

07 – 63% não têm acesso a brincadeiras fora de casa. Apenas 37% tem essa possibilidade. Chamamos a atenção de que pode haver correlação entre esse percentual e os 63% de crianças que ganham tudo o que pedem a seus pais, ou seja, dependendo do que ganham, podem estar sendo incentivadas a ficar mais tempo dentro de casa.

08 – 57% possui tablet

09 e 10 - Um dado revelador e, até mesmo, assustador é que 80% têm acesso ao computador e ao celular, lembrando que a pesquisa foi feita com crianças de 8 a 10 anos, assim sendo, parece uma idade muito precoce para este tipo de acesso.

11 – Em relação a questão sobre “seus pais trabalham fora? ”, provavelmente, ficou um pouco confusa para elas. Deveríamos ter distinguido entre pai e mãe. A resposta foi de 77% para não e 23% por cento para sim.

12 – 47% dos pais tem tempo para brincar e 53% não.

13 – 93% disseram ficar tristes quando um colega ganha determinado objeto e ela não.

14 – 77% disseram que os pais ficam no celular quando estão em casa. Deduzimos que, possivelmente, além da falta de tempo por causa do trabalho, há também o mal hábito de uso intenso de tecnologia dentro de casa.

15 - 47% definem felicidade como ganhar coisas e sobre os objetos que possuem, dado que assusta, pois está muito a metade da amostra.

16 – 93% disseram que seriam mais felizes se pudessem ficar em casa assistindo seus programas.

17 e 18 - Apenas 27% dizem gostar de ir à escola. Com essa resposta e a anterior, podemos observar falta de interesse sobre a busca de conhecimento dessas crianças. 53% ainda acredita ser importante o estudo.

19 - 80% responderam que seus pais não ajudam na atividade de casa.

20 – 87% não gostam de ler.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da pesquisa, verificamos que a mídia e a publicidade trabalham juntas com o interesse de aumentar o consumo da sociedade, sendo assim, não se importando a idade ou a pessoa em questão. Nesse sentido, a mídia acaba desenvolvendo na cultura humana a necessidade de ter, pois exerce grande influência na vida do homem e transforma os valores humanos.

Nesse sentido, reconhece-se que a preocupação das empresas e anunciantes está no crescimento do mercado e no aumento dos lucros, por isso é cada vez maior o investimento na criação de novos modos de propagandas para atingir o público. O meio mais utilizado pelas empresas é a televisão, acessível a todos, que tem todo o conteúdo pronto, com imagens modernas e sedutoras, com um forte apelo emocional outros tipos de mídia também estão sendo explorados.

Diante dessas informações, percebe-se que as crianças estão cada vez mais expostas e a necessidade de consumir o que veem, aumenta. Os pais trabalham muito para dar uma vida melhor para os filhos. Porém, não percebem que a falta deles está sendo substituída pela televisão, celular e computador, que podem manipular e influenciar o seu filho a uma vida de consumo, pois a publicidade direcionada ao público infantil não se preocupa com o bem-estar e com estas crianças serão educadas.

Defendemos que devemos ter acesso a uma educação que auxilie a formação de um consumidor consciente. Poderemos, então, garantir uma formação humana, mostrando ao aluno como dar sentido às informações expostas pela mídia fazendo um cidadão crítico, criativo, pensante e que pode transformar a sociedade, partindo de hipóteses.

Sendo assim, nós, professores devemos agir como conciliadores, não impondo conceitos e sim preparar o aluno para ser cidadão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Regimento Interno do Conanda. Brasília. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=268725>. Acesso em 08 de dezembro de 2018.

Disponível em: <https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/a-busca-da-felicidade-e-o-bem-estar-no-mundo-pos-moderno>. Acesso em 08 de dezembro de 2018.

Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-poliedro/infancia-midia-e-consumo/>. Acesso em 08 de dezembro de 2018.

INSTITUTO ALANA. Disponível em: https://alana.org.br/wpcontent/uploads/2017/01/Alana_2015_v_site.pdf. Acesso em 08 de dezembro de 2018.

MONTIGNEAUX, Nicolas. **Público-alvo: crianças.** A força dos personagens e do marketing para falar com o consumidor infantil. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

HISTÓRIA DO CONTADOR DE HISTÓRIAS

Adrielle Stephanny Garcia do Nascimento¹

Aniele Gouvêa Baptista²

Maria Belintane Fermiano³

RESUMO

Todos nós temos um pouco de contador de história dentro de nós. As histórias são contadas no cotidiano de forma simples às famílias, entre amigos e casais, às crianças. Sendo assim, o presente artigo tem por finalidade de apresentar a contação de história na percepção do contador. A nossa metodologia foi a de pesquisa bibliográfica e entrevista com 6 contadoras de histórias, que relataram suas experiências e a importância na sua formação profissional. Já não é de hoje que a contação de história está presente na nossa vida. Há muitos séculos atrás os homens nos tempos das cavernas já desenhavam suas histórias nas paredes das cavernas, para se comunicar. A leitura e a escrita foram se modificando a partir dos anos, símbolos, imagens, folhas, até chegar nos livros, videocassete, TV entre outros. Os livros são grandes instrumentos de leitura inventados e utilizados muito até hoje. Percebemos que os contadores de história exercem essa profissão por opção, para serem professores melhores, por sabedoria e porque acreditam que ao se contar histórias, demonstramos afeto para alguém.

Palavras-chave: contador de história; contação de história, livros e contadores.

ABSTRACT

The purpose of this article is to account for history in the accountant's perception. Our Methodology was to use the book, articles, and story searches that helped us work by relating their experiences to it. "We have a little storyteller inside us, in an act of our day to day we are counting a little of our or someone's, for a friend, wife (husband), neighbor and etc. Story telling is present in the our life. The caves were already drawn in their caves to communicate, as was also done in ancient Egypt. And so the writing and the writing were from the years, symbols, images, leaves, until arriving in the books, VCR, TV among others. Books are great reading instruments invented and used today to do research on how to use the meters.

They do not tell stories simply because of knowledge or wisdom, but also because of the affection we have for someone.

Keys-word: Storytelling in the accountant's perception. The storyteller in history. Counters and their methods.

1. Introdução

Ler e ouvir uma história está relacionado a sentir prazeres. Encantamos e somos encantados por inúmeros distantes lugares, figuras fantásticas, personagens apaixonantes e um sem número de detalhes que nos ligam, afetivamente, à história. No ato de contar histórias compartilhamos todos os tipos de sentimentos e assim nos aproximamos.

Tivemos a chance de sermos sensibilizadas por essa magia que é ouvir e contar histórias. Uma contadora de histórias nos proporcionou uma palestra sobre um projeto de contação de história em uma escola. Ela era também a coordenadora pedagógica da escola e, com muita harmonia, desenvolveu um belíssimo trabalho. O projeto que foi desenvolvido por professores e toda a administração escolar se iniciou com a ideia de uma professora que queria trabalhar com a família e abordar as vovós que sempre foram e são contadoras de causos, lendas, histórias, ao longo de nossa vida. Nesta palestra, está professora leu o livro “A colcha de Retalhos”, de [Conceil C. da Silva](#). A história é de Felipe, um garotinho que, nos finais de semana, vai à casa da vovó se deliciar com as guloseimas por ela preparada e ouvir suas histórias contadas com muita alegria, criatividade e amor. Certo dia, Felipe chegou à casa da vovó e lá estava ela, sentada em sua cadeira, em frente à máquina de costura, com um monte de retalhos. Disse-lhe que havia juntado pedaços de pano de costura ao longo do tempo e, naquele momento, iria aproveitá-los para fazer uma colcha de retalhos. O menino pediu para ajudá-la e passou a separar os pedaços, por tipo de estampa. Em um determinado momento, ele identificou um retalho como sendo de um pijama que ela havia feito para ele. No mesmo instante, ambos passaram a lembrar aquelas férias! Ah! Que boas lembranças! Em seguida, identificaram um tecido de uma camisa que ela havia feito para o pai de Felipe e outro de um vestido da mãe de Felipe. Assim por diante, foram recordando os momentos. Felipe observava que a vovó, em alguns deles, suspirava e perguntou-lhe porque parecia que ela,

às vezes, ficava triste. Ela, então, tentou explicar que não era tristeza e sim “saudade”. O menino não entendeu o significado da palavra, então, a vovó lhe disse que com o tempo entenderia. Passaram alguns dias, Felipe nem se lembrava mais daquela colcha de retalhos. Num belo dia, qual não foi a surpresa ao chegar em casa e se deparar com aquela colcha de retalhos sobre a sua cama. Debruçou sobre ela e passou algum tempo ali pensando e lembrando, quando, em um dado momento, olhou para um pedaço de tecido teve uma lembrança, suspirou e entendeu o sentido da palavra “saudade”. Pediu para sua mãe levá-lo à casa da sua avó. Chegando lá, ela havia preparado um delicioso bolo de chocolate e ele confidenciou em seu ouvido que havia aprendido o significado da palavra “saudade”.

Com essa história, a contadora explicou que as vovós dos alunos foram convidadas para um evento na escola trabalhar com retalhos e fazer um artesanato chamado “fuxico”. As vovós participaram também de um café. Nele foi destacado que elas fazem parte da formação e da vida das crianças, principalmente com seu amor e sua sabedoria.

O projeto nos encantou, pois conseguiram trabalhar o tema “família e as vovós”, de uma forma muito carinhosa. Esse foi o motivo de nós percebermos o quanto a contação de histórias é essencial para o trabalho do professor. Por isso, decidimos investigar a respeito da formação do contador de histórias e o que o levou a ser um profissional da área.

2. O contador de histórias na História

Ao contarmos histórias, podemos relatar acontecimentos verídicos, mas também lenda, mito, conto de fadas, fruto da cultura popular imaginária. Neste momento, o narrador necessita aproveitar o clímax da história para aproveitar ao máximo a fantasia do momento.

Antigamente, mas muito antigamente, não havia livros, jornais, muito menos recursos tecnológicos. Vocês sabem como as pessoas obtinham conhecimento? Por meio da linguagem oral, da sabedoria popular que era perpetuada pelas conversas entre familiares e amigos e passada de geração em geração. Geralmente era a pessoa mais velha e sábia do lugar que dominava o poder das palavras e da imaginação.

O contador de história foi se constituindo nas pessoas que sentiam a necessidade de transmitir as histórias para os mais jovens e entre os adultos também. As experiências que se perpetuavam pela narrativa oral era diferentes contextos, alguns relacionados à

realidade, às guerras, aos desastres da natureza, o que trazia muito medo. Outros eram do cotidiano, anedotas, causos, para alegrar a vida. E ainda havia aqueles que faziam as pessoas sonharem. O contador de histórias não é um mero reproduzidor de narrativas. Atento à reação psicológica da plateia, ele pode improvisar e ampliar seus contos e mobilizar o interesse das pessoas. O narrador domina as figuras de linguagem que servem para magnetizar os ouvintes.

Tem-se conhecimento do narrador desde a antiguidade greco-romana. Os poetas ambulantes com instrumentos contavam todos os tipos de histórias, entretendo as pessoas e, assim, ficava mais fácil para memorizá-las. Os instrumentos utilizados quase sempre eram de cordas. Um BARDO era uma pessoa que recitava as histórias tristes e poemas épicos, cantava histórias do povo e acontecimentos.

Na Era Medieval as histórias eram contadas nos castelos sombrios, nos povoados rurais, em volta de fogueiras ou lareiras para criar uma atmosfera de magia. O MENESTREL, surge nesse período era um nômade e podia agregar outras funções como palhaço, cantor, malabarista, acrobata, dramaturgo e poeta que relatava histórias reais ou imagináveis em troca de algo. O TROVADOR substituiu o menestrel nas cortes e entretinham as pessoas com as suas cantigas de amor e amigo.

Atualmente, observamos cursos de formação técnica para ser um contador de histórias. Há uma demanda crescente desse profissional, especialmente nas escolas.

2.1 Mil e uma noites, tudo começa com a história do rei Shariar.

Dentre as milhares de histórias que existem, acreditamos que a história das Mil e uma noites seja aquela que melhor retrata o magnetismo de um contador de histórias. Sherazade é uma das mais antigas contadoras de história e, literalmente, ela demonstra que histórias salvam vidas. Atualizando isso para os dias de hoje, podemos considerar que o contador é aquele que salva vidas da inércia criativa, “da falta de encontrar o que realmente há de humano em si” (SANTOS, 2009, p.96). Vamos conhecê-la.

Conta a lenda que, na antiga Pérsia, o Rei Shariar descobre que foi traído pela esposa, que tinha um servo por amante. O rei, despeitado e enfurecido, matou os dois. Depois, toma uma terrível decisão: todas as noites, casar-se-ia com uma nova mulher e, na manhã seguinte, ordenaria a sua execução, para nunca mais ser traído. Assim procede ao longo de três anos, causando medo e lamentações em todo o reino.

Um dia, a filha mais velha do primeiro-ministro, a bela e astuta Sherazade, diz ao pai que tem um plano para acabar com a barbaridade do rei. Todavia, para aplicá-lo, necessita casar-se com ele. Horrorizado, o pai tenta convencer a filha a desistir da ideia, mas Sherazade estava decidida a acabar de vez com a maldição que aterrorizava a cidade.

E assim acontece. Sherazade casa-se com o Rei.

Terminada a breve cerimônia nupcial, o rei conduziu a esposa a seus aposentos, mas, antes de trancar a porta, ouviu uma ruidosa choradeira. “Oh, Majestade, deve ser minha irmãzinha, Duniazade”, explicou a noiva. “Ela está chorando porque quer que eu lhe conte uma história, como faço todas as noites. Já que amanhã estarei morta, peço-lhe, por favor, que a deixe entrar para que eu a entretenha pela última vez! ”

Sem esperar resposta, a jovem abriu a porta, levou a irmã para dentro, instalou-a no tapete e começou: “Era uma vez um mágico muito malvado...”. Furioso, Shariar se esforçou ao máximo para impedir a narrativa; resmungou, bufou, tossiu, porém, as duas irmãs o ignoraram. Vendo que de nada adiantava sua estratégia, ele ficou quieto e se pôs a ouvir o relato de Sherazade, meio distraído no início, profundamente interessado após alguns instantes. A pequena Duniazade adormeceu, embalada pela voz suave da rainha. O soberano permaneceu atento, visualizando mentalmente as cenas de aventura e romance descritas pela esposa. De repente, no momento mais empolgante, Sherazade silenciou. “Continue! ”, Shariar ordenou. “Mas o dia está amanhecendo, Majestade! Já ouço o carrasco afiar a espada! ” “Ele que espere”, declarou o rei. Shariar se deitou e logo dormiu profundamente. Despertou ao anoitecer e ordenou à esposa que concluísse o relato, mas não se deu por satisfeito. “Conte-me outra! ”

Sherazade, com sua voz melodiosa, começou a contar histórias de aventuras de reis, de viagens fantásticas de heróis e de mistérios. Contava uma história após a outra, deixando o Sultão maravilhado.

Sem que Shariar percebesse, as horas passaram e o sol nasceu. Sherazade interrompeu uma história na melhor parte e disse:

- Já é de manhã, meu senhor!

O rei, interessado na história, deixou Sherazade no palácio para mais uma noite.

E assim, Sherazade fez o mesmo naquela noite, contou-lhe mais histórias e deixou a última por terminar. Sempre alegre, ora contava um drama, ora contava uma aventura, às vezes um enigma, em outras, uma história real.

Dessa forma, passaram-se dias, semanas, meses, anos. E coisas estranhas aconteceram. Sherazade engordou e de repente recuperou seu corpo esguio. Por duas vezes, ela desapareceu durante várias noites, e retornou sem dar explicação. E o rei tampouco lhe perguntou nada.

Certa manhã, ela terminou uma história ao surgir do sol e falou: “Agora não tenho mais nada para lhe contar. Você percebeu que estamos casados há exatamente mil e uma noites?” Um ruído lhe chamou a atenção e, após uma breve pausa, ela prosseguiu; “Estão batendo na porta! Deve ser o carrasco. Finalmente, você pode me mandar para a morte!” Quem entrou nos aposentos reais foi, porém, Duniázade que, ao longo daqueles anos, se transformara numa linda jovem. Trazia dois gêmeos nos braços e um bebê a acompanhava, engatinhando. “Meu amado esposo, antes de ordenar minha execução, você precisa conhecer meus filhos”, disse Sherazade. “Aliás, nossos filhos. Pois desde que nos casamos, eu lhe dei três varões, mas você estava tão encantado com as minhas histórias que nem percebeu nada...” Só então Shariar constatou que sua amargura desaparecera. Olhando para as crianças, sentiu o amor lhe inundar o coração como um raio de luz. Contemplando a esposa, descobriu que jamais poderia matá-la, pois não conseguiria viver sem ela.

Assim, escreveu a seu irmão lhe propondo que se casasse com Duniázade. O casamento se realizou numa dupla cerimônia, pois Shariar esposou Sherazade pela segunda vez e os dois reis reinaram felizes até o fim de seus dias.

http://www.miniweb.com.br/cantinho/infantil/38/estorias_miniweb/1001_noites.html

Em uma narrativa, conta a história de Sherazade com suas histórias e sua maneira de como conta-las prendia a atenção das pessoas inclusive do rei, e assim ela viu uma forma de livrar o povo das maldades do rei por angustia de ter sido traído.

E é assim que todas as histórias devem ser contadas, de uma forma prazerosa para quem as ouve, transformar a imaginação dos ouvintes, despertando a atenção. Quem não gosta de ouvir uma boa história não é mesmo?

Em mundo onde vivemos com muita maldade ouvir ou contar uma história nos leva a enfrentar melhor a realidade.

Crianças mesmo não sabendo ler, conseguem interagir com os livros. As imagens proporcionam o primeiro momento de maravilha, ao folhear as páginas, elas percebem que aí tem muitos segredos.

Em todos os lugares do mundo existem pessoas que contam, escrevem e reescrevem contos de fadas, fábulas, parlendas, mitologia mexendo com o imaginário. A cultura popular de cada país é um solo fértil de ideias para os autores.

Quem nunca quis, seja adulto ou criança, ser um personagem de uma história?

Os irmãos Grimm através de contadoras de histórias descobriram a preciosidade que é os contos de fadas. E assim também descobrimos os encantos dos livros através de outras pessoas.

No Brasil, também tivemos famosos contadores de história na literatura. Segundo Santos (2009), o escritor Monteiro Lobato em uma de suas obras, “Sítio do Pica Pau Amarelo”, colocou duas de suas personagens como contadoras em sua própria história, levando os leitores a perceberem que até personagens podem contar histórias com amor e carinho a quem as ouve. Como Monteiro Lobato, outros autores também reconhecem a importância de contar uma história e Guimarães Rosa é uma delas. Podemos perceber que mesmo depois de muito tempo passado os contos de fadas, folclore, histórias populares ainda estão muito presentes e trazem prazer para quem as ouve.

Santos (2009) explica que

Um dos maiores de nossa literatura, é Dona Benta personagem das histórias infantis de Monteiro Lobato, a avó de Pedrinho e Narizinho. É doce e decidida, e conduz os netos ao mundo do conhecimento por meio das histórias, as quais despertam neles o gosto da leitura, o prazer e a curiosidade, ingrediente fundamental presente no processo de aprendizagem, ora, ou não admitiremos que de um modo divertido Lobato também nos ensina. Dona Benta seria o leitor maduro que ensina e aguça jovens leitores a se envolverem com os textos lidos, pois à medida que lê vários clássicos das histórias infantis e outras obras, desperta a curiosidade dos leitores iniciantes e permite que esses comentem as suas dúvidas, ensinando-os que ao lerem podem questionar o que estão lendo e aprender cada vez mais com tais questionamentos (SANTOS, 2009, 97-98).

Santos (2009) destaca que, Monteiro Lobato, nos deu mais um presente quando escreveu um livro que

Aborda mais especificamente o tema das histórias orais elege uma segunda personagem contadora de história. A culta Dona Benta cede seu lugar a tia Anastácia, que representa a literatura do povo, a que é contada de pai para filho, de boca em boca, no livro Histórias de tia Anastácia. Essas histórias populares (orais), fabulosamente apresentadas por Tia Anastácia, exercem tanto encantamento como as clássicas (SANTOS, 2009, p.98).

Outro autor destacado por Santos (2009, p.98) que também fez uso da contação de histórias em seus contos foi Guimarães Rosa que “consegue suscitar de maneira tão peculiar a contação de “causos” nos sertões de Minas Gerais que atingem o universal da

Literatura, o universal do homem”. Dessa forma é regatado “o processo da oralidade popular por meio de seus contadores de “causos”, os quais contam o mesmo ao doutor, personagem este que é a ligação entre o oral e a escrita, pois ele, o doutor, é quem registra na norma o que disse o representante popular”.

O magnetismo das boas histórias não tem idade. Muitos são os autores que, brilhantemente, conseguem criar uma magia intensa com seus leitores. Atualmente, podemos lembrar dos inúmeros fãs que Harry Potter arrebanhou pelo mundo; Tolkein, com Senhor dos Anéis; Martim e a Guerra dos Tronos e muitas belíssimas histórias. Outras tantas histórias circulam por aí, especialmente aquelas narradas pelas contadoras de histórias.

2.3 Os contadores e seus métodos

Contar histórias seja ela oral ou escrita, como no caso de vários escritores, exige sensibilidade por parte de quem conta. Por isso, os contadores devem se colocar no lugar das crianças ao contar uma história, porque todo mundo tem uma criança dentro de si.

Antes de tudo o contador precisa conhecer o livro e o autor que o escreveu. As crianças se prendem à história quando o contador se utiliza uma roupa diferente para o momento ou se fantasia como algum dos personagens, faz vozes diferentes para cada personagem, canta uma música na introdução da história, chamando a atenção dos ouvintes. É importante escolher livros variados conforme faixa etária dos ouvintes. Ter um espaço agradável, para que escutem com clareza a história. Fantoches e brinquedos também é uma forma divertida, e saber se expressar de uma maneira correta (COELHO, 2015).

Ao dar início a uma história, primeiro conquiste o público, depois invente, faça da sua maneira. E se quiser mudar a história não tem problema, toda história tem a sua versão.

O professor quando conta uma história, irá perceber em cada criança o medo que ela traz em si e o modo é contado faz com que a criança se sinta à vontade e despertará a atenção no seu desenvolvimento na escola (COELHO, 2015).

Mesmo com todas as tecnologias o contador consegue deixar viva a nossa cultura, pois assegura-se contar histórias com naturalidade e ainda ter sucesso em sua narrativa (COELHO, 2015).

A leitura logo na infância proporciona a ter um crescimento de conhecimento quando chegar a fase adulta. O modo que o contador se expressa ao começar uma história cativa todo público (COELHO, 2015).

Quando a escola investe na contação de história ela amplia a possibilidade de a criança se desenvolver melhor, pois uma forma de melhorar a aprendizagem vem pelas histórias.

3. A pesquisa

Desde crianças crescemos ouvindo as histórias contadas pelos nossos avós e pais. A fantasia e a realidade sempre nos chamaram a atenção.

- Lembro que a maioria das histórias contadas pelos meus parentes eram histórias assustadoras. Meus familiares se reuniam na casa da minha avó e contavam o que tinha se passado com eles. Certo dia, relatando uma dessas histórias, meu pai disse que há muitos anos atrás, namorava minha mãe. Ela morava em um sítio distante da casa dele, com plantação de milho. Um dia, quando ele estava indo embora, tarde da noite, viu um senhor e uma carroça um pouco atrás dele. Aquele senhor foi se aproximando e, meu pai, apertando o passo. Quando o senhor chegou perto, meu pai olhou para trás e o senhor não estava mais lá! Lembro que fiquei aterrorizada com aquilo. Meu pai disse que por ali sempre tinha espíritos. (Adrielle S. G. do Nascimento)

- Uma das histórias que eu lembro, de quando eu era criança, era a minha avó que contava. Era sobre o famoso homem do saco, que ia nas casas das crianças *rebeldes que não* obedeciam seus pais e avós. Minha avó dizia que ele passava de casa em casa para ver quem era criança que não tinha obedecido naquele dia. Para eu ser obediente, minha avó me fazia ir até o portão e, quando passava um homem, qualquer um na rua, ela sempre dizia: - Olha lá! Aquele é o homem que vai te pegar! E eu, como toda criança inocente, acreditava. Eu via aquele homem que, mesmo sem nenhum saco nas mãos, ficava morrendo de medo. (Aniele G. Baptista).

- Outro fato que me recordei, foi o do Bicho Papão. Ele ficava em cima do telhado e pegava crianças que não dormiam. Me lembro que havia uns gatos que ficavam no telhado de casa e isso me fazia acreditar ainda mais que era o Bicho Papão que estava ali para me

buscar. São histórias que os antigos contavam, mas que me traz boas lembranças. (Aniele G. Baptista).

As histórias fazem parte da vida das pessoas porque descrevem fatos importantes que aconteceram. Quem nunca viveu uma história de amor, de sofrimento, de alegrias ou de saudades?

Justificativa

Este artigo relata sobre a contação de história na percepção dos contadores entrevistados e também, a partir do como vivenciamos a contação em nossas vidas. Esse é um tema pouco discutido sob a perspectiva daqueles que estão por ‘trás dos bastidores’ ao contarem histórias.

O que nos levou a escolher esse tema foi compreender os benefícios que o contador de histórias vê em sua profissão e, futuramente, ser um contador, para que com esse tipo de formação possamos nos aprimorar para o exercício de nossa profissão: ser professoras. Com a construção desse artigo, tivemos de incentivo várias outras experiências como as contadoras que entrevistamos.

Entendemos também que a contação pode incentivar a leitura para todas idades, e mostrar que não é somente no ato de ler que se mergulha numa história, cultivar pequenos hábitos, como o de relatar o que se passa no seu dia-a-dia, já representa contar uma história. Podemos dizer que seriam os causos que ocorreram conosco no cotidiano ou com uma pessoa que está próxima de nós. Outro aspecto importante é incentivar a conversa entre as pessoas, crianças, famílias. É transformar a capacidade de falar em desabafo, expressar o que sente, trocar experiências.

Nosso trabalho está baseado em várias obras sobre contação de história e, principalmente, em Santos (2009).

Metodologia

Para esse estudo realizamos pesquisa bibliográfica e uma entrevista com 8 perguntas abertas aplicadas a 6 contadoras de histórias. Elas relataram o motivo pelo qual resolveram fazer o curso; há quanto tempo fez o curso; se trabalhou como contadora e se há vantagem na remuneração; o que encantou ou desencantou na contação de história; se há adaptações ao contar a história de acordo com a faixa etária do ouvinte; o que é preciso

para contar bem uma história; que tipo de história costuma contar; de que maneira as histórias podem ajudar no processo educativo.

Objetivos

O objetivo deste trabalho é:

- Descrever o trabalho do contador de história a partir de sua percepção;
- Conhecer as histórias de vida por traz do contador de história;
- Demonstrar a importância do contador de histórias para todas as idades;
- Valorizar o trabalho do contador e sua importância para a aprendizagem;
- Demonstrar que a contação beneficia os ouvintes.

Análise dos dados

As respostas das contadoras de história foram analisadas a partir do referencial teórico estudado e transcritas a seguir. O que buscamos foi comparar pontos semelhantes ou divergentes nas respostas sem utilizar qualquer juízo de valor uma vez que as contadoras responderam a partir da sua experiência de vida e profissional. Encontramos várias semelhanças com resultados obtidos por Santos (2009) em sua pesquisa com contadores de história.

Em relação a pergunta “sobre o motivo que influenciou a fazer o curso de contadora de história”, percebemos que as 6 contadoras tinham por objetivo ampliar seu conhecimento, trabalhar melhor com as crianças.

A contadora 5 respondeu - *Resolvi fazer porque comecei a trabalhar, ainda jovem na igreja, comecei a trabalhar com criança, a pensei em fazer cursos para me preparar, qualificar para fazer o melhor para as crianças.* Ela e as demais demonstram essa preocupação em melhor desempenhar seu trabalho.

Quanto ao “tempo que exercessem a profissão de contadora”, encontramos variadas experiências que vão desde 26, 15, 14, 10 anos e, duas contadoras com 1 ano. Ficamos surpresas com o fato de que 67% das contadoras terem mais de 10 anos de experiência.

Em relação ao “trabalho como contadora e à remuneração”, observamos que todas já trabalharam como contadoras de história. 50% delas iniciou o exercício da profissão como trabalho voluntário. Em decorrência disto, receberam propostas

remuneradas, mas a fonte oficial de renda não é essa. Somente 25% das respostas consideram o valor da remuneração bom.

A questão “o que fez com que você se encantasse ou desencantasse com a contação”, 100% das contadoras relataram que o retorno que as crianças dão é o que mais encanta, isso garante um retorno pessoal muito grande.

- O olhar de cada criança, o retorno que recebemos daqueles que escutam é sempre muito gratificante é compensador. Contadora 1.

- Quando acabamos de fazer o curso temos que fazer uma apresentação, e por ser nova eu era tímida e meu pai foi assistir minha apresentação e ficou encantado por eu ser tímida e ter a atitude de contar e por ele ser contador também, e a história que eu contei faz parte da minha vida então consegui fazer uma boa apresentação, quando eu conto histórias eu conto com amor, e despertar algo nas crianças, um sorriso, um brilho no olhar. Contadora 2.

- O encantamento pelas histórias, vem de conseguir transformar pensamentos e atitudes, pois as histórias muito ensinam. Contadora 3.

- O que me fez encantar pelas histórias foi como elas me ensinavam, como meus pais me contavam a maneira me trazia leveza, gostava muito de conversar com os idosos e ficava ouvindo as histórias, e isso me encantava, como na igreja contar histórias para as crianças. Depois de 26 anos posso dizer que só fico mais encantada. Contadora 5.

Em relação a pergunta “ao contar uma história você faz adaptações de acordo com a idade”, 90% das contadoras diz que sim e 10% não faz.

- Sim, dependendo a idade preciso realizar adaptações. Para crianças pequenas é preciso cuidado com o tempo, se possível inserir instrumentos que chamem a atenção e tornem o momento mais significativo. Tudo vai depender da história e da abordagem, pois há histórias que também não precisam ser adaptadas, pois já possuem um tempo bom e são musicalizadas por exemplo. Contadora 1.

- Já fiz adaptações sim, principalmente para bebês, porque a concentração deles é menor, e sempre utilizando tecidos, instrumentos musicais, para não se dispersam, mas dificilmente faço adaptação para crianças que já tenham passado de 1 ano. Contadora 2.

- As histórias precisam ser adaptadas para cada idade, porque para você chamar o público para você tem que mudar suas estratégias. Contadora 5.

- *Na verdade não, porque as histórias são para crianças de 0 a 100 anos.* Contadora 6.

“Para contar bem uma história”, as contadoras disseram que é essencial contar com o coração, ter amor pela contação e adicionar técnicas. A Contadora 2 relata não ser nada técnica, ser mais coração, acredita que você precisa se encontrar dentro de você, e saber que aquela história pode mudar a vida daquela pessoa que vai escutar.

- *Primeiramente é preciso amar as histórias e as crianças, conhecer bem as histórias, pensar nos elementos que serão utilizados (tecidos, fantoches, músicas, instrumentos) e estar segura de si, só assim conseguirá encantar ouvintes.* Contadora 1.

- *É preciso concentração, desenvoltura, estudo prévio da história, leveza nos movimentos e principalmente ser encantada pela arte de contar histórias.* Contadora 4.

- *Desenvoltura, dicção boa, voz audível e principalmente amar o que faz.* Contadora 6.

Quanto à pergunta sobre o tipo de história que costuma contar, 75% das contadoras contam histórias infantis, fábulas e 25% costumam contar histórias com princípios e valores pessoais.

- *Atualmente conto histórias para bebês e crianças pequenas, histórias infantis que fazem parte da nossa literatura, gosto muito dos autores: Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Sylvia Orthof, Mary França entre outros.* Contadora 1.

Na última pergunta sobre “como as histórias podem ajudar no processo educativo e ser uma boa aliança para a escola”, todas as contadoras relatam que a contação traz benefícios em todos os ambientes, mais em relação a escola desperta na criança o hábito de ler, desenvolvimento da linguagem da escrita, um universo de infinitas possibilidades.

- *Contar histórias para as crianças, na escola é um recurso muito importante desde a mais tenra idade, ela contribui para o desenvolver nas crianças o hábito e o prazer em ler e ouvir histórias, contribui para a memória, para desenvolver a sequência temporal dos fatos narrados, a oralidade, a escrita, além de possuir como conteúdo principal o afeto e estabelecer links com muitos outros conteúdos, como por exemplo, respeito ao próximo, diversidade, cores, alimentação, família, separação, enfim... uma infinidade de temas que podem ser abordados desde a Educação Infantil.* Contadora 1.

- *Do meu ponto de vista é muito importante essa aliança, principalmente para mim que gosto dessa parte afetiva, porque como professora e contadora traz essa parte afetiva, porque mexe com o lúdico com a fantasia da criança, quando conto histórias da minha infância vejo que eles se identificam e eles querem saber de você, acredito que a história*

faz você se aproximar da criança e se a gente aproxima e mais fácil esse processo educativo. Contadora 2.

- Em todos os ambientes as histórias trazem benefícios. Porém, no ambiente escolar, vejo como ferramenta fundamental, (Atenção/ Interpretação / Linguagem / Valores, enfim um universo de possibilidades), pois em todas as histórias conseguimos extrair assuntos referentes a todas as matérias, temas transversais e etc... Contadora 3.

- As histórias proporcionam o desenvolvimento da linguagem e da escrita. O professor bem preparado para contar histórias despertará em seus alunos além do aprendizado a descoberta de emoções que serão lembradas para sempre. Contadora 4.

4. Considerações

Ler e escrever é essencial na vida de todas as pessoas, pois assim nos comunicamos por cartas, mensagens no celular, em trabalhos durante nossa passagem na escola, pode-se dizer que essa é uma das linguagens de comunicação mais utilizada.

Até mesmo pessoas que não gostam muito de ler livros tem um gênero literário favorito. Isto porque, através de histórias relatadas em livros, com seus detalhes de escrita e sentimentos colocados, nascem os sentimentos mais apaixonantes. Todos os livros contêm sentimentos que prendem o leitor, por isso, conseguimos nos colocar no lugar dos personagens, sentir o que está relatado que eles sentem.

De acordo com os resultados apresentados os contadores afirmam que contar histórias vai muito além de ler, pois, precisam dar o melhor de si, colocar o amor naquilo que está sendo feito. Para isso é preciso fazer um curso e aprimorar as técnicas de contação. Para os contadores, essa formação acresce muito na vida pessoal e profissional.

Devemos entender que o indivíduo necessita querer fazer o melhor, entender sobre o assunto, buscar o melhor para sua aprendizagem. Procurar por técnicas para se qualificar cada vez mais. Se identificar naquilo que faz. Saber que o que ele está passando acrescentará na formação dos ouvintes (SANTOS, 2009).

Ao procurar entender como sua contação vai conseguir afetar os ouvintes de uma forma boa. Entender que servirá de base na formação de leitores criativos, porque se o contador for apaixonado poderá inspirar os ouvintes a serem também (SANTOS, 2009).

Quando histórias e textos de um certo gênero fazem parte não só do interesse do contador, mas também do ouvinte, há uma maior oportunidade para que o ouvinte possa aprimorar seu conhecimento sobre o assunto que lhe interessa e, possibilitará ter um

melhor desempenho em produções de textos futuramente. Como contador se deve colocar a necessidade da plateia em primeiro lugar, de acordo com a faixa etária do nosso público buscar o assunto mais apropriado.

Como o nosso artigo foi baseado em Santos (2009, p.101), e ela destaca que “podemos considerar que a contação é um recurso básico na formação dos leitores por proporcionar o envolvimento do leitor iniciante com o texto, com o mundo, com o outro e consigo mesmo”.

Quando os professores fazem uma contação em sala de aula podemos perceber que ainda falta um pouco de habilidade. O aprimoramento na técnica poderia favorecer um bom desempenho na formação de um leitor criativo.

Esperamos que esse artigo possa colaborar de forma reflexiva como é a contação na percepção de todos os contadores e como eles acreditam nos aspectos positivos daquilo que fazem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAFÉ, Angela B.C. **Dos contadores de história e das histórias dos contadores.** Editora UFG, Goiania, 2005.

COELHO, Kesia. **A importância da leitura na educação infantil: um estudo teórico.** 2015. 11 f. Trabalho de Conclusão de Curso. FAP.

Disponível em: <https://fapb.edu.br/wp-content/uploads/sites/13/2018/02/especial/4.pdf>
Acesso em 17 nov. 2018.

SANTOS, Gislene A. da Silva. **A arte de contar histórias: um recurso didático para a formação de leitores.** 2009.126 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Nove de Julho.

SILVA, Sonia G. Contando histórias. Disponível em:

http://www.cienciashumanas.com.br/resumo_artigo_4627/artigo_sobre_contando_historias Acesso em 06 ago. 2018.

Disponível em:

http://www.miniweb.com.br/cantinho/infantil/38/estorias_miniweb/1001_noites.html
Acesso em 06 ago. 2018.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bardo> Acesso em 06 ago. 2018.

Disponível em:

http://pontodeencontro.proinfo.mec.gov.br/O_Contador_de_Historias.pdf Acesso em 06 ago. 2018.

Disponível em:

<http://aconradorahistoria.blogspot.com/2008/06/sherazade.html> Acesso em 06 ago. 2018.

Disponível em:

<http://virusdaarte.net/os-menestreis-e-os-trovadores/> Acesso em 06 ago. 2018.

Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Menestrel> Acesso em 06 ago. 2018.

Disponível em:

<file:///C:/Users/Cliente%20Preferencial/Downloads/Contar%20hist%C3%B3ria%20Gislenecp105337.pdf> Acesso em 06 ago. 2018.

INFLUÊNCIA DA MÍDIA NO COMPORTAMENTO ALIMENTAR INFANTIL

Andréia Almeida¹

Edilaine Godói Gouveia Ribeiro²

Jenifer dos Santos³

Pâmella Oreti⁴

Maria Belintane Fermiano⁵

Resumo

Estamos inseridos em uma sociedade cujo alto consumo de alimentos industrializados e de baixo teor nutritivo vem se expandindo. Os mais afetados por essa influência de consumo alimentar são as crianças. O presente trabalho nos possibilitou que analisássemos como a publicidade de alimentos pode comprometer o comportamento alimentar infantil. Normalmente, para que se consiga fazer com que as crianças consumam alimentos de baixo valor nutritivo, as empresas trabalham com algo que seja atraente para os pequenos consumidores. Uma das estratégias é a utilização de produtos com imagens de personagens de desenhos ou filmes. Diante dessa persuasão para consumir, os pais são influenciados pelos filhos para comprar o alimento que desejam. O objetivo dessa pesquisa é demonstrar a influência da mídia sobre o consumo deste tipo de alimento na infância e apontar alguns danos à saúde da criança. Para isso, foi realizada uma investigação de campo com dois questionários. O primeiro, com 5 perguntas, destinado a 20 pais e mães. O segundo, com 7 perguntas, para entrevistar 20 filhos ou filhas. Os resultados e discussões, somados à bibliografia que tratam do assunto, nos mostrou que as crianças são fortemente influenciadas pela mídia televisiva e publicidade, com a utilização de personagens.

Palavras-chave: Infância. Mídia. Consumo. Má alimentação. Personagens.

Abstract

We are part of a society whose high consumption of industrialized foods and low in nutritional content has been expanding. Those most affected by this influence of food consumption are children. The present work has enabled us to analyze how food advertising may compromise infant feeding behavior. Usually, in order to make children consuming foods of low nutritional value, companies work with something that is appealing to the children consumers. One of the strategies is the use of products with images of cartoon characters or movies. Faced with this persuasion to consume, parents are influenced by their children to buy the food they want. The purpose of this research is to demonstrate the influence of media on consumption of this type of food in childhood and point out some damage to the child's health. For this, a field investigation was carried out with two questionnaires. The first one, with five questions, intended for twenty fathers and mothers. The second one, with seven questions, to interview twenty sons or daughters. The results and discussions, added to the bibliography that deal with the subject, has shown us that children are strongly influenced by television media and advertising, using cartoon characters.

Key words: Childhood. Media. Consumption. Bad eating habits. Cartoon characters.

Saúde em risco

A Organização Mundial de Saúde (OMS) divulgou, em 2017, um estudo mundial sobre obesidade infantil. Os dados são assustadores, pois o número de crianças e adolescentes obesos, de 5 a 19 anos de idade, aumentou dez vezes nas quatro últimas décadas. A OMS considera esse quadro uma epidemia global, uma vez que tantos países desenvolvidos quanto em desenvolvimento são afetados por essa situação (OPAS, OMS, 2017).

Os pesquisadores do estudo explicam que esse quadro de obesidade reflete o impacto do marketing e das políticas de alimentos em todo o mundo [...]. A tendência é de que uma geração de crianças e adolescentes cresçam obesos e com maior risco de doenças, como o diabetes. O alimento saudável e nutritivo deve ser mais disponível em casa e na escola e entre famílias e comunidades pobres, além de regulamentos e impostos para proteger as crianças de alimentos pouco saudáveis (OPAS, OMS, 2017).

Mudanças comportamentais das crianças, como inatividade física e dietas não saudáveis e *fast food*, resultam em obesidade. Outros fatores podem ser agregados: “urbanização, o aumento da renda, [...] do tempo diante da televisão e de videogames levaram a uma elevação no consumo de alimentos ricos em gorduras, açúcar e sal e menores níveis de atividade física” (OPAS, OMS, 2017).

A OMS (2017) acredita que todos os países devem implementar políticas públicas para “reduzir o consumo de alimentos baratos, ultra processados, densos em calorias e pobres em nutrientes.” Além disso, as crianças devem passar menos horas diante das “telas”, aumentando o nível de atividade física. Em 2016, havia 50 milhões de meninas e 74 milhões de meninos com obesidade no mundo. O número de adultos obesos aumentou de 100 milhões, em 1975, para 671 milhões, em 2016.

A redução da obesidade é um dos elementos-chave da Agenda para o Desenvolvimento Sustentável 2030. A alimentação se encontra contemplada em um dos objetivos, no sentido de acabar com todas as formas de má nutrição, obesidade e sobrepeso. Além de implementar ações de prevenção contra a obesidade (OPAS, OMS, 2017).

No Brasil, a tendência é semelhante. A elevação dos níveis de obesidade está atrelada ao maior consumo de produtos industrializados, ricos em gordura e açúcar. Nas últimas quatro décadas, o índice de obesidade entre meninos saltou de 0,93%, em 1975, para 12,7%. Entre meninas, passou de 1,01%, em 1975, para 9,37%.

A Federação Mundial de Obesidade aponta que, em 2025, 150 mil crianças e jovens, no Brasil, desenvolverão diabetes tipo 2, enquanto 1 milhão terão pressão arterial elevada. Outro dado alarmante é o número de crianças e jovens brasileiros que sofrerão com gordura no fígado - cerca de 1 milhão e 400 mil.

Diante dos dados, observa-se que a sociedade é marcada pela influência da mídia no que diz respeito ao consumo. O comportamento de adultos e, em especial, o das crianças, é afetado. O público infantil é envolvido e seduzido pela ação da mídia na divulgação de diversos tipos de alimentos pobres em nutrientes, tais como: biscoitos, salgados, refrigerantes, *fast-foods*, alimentos semi-prontos e totalmente industrializados. Em muitos casos, a publicidade atrela os produtos à imagem de personagens queridos que despertam o interesse das crianças, uma vez que elas não possuem elementos de defesa e de filtro intelectual.

Sobre a cultura do consumo, Pereira Junior descreveu que ela

Apoia-se na atração pelos prazeres sensíveis, físicos ou imaginários, para vender mais. Essa atração é um movimento jurídico primário e pode ser mais facilmente manipulado mediante estímulos. A experimentação do prazer é individual, o que leva cada pessoa a buscar possuir o bem que julga apto a lhe satisfazer o desejo, segundo a imagem projetada na publicidade (PEREIRA JUNIOR, 2011, p. 163).

Mas não é somente a publicidade que influencia as crianças. O avanço da tecnologia, sobretudo, da Internet, tem afetado o cotidiano delas que, cada vez mais, estão imersas no mundo da informação. As empresas do ramo de alimentos, assim como as demais, se aproveitam desta situação e investem, maciçamente, em propagandas nos meios de comunicação, como redes sociais, canais do *Youtube* e de televisão, alcançando diretamente as crianças.

A publicidade persuade as crianças através da mídia eletrônica, a que elas têm acesso, fazendo com que entrem precocemente no mundo adulto, sem terem maturidade. Dessa forma, são expostas às relações de consumo exagerado, autorizadas pelos pais e, tal fato reflete na vida adulta como pessoas exageradamente consumistas e alienadas (RIBEIRO, 2018).

Sendo assim, esta pesquisa se faz importante, pois tem a finalidade de mostrar a realidade sobre consumo infantil de alimentos, provocar a reflexão e conscientização da família, escola e outras comunidades sobre este tipo de consumo. Não é possível afirmar, totalmente, que a publicidade influencia o comportamento alimentício das crianças, no entanto, cabe pensar no que diz Fermiano⁹, “se a publicidade não tivesse o poder de influência sobre as crianças, as empresas não investiriam tanto dinheiro em produtos, visando atingi-las”.

1. Mídia e consumo alimentar na infância

Sabemos que o público infantil está cada vez mais exposto às mídias, mas isso vem acontecendo devido alguns fatores, sendo eles: falta de segurança para brincar nas ruas, ausência dos pais na vida da criança (especialmente por trabalharem muito) e o acesso à tecnologia. Segundo TIC KIDS ONLINE BRASIL (2016), cerca de oito em cada dez crianças e adolescentes (82%), com idades entre 9 e 17 anos, são usuários de Internet, o que corresponde a 24,3 milhões de crianças e adolescentes em todo o país. Os resultados apontam a permanência de importantes disparidades regionais e socioeconômicas no acesso e uso da rede. Enquanto, em áreas urbanas, 86% das crianças e adolescentes estavam conectados, em áreas rurais, essa proporção era de 65%. Na região Sudeste, 91% das crianças e adolescentes declararam ser usuários de Internet; no Norte, apenas 69%. Com essas crianças conectadas à Internet, o risco *on line* aumenta.

⁹ Palestra proferida no Centro de Convenções da Unicamp, Campinas, SP, 2015.

De acordo com Sant'Anna (1998, p.165), “na televisão, os anúncios podem ser classificados como atrevidos, insinuantes e provocantes. Porque, se não forem, eles não prendem a atenção do telespectador e não cumpriram seu papel.”

Segundo Linn (2006), a propaganda destinada às crianças consegue afetá-las mais intensamente que aos adultos, pois atinge as emoções e não o intelecto.

Crianças em idade pré-escolar têm dificuldade em diferenciar comerciais de programas normais de televisão. As crianças um pouco mais velhas sabem fazer tal distinção, mas pensam concretamente e tendem assim a acreditar no que veem num comercial de quinze segundos sobre bolachas e brinquedos. Até cerca de oito anos, as crianças não conseguem realmente entender o conceito de intenção persuasiva – segundo o qual cada detalhe de uma propaganda foi desenvolvido para tornar o produto mais atraente e para convencer as pessoas a comprá-lo (LINN, 2006, p.22).

As indústrias de alimentos fazem investimento altíssimo em divulgações e propagandas. Uma das estratégias frequentemente utilizada é o *eatertainment* (comida + diversão). Os publicitários associam a imagem de um personagem de desenho ou filme com a comida que, dessa forma, se torna desejada, atingindo diretamente as crianças e também aos pais. A estratégia é tão eficiente que é utilizada em refrigerantes, salgadinhos, doces, *fast food*, ou seja, alimentos com valor de gorduras, açúcar e sal muito alto e pobre em nutrientes.

Dentre as áreas que estudam a relação entre alimentos ultra processados, publicidade televisiva, personagens e obesidade, destacam-se a de Nutrição, Publicidade e Propaganda, Educação Física, Ciências Biológicas, Psicologia e Educação. Em função da importância de se conhecer resultados nesses estudos, serão relatados algumas de suas descobertas.

António Cardoso (2007) realizou uma pesquisa bibliográfica de estudos portugueses para demonstrar a importância do uso de ídolos, celebridades e heróis na publicidade infantil, de forma a construir um quadro conceitual e metodológico para a realização de uma futura investigação empírica que respondesse a seguinte questão: *Qual a importância dos ídolos na apropriação dos produtos das marcas junto das crianças entre 6 e 12 anos?* Nesse artigo, a autora explica a evolução do papel da infância na sociedade; os estímulos cognitivos, afetivos e comportamentais que fazem com que ela estabeleça uma relação tão próxima com os personagens e ídolos; a pressão exercida pelos amigos e meios de comunicação.

Mazzoneto (2012) explica que a criança é considerada um consumidor, porque ela pode escolher produtos que consome, realizar compras independentes e, também, por direcionar as escolhas do pai, direta ou indiretamente. A autora investigou 71 crianças e explica que tanto a compra quanto a ingestão de alimentos de baixo valor nutricional são motivadas por diferentes fatores.

Entre eles, a preferência inata da criança pelo sabor doce e por alimentos de alta densidade energética. Essa preferência é reforçada pela intensa promoção e divulgação de produtos de alta palatabilidade e densidade energética, bem como pela ampla disponibilidade, fácil acesso, conveniência e baixo custo. Por outro lado, frutas, legumes e verduras, são ingeridos em quantidades e frequências inferiores às recomendações. Acesso e disponibilidade também figuram como determinantes da ingestão desse grupo alimentar, além do exemplo e do estímulo dos pais. Como os hábitos alimentares desenvolvidos na infância provavelmente permanecerão na idade adulta, investigar em crianças fatores envolvidos nas escolhas de alimentos de alto e baixo valor nutricional, tanto no momento de ingestão quanto no momento de compra e influência, mostra-se uma etapa relevante para definir ações de educação para o consumo e de promoção de hábitos alimentares saudáveis (MAZZONETO, 2012, p.14)

Os resultados encontrados por Mazzoneto (2012) mostraram que as crianças escolhem alimentos de baixo valor nutricional nos pedidos que fazem aos pais, “principalmente no supermercado; quando realizavam compras independentes; ao participarem de eventos sociais, momentos de lazer ou quando se alimentavam fora de casa”.

Mazzoneto (2012) e Fermiano (2010) encontram resultados semelhantes em suas pesquisas. As autoras apontam que as crianças realizam compras independentes em estabelecimentos próximos às suas casas de produtos com alto teor de açúcar e gordura. Fermiano (2010) destaca a cantina escolar como um dos lugares de grande acesso desses alimentos.

Mazzoneto (2012) explica que o consumo desses alimentos pelas crianças é pelo fato de serem gostosos, mesmo sabendo que não são saudáveis. Elas não se sentem estimuladas a consumir frutas, verduras e legumes pelo fato de só serem “saudáveis”. “Sentir fome, ter sabor agradável e boa aparência, além de aparecer na TV” são motivadores para as crianças consumirem os alimentos. Como, geralmente, os alimentos saudáveis não possuem estes atributos, não se entusiasmam para consumi-los. Aparência inadequada foi citada como barreira para o consumo de frutas, legumes e verduras.

Almeida, Nascimento e Quaiotib (2002, p.353) analisaram “a quantidade e a qualidade de produtos alimentícios veiculados por três redes principais de canal aberto da

televisão brasileira em três períodos do dia”. Os resultados demonstraram que há uma frequência maior de veiculação de produtos alimentícios nos diferentes horários, dias ou canais. Os produtos alimentícios observados são de alto teor de gordura, açúcar e sal e a amplitude de oferta de alimentos com essas características pode contribuir para hábitos alimentares inadequados de crianças e jovens, agravando o problema de obesidade. Essa pesquisa vem ao encontro da OMS (2017), que alerta sobre a tendência de aumento da obesidade entre crianças e jovens.

Dos 1.395 anúncios de produtos alimentícios veiculados, 57,8% estão no grupo da pirâmide alimentar representado por gorduras, óleos, açúcares e doces. O segundo maior grupo foi representado por pães, cereais, arroz e massas (21,2%), seguido pelo grupo de leites, queijos e iogurtes (11,7%) e o grupo de carnes, ovos e leguminosas (9,3%). Há completa ausência de frutas e vegetais. A pirâmide construída a partir da frequência de veiculação de alimentos na TV difere significativamente da pirâmide considerada ideal. Há, na realidade, uma completa inversão, com quase 60% dos produtos representados pelo grupo de gorduras, óleos e doces e uma consequente redução do grupo pão, cereais, arroz e massas, além da ausência de frutas e vegetais (ALMEIDA, NASCIMENTO, QUAIOTIB, 2002, p.353).

Na pesquisa de Moura (2010, p.113), quase 60% dos alimentos anunciados da TV são representados por gorduras, óleos, açúcares e doces. Na opinião da autora, “crianças e adolescentes não têm maturidade suficiente para controlar suas decisões de compra e que o aumento da obesidade infantil pode estar relacionado com a influência negativa do marketing” e, ainda explica que “[...] o consumo de alimentos pobres em nutrientes aumentou de 11 para 40 por hora nas últimas duas décadas. Moura (2010, p.113) estudou a influência do marketing no comportamento alimentar de crianças e adolescentes e apontou “como o tempo excessivo gasto com a televisão pode levar à inatividade física e consequente obesidade”.

2. Limites impostos pela legislação acerca da publicidade infantil

A publicidade tem por objetivo persuadir o público em geral, fazendo com que as pessoas sejam influenciadas nas decisões de compras. Infelizmente, o público infantil tem sido alvo desta publicidade. A este respeito existe um limite legal imposto para a mídia que deveria auxiliar na prevenção de prejuízos imediatos ou futuros em relação à exposição abusiva de conteúdo publicitário. Na prática, estes prejuízos são sentidos na própria forma de a criança enxergar o mundo, uma vez que ela passa a sentir e a agir a partir do materialismo imposto pelo conteúdo televisivo ou das redes sociais. Muitos não

sabem das leis que determinam esses limites em relação àquilo que pode chegar aos olhos das crianças.

No Brasil, o Código de Defesa do Consumidor, em alguns de seus artigos, trata dessa questão. Pode-se observar, em especial, o parágrafo 2º do artigo 37 que diz:

É proibida toda publicidade enganosa ou abusiva. (...) 2º É abusiva, dentre outras, a publicidade discriminatória de qualquer natureza, a que incite a violência, explore o medo ou a superstição, se aproveite da deficiência de julgamentos e experiência da criança, desrespeita valores ambientais ou que seja capaz de induzir o consumidor a se comportar de forma prejudicial ou perigosa a sua saúde ou segurança (CDC, 1998).

O artigo 39 do CDC, em seu inciso 4º, diz que “É vedado ao fornecedor de produtos ou serviços, dentre outras práticas abusivas: prevalecer-se da fraqueza ou ignorância do consumidor, tendo em vista sua idade, saúde, conhecimento ou condição social, para impingir-lhe seus produtos ou serviços”. Por outro lado, nem todos, sociedade e famílias, têm o conhecimento dessas leis e, por isso as empresas de publicidade se aproveitam desta situação e, anunciam seus produtos de forma abusiva a tal ponto que a criança acaba por convencer os pais para que realizem os seus desejos (ROCHA, VIEGAS, SANTOS, MARTINS, 2018/2015)

Na Constituição, o art. 5º, prevê expressamente que o Estado proverá a defesa do consumidor, uma vez que ele é considerado vulnerável. As crianças possuem uma condição de hipervulnerabilidade diante dos apelos publicitários.

Ressalta-se que esse estado de vulnerabilidade agravada é amplamente reconhecido, tanto no âmbito legal (Art. 37 §2º, art. 29, IV, CDC) como na seara jurisprudencial. É que a condição de criança na sociedade de consumo impõe uma ponderação de valores e limites éticos à atividade publicitária. Em muitos casos, o atendimento aos pedidos da criança, fruto do interesse instigado pela própria mídia, traz prejuízos à sua própria saúde e ao seu desenvolvimento intelectual. Em um primeiro momento, a satisfação de determinadas “necessidades” da criança pode parecer não trazer nenhum impacto negativo, entretanto, se todo o consumo fosse positivo não haveria dispositivos de proteção ao consumidor (ROCHA, VIEGAS, SANTOS, MARTINS, 2018/2015).

Por isso, a importância do Conanda, que é um órgão colegiado de caráter normativo e deliberativo, vinculado à Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, que atua como instância máxima de formulação, deliberação e controle das políticas públicas para a infância e a adolescência na esfera federal, fiscalizando o cumprimento e a aplicação eficaz das normas do ECA. Criado pela Lei n. 8.242 de 12 de outubro de 1991, possui, especificamente, a competência de “elaborar as

normas gerais da política nacional de atendimento dos direitos da criança e do adolescente.

O Conanda é composto de forma paritária entre representantes da sociedade civil organizada ligados à promoção e proteção dos direitos da criança e representantes dos ministérios do governo federal. Possui o dever e a competência constitucionalmente prevista de zelar pela devida e eficiente aplicação das normas de proteção às crianças e adolescentes no Brasil. Inclusive, para exercer tal dever, pode editar Resoluções, as quais são atos normativos previstos no Art. 59 da Constituição Federal.

A Resolução 163 do Conanda

Na Plenária do dia 13 de março de 2014 foi aprovada de forma unânime a Resolução n. 163 que considera abusiva a publicidade e comunicação mercadológica dirigidas à criança (pessoa de até 12 anos de idade, conforme Art. 2º do ECA), definindo especificamente as características dessa prática, como o uso de linguagem infantil, de pessoas ou celebridades com apelo ao público infantil, de personagens ou apresentadores infantis, dentre outras. A resolução define, ainda, como ‘comunicação mercadológica’ toda e qualquer atividade de comunicação comercial, inclusive publicidade, para a divulgação de produtos, serviços, marcas e empresas realizada, dentre outros meios e lugares, em eventos, espaços públicos, páginas de internet, canais televisivos, em qualquer horário, por meio de qualquer suporte ou mídia, no interior de creches e das instituições escolares da educação infantil e fundamental, inclusive em seus uniformes escolares ou materiais didáticos, seja de produtos ou serviços relacionados à infância ou relacionados ao público adolescente e adulto. Toda publicidade que até então tinha como alvo o público infantil deve ser alterado e direcionado ao público adulto, o qual é o verdadeiro responsável por fazer a devida mediação da mensagem comercial com as crianças (INSTITUTO ALANA, 5 nov.2018).

Os que querem a manutenção da prática da comunicação mercadológica infantil enxergam na Resolução uma ameaça aos seus interesses e, por isso, tentam deslegitimar sua força e abrangência, alegando que a Resolução não teria poder vinculante. **Ainda existe publicidade e comunicação mercadológica direcionada à criança na televisão, internet e nos pontos de venda, por exemplo, porque anunciantes, o mercado publicitário e veículos de comunicação insistem em anunciar para as crianças, agindo em desconformidade com a legislação vigente de proteção dos direitos da criança e do**

consumidor, em especial o Art. 37 do Código de Defesa do Consumidor que proíbe a prática da publicidade abusiva. Cabe, agora, aos agentes e órgãos responsáveis tanto do Sistema de Garantias dos Direitos da Criança e do Adolescente, como do Sistema Nacional de Defesa do Consumidor, fiscalizarem as violações à legislação nacional e aplicarem as sanções cabíveis. Dentre os órgãos destacam-se o Ministério da Justiça, os PROCON, o Ministério Público e a Defensoria Pública (INSTITUTO ALANA, 5 nov.2018).

A publicidade direcionada para criança deve ser denunciada aos órgãos competentes do Sistema de Garantias dos Direitos da Criança e do Adolescente e do Sistema Nacional de Defesa do Consumidor, como o Ministério da Justiça, os PROCON, o Ministério Público e a Defensoria Pública.

No entanto, existe o Projeto de Decreto Legislativo 1460/14, em tramitação na Câmara de Deputados que revoga resolução do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) que regulamenta a propaganda voltada a crianças e adolescentes.

O autor da proposta, deputado Milton Monti, entende que a regulamentação é de competência exclusiva do Congresso Nacional e que, no artigo 22 da Constituição, "compete privativamente à União legislar sobre a propaganda comercial". O deputado argumenta que a resolução do Conanda fere a liberdade de expressão.

A proposta será analisada pelas comissões de Seguridade Social e Família; e de Constituição e Justiça e de Cidadania. Depois, será votada pelo Plenário (CÂMARA DOS DEPUTADOS, Agência Câmara Notícias, 11/06/2018).

Portanto, percebe-se claramente a dependência da criança na condução daquilo que é sadio ou não para a sua existência. Esta condução normalmente se dá pelos seus pais ou responsáveis. Para isto, é importante que os pais possuam o conhecimento de leis como está para a sua própria defesa. Contudo, como existe uma grande defasagem na aplicação das leis em nosso país, os pais devem ficar atentos ao conteúdo assistido pela criança, a fim de filtrar aquilo que deve chegar até ela.

A PESQUISA

Metodologia

Foram aplicados dois questionários, cada um com 5 perguntas entre múltipla escolha e aberta. Um deles foi aplicado em 10 pais ou mães com objetivo de levantar

informações sobre atividades cotidianas de compra: levar o filho para fazer compras e o local das compras; se ele pede alimentos, qual o tipo e se insiste nos pedidos; se o filho tem preferência por marcas ou somente pelo alimento; os fatores que influenciam os pedidos do filho; se compra o que ele pede e se sente mal quando não atende o pedido.

O outro questionário com 7 perguntas algumas de múltipla escolha, foi aplicado em 10 meninos ou meninas entre 6 e 12 anos, com o objetivo de investigar quais os tipos de alimentos que a criança pede aos pais: se ele se sente atraído pela marca e/ou personagem e quais os fatores que influenciam a criança ao desejo da compra.

As respostas foram analisadas a partir do levantamento dos percentuais de respostas de cada pergunta.

Análise dos resultados e discussão

a) As respostas dos pais

Na pergunta sobre em qual local a criança acompanha a família às compras, foi possível escolher mais de uma alternativa. Na tabela 1, observa-se que 100% dos entrevistados levam ao supermercado. As crianças frequentam, com certeza, 2 ou 3 locais de compra com sua família.

Tabela 1 - Qual o local que costumam fazer compras?

Resposta	Frequência	Percentual
Supermercados	20	100%
Shopping	08	40%
Lojas	04	20%

Ao ir às compras com a família, 90% das crianças solicitam alimentos, conforme os dados da tabela 2.

Tabela 2 – Seu filho pede para comprar alimentos quando estão em locais comerciais?

Resposta	Frequência	Percentual
SIM	18	90%
NÃO	02	10%
TOTAL	20	100%

Quanto aos alimentos solicitados, independente

da idade, as crianças querem consumir apenas aqueles que têm valor nutritivo limitado, ultra processados com alto teor de açúcar, sódio e gordura, como demonstrado na tabela 3.

Tabela 3 – Tipo de alimento solicitado

Resposta	Frequência	Percentual
Salgadinho	13	20,3%
Chocolates	14	21,8%
Danone	09	14%
Bolachas	07	10,9%
Mac Donald's	07	10,9%
Refrigerantes	07	10,9%
Balas	06	9,3%
Amendoim	01	1,5%
TOTAL	64	100%

Na tabela 4 podemos observar que 60% dos pais disseram que seus filhos não costumam ser insistentes em seus pedidos. Uma hipótese que é possível ser levantada seria “As crianças realmente precisam ser insistentes?”

Tabela 4 – As crianças são insistentes?

Resposta	Frequência	Percentual
SIM	08	40%
NÃO	12	60%
TOTAL	20	100%

Na tabela 5, observa-se que 29,1% dos pais disseram que o que mais influencia a decisão do pedido da criança é a televisão. Por outro lado, também é possível observar que 25% deles atribuem o pedido aos personagens que são, via de regra, veiculados em filmes, desenhos, etc.. Com a somatória desses dois percentuais (29,1% e 25%), tem-se o resultado de 54,1%, podemos levantar considerações significativas a respeito da forte influência que a mídia tem sobre a decisão de compra do público infantil. Quanto aos 25% dos pedidos relacionados ao “desejo da criança”, acreditamos que também possam estar relacionados ao estímulo midiático que recebem, pois se ela sabe conhece o produto e suas características.

Tabela 5 – Fatores que influenciam o pedido de determinados alimentos

Resposta	Frequência	Percentual
Personagens	6	25%
Viu na televisão	7	29,1%
Influência de amigos	1	4,1%
Desejo da criança	6	25%
Gula	1	4,1%
Brinquedos	1	4,1%

Internet	1	4,1%
Youtube	1	4,1%
TOTAL	24	100%

b) A resposta dos filhos

Serão apresentadas abaixo as respostas obtidas de cada pergunta do questionário.

Os 20 participantes da pesquisa assistem televisão conforme mostra a tabela 6. Isso significa que todas essas crianças têm acesso à publicidade de alimentos não saudáveis e também consomem esses produtos, isso será demonstrado a seguir nas demais tabelas.

Tabela 6 – Crianças que assistem à TV

Resposta	Frequência	Percentual
SIM	20	100%
NÃO	0	0%
TOTAL	20	100%

Na tabela 7, nota-se que as crianças compram alimentos que veem na televisão. Isso indica como os comerciais influenciam as crianças a quererem os produtos que lhes são oferecidos.

Nessa pergunta o percentual foi calculado tendo como base a frequência de cada item relacionado com o número total de respostas. Isso ocorreu porque elas puderam citar mais de um alimento.

Tabela 7 – Alimentos que pede para comprar porque viu na TV

Resposta	Frequência	Percentual
Salgadinho	07	13,7%
Balas	03	5,8%
Bolachas	03	5,8%
Lanche (Mac Donald's, etc.)	12	23,5%
Refrigerante	05	9,8%
Chocolates	09	17,6%
Danone, Iogurte	08	15,6%
Outros	04	7,8%
TOTAL	51	100%

Na tabela 8, a maioria das crianças responde que pede esses produtos porque sentem vontade. Isso leva a crer que o tipo de comercial direcionado a esse público consegue atingir seu objetivo, ou seja, ela sente interesse e desejo de prová-los. Considerando o tipo de produto que as crianças pedem para os pais comprarem, como

exposto na tabela 7, é possível inferir que há relação entre a influência da publicidade e o desejo de compra.

Com o tempo, esses alimentos passam a ser cada vez mais a preferidos pelas crianças Segundo Patrícia Jaime (2017), do Ministério da Saúde, a família deve ser orientada para não oferecer doces, sorvetes e refrigerantes para a criança pequena[...]. Então, é importante que as crianças não recebam esses alimentos antes dos dois anos de idade. O hábito ao sabor desses alimentos faz com que as crianças se desinteressem pelos alimentos saudáveis, como frutas e verduras e formem os hábitos não saudáveis que podem se perdurar na idade escolar e na adolescência.

Tabela 8 – Motivo de pedir os alimentos

Resposta	Frequência	Percentual
Porque gosta.	04	20%
Porque ficou com vontade.	08	40%
Porque é bom.	04	20%
Porque tem o personagem favorito.	03	15%
Porque seu amigo falou que vem com brindes.	01	5%
TOTAL	20	100%

Na tabela 9 todos os personagens citados pelas crianças, são de desenhos animados e filmes. Observa-se que todas elas possuem seu personagem preferido. O detalhe é que muitos desses personagens fazem parte da publicidade de alimentos, o que talvez faça com que as crianças tenham maior interesse na escolha desses produtos. Nessa pergunta o percentual foi calculado tendo como base o número de respostas, que foi 53%. Isso ocorreu porque as crianças puderam citar até 3 personagens.

Tabela 9 – Os personagens favoritos

Resposta	Frequência	Percentual
Heróis	14	26,4%
Bob Esponja	08	15%
Princesas	08	15%
Outros	23	43,3
TOTAL	53	100%

Na tabela 10 observa-se que 55% das crianças atrelam o produto consumido ao seu personagem favorito e 45%, não. É possível inferir que há relação entre a influência da publicidade e o desejo de compra.

Tabela 10 – O personagem favorito está no alimento que pede para comprar

Resposta	Frequência	Percentual
SIM	11	55%
NÃO	09	45%
TOTAL	20	100%

Nas tabelas 10 e 10.1, 30% das crianças responderam que colecionam os personagens que estão em alimentos e, 25%, referem-se aos que são divulgados pela rede Mcdonald's.

Tabela 10 – Coleciona personagens que está em alimentos

Resposta	Frequência	Percentual
SIM	06	30%
NÃO	14	70%
TOTAL	20	100%

Tabela 10.1 – Qual personagem

Resposta	Frequência	Percentual
Nenhum	15	75%
Mcdonald's	05	25%
TOTAL	05	100%

Na tabela 11, 70% das crianças entrevistadas gostam do alimento que vem com seu personagem preferido. Esse é o objetivo do marketing de alimentos, unir o “útil ao agradável”, ou seja, ser um produto “gostoso” e divertido ao mesmo tempo.

Tabela 11 – Gosta de comer o alimento que tem no brinde

Resposta	Frequência	Percentual
SIM	14	70%
NÃO	06	30%
TOTAL	20	100%

Considerações finais

Os resultados encontrados, além de mostrarem a importância que as redes de TV e os fabricantes dão para a veiculação de produtos alimentícios, também evidenciam que os comerciais de alimentos estão distribuídos por todos os períodos do dia. Esses achados são preocupantes se confrontados com aqueles que mostram que os indivíduos e, principalmente, as crianças dispendem cada vez mais tempo diante da TV. Há fortes evidências de que os comerciais de TV influenciam o comportamento alimentar infantil e que o hábito de assistir à TV está diretamente relacionado a pedidos, compras e consumo de alimentos anunciados na TV. O problema, entretanto, é que a maioria dos alimentos veiculados possui elevados índices de gorduras, óleos, açúcares e sal, o que não está de

acordo com as recomendações de uma dieta saudável e balanceada (ALMEIDA, NASCIMENTO, QUAIOTIB, 2002, p.353).

No Brasil, entre 1988 e 1996, traços marcantes e negativos de evolução do padrão alimentar foram observados nas Pesquisas de Orçamentos Familiares. Observou-se tendência crescente na proporção de calorias lipídicas na dieta do Norte e Nordeste; manutenção desse indicador em torno de valores elevados no Centro Sul; persistência de valores elevados para o colesterol dietético; aumento dos ácidos graxos saturados; e redução dos carboidratos complexos em todas as áreas metropolitanas do país. Além disso, ocorreu estagnação ou redução do consumo de leguminosas, verduras, legumes, frutas e sucos naturais e ascensão do consumo já excessivo de açúcar refinado e refrigerantes (ALMEIDA, NASCIMENTO, QUAIOTIB, 2002, p.353).

Maus hábitos alimentares, especialmente aqueles que acarretam a obesidade infantil, produzem problemas de saúde imediatos e também em longo prazo, visto que cerca de 60% de crianças obesas já sofrem de hipertensão, hiperlipidemia e/ou hiperinsulinemia.

Assistir à TV é um comportamento sedentário comum em indivíduos de todas as idades, tendo-se demonstrado associações significativamente positivas entre o número de horas dependidas diante da TV e o peso de indivíduos. Assim, um comportamento sedentário de assistir à TV, aliado aos dados da análise qualitativa dos alimentos anunciados, indica uma situação preocupante no campo da saúde pública. No presente estudo, cerca de 60% dos alimentos veiculados na TV estavam classificados na categoria gorduras, óleos e açúcares (ALMEIDA, NASCIMENTO, QUAIOTIB, 2002, p.353).

Assim, os dados do presente estudo sugerem que algumas medidas devem ser estudadas, no sentido de alterar o padrão de exposição à TV em jovens e adolescentes, já que, aliadas a políticas públicas de educação alimentar, poderiam prevenir o aumento da taxa de obesidade da população e, assim, reduzir muito gastos públicos com os problemas de saúde desencadeados pelo excesso de peso e sedentarismo (ALMEIDA, NASCIMENTO, QUAIOTIB, 2002, p.353).

Deste modo, o desafio de tornar a alimentação das crianças mais saudável depende de pais, escola, profissionais de saúde, governo e indústria alimentícia. É importante que os pais aproveitem a presença das crianças durante as compras familiares para educá-las sobre escolhas alimentares e comportamento de consumo, incentivando-as a participar do processo de escolha e compra de alimentos. Além disso, é preciso que os pais observem e regulem a frequência e o tipo de alimento consumido pelas crianças dentro e fora de casa. O uso dos sentidos parece ser ferramenta interessante para a promoção de uma alimentação saudável em escolas e por profissionais de

saúde. Evidencia-se a necessidade de o governo aumentar esforços no sentido de regulamentar a promoção e a publicidade de alimentos para crianças e desenvolver campanhas de marketing social que sejam capazes de retomar a comida como afeto, sabor e prazer. Com regulamentações estabelecidas pelo governo a indústria de alimentos possivelmente seria levada a adotar estratégias de marketing mais responsáveis e a investir na melhoria da qualidade nutricional de seus produtos (MAZZONETTO, 2012, p.15).

A empresa Mcdonald foi multada, recentemente, em R\$6 milhões, pelo Departamento de Proteção de Defesa do Consumidor (DPDC), órgão ligado a Secretária Nacional de Defesa do Consumidor (Senacon) por realização “SHOW do Ronald Mcdonald” em escolas.

A denúncia foi encaminhada pelo programa Criança e Consumo em setembro de 2013. Um levantamento feito à época constatou, em apenas dois meses, mais de 60 apresentações do palhaço em diversos estados do país, em escolas de educação infantil e creches. A punição aplicada à empresa, segundo o próprio DPDC, decorre "da prática ilícita cometida, consistente na publicidade abusiva direcionada ao público infantil, por meio dos shows do Ronald Mcdonald em escolas, principalmente, e o número de consumidores alcançados por esta ação que estimula o público infantil a consumirem o seu produto" (INSTITUTO ALANA, 04 nov. 2018).

Essa pesquisa se faz importante pois, tem por objetivo alertar e conscientizar os pais, escolas e outras comunidades, sobre a influência da publicidade na alimentação da criança, e os danos causados à saúde pela má alimentação. Em menos de 45 anos a obesidade entre os meninos subiu 11,75%, e entre as meninas subiu 8,36%, o que pode ter acarretado esse aumento, é o desenvolvimento de novas tecnologias, fazendo com que as crianças passem mais tempo em frente ao computador, vide-game, celular, televisão, deixando assim a criança mais sedentárias e expostas as propagandas das mídias.

Sabemos que existem leis que proibem esse tipo de publicidade, porém essas leis não são tão rígidas, fazendo somente que a empresa pague multas absurdas, mas na prática nada muda. O que esperamos é que existem leis que barrem completamente esse tipo de abuso, que as empresas parem com a publicidade abusiva direcionada ao público infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. de Souza.; NASCIMENTO, P. C. B.D.; QUAIOTIB, Bolzan. Quantidade e qualidade de produtos alimentícios anunciados na televisão brasileira. **Revista Saúde Pública** 2002, 36(3): 353-5.

ANTÓNIO CARDOSO, Mariana L. A influência dos ídolos na preferência dos produtos e das marcas junto das crianças: uma revisão de literatura. In: MARTINS, M. Moisés de Lemos; PINTO, Manuel. (Orgs.). **Comunicação e Cidadania**. Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. 6 – 8 set. 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho). ISBN 978-989-95500-1-8.

Câmara de Deputados. **Projeto cassa resolução do CONANDA sobre propaganda infantil**. Agência Câmara Notícias. 11/06/2018. Disponível em: <<http://www.crianca.mppr.mp.br/2018/06/20563,37/LEGISLACAO-Projeto-cassa-resolucao-do-Conanda-sobre-propaganda-infantil.html>> Acesso em: 05 nov. 2018.

ROBÓTICA: UM INSTRUMENTO NA APRENDIZAGEM NO ENSINO DE MATEMÁTICA DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Camila Silva¹
Jéssica Pereira²
Jessica Martins³
Karolina Oliveira⁴
Laerte Vieira⁵
Raquel Cubas Rosa⁶
Rosenair Jesus⁷
Prof. Ms. Helena Prestes dos Reis⁸

RESUMO

Este artigo apresenta a proposta de utilização da Robótica Pedagógica no Ensino Fundamental I. Esta possibilita que o aluno desenvolva habilidades e competências, aprimorando a capacidade do raciocínio lógico. A robótica estimula o pensamento crítico, a criatividade e o desenvolvimento psicomotor, motiva o aluno a construir novos conhecimentos e autonomia, levando-o a questionar, pensar e se organizar. No aspecto pedagógico traz uma visão de aprendizagem individual e de grupo, desenvolvendo a percepção de ideias e trocas dos mesmos para a transformação do “aprender matemático”. Este recurso traz possibilidades de mudanças, despertando interesse em todas as idades. A sua aplicação no ambiente escolar vem ampliar e beneficiar as exposições de

conteúdos, tornando a aprendizagem significativas, beneficiando assim educador e educando no contexto de trocar e construir conhecimentos.

Palavras Chave: Robótica Pedagógica. Tecnologia. Pedagogia.

ABSTRACT

This article presents the proposal to use Pedagogical Robotics in Primary Education I, which enables the student to develop skills and competences, improving the ability of logical reasoning, helping him to overcome difficulties and solve problems more easily and, in the perspective of innovations in the economic and social market, stimulates critical thinking, creativity and psychomotor development, motivates the student to build new knowledge and autonomy, leads the student to question, think and organize. In the pedagogical aspect it brings a vision of individual and group learning, developing the perception of ideas and exchanges of them for the transformation of "mathematical learning". This technological resource brings a possibility of change and awakens interest in all ages. Its application in the school environment can benefit both the teacher and the student.

Keywords: Pedagogical Robotics. Technology. Pedagogy.

INTRODUÇÃO

O presente artigo destaca a implementação da robótica como ferramenta de ensino. Nesse tema, levantamos questões importantes como: Está havendo a má utilização de recursos tecnológicos na educação? Todos os docentes possuem capacitação para a utilização dessa ferramenta? Há um espaço e materiais adequados no ambiente da educação?

Há necessidade de ampliar a visão para que possamos mudar o futuro da aprendizagem em sala de aula, trazendo ideias e incentivo nas relações de professores e alunos. Utilizar a Robótica como ferramenta que auxilia os educandos aumentando a criatividade, a capacidade de resolução de problemas e tomada de decisões é uma alternativa diferente em construir hipóteses para aprender com a prática e na troca de ideias. A Robótica Pedagógica busca a formação de visões flexíveis, proporcionando aulas mais interessantes e agradáveis para os alunos, obtendo mais chances para alcançar a aprendizagem. Desenvolver aulas diferenciadas faz uma grande diferença para a qualidade do processo ensino-aprendizagem, além de contribuir para: solucionar os desafios propostos pelo professor; motivar o aluno a construir novos conhecimentos; estimular o trabalho em equipe e a autonomia dos alunos; levar o aluno a questionar, pensar e se organizar; capacitar os professores.

O objetivo desse artigo é discutir o uso da robótica no Ensino Fundamental I, verificando se esta estrutura o ensino de matemática com práticas e estratégias de solução, traz a aprendizagem significativa e manipulativa.

O ENSINO DA MATEMÁTICA

Na antiguidade, por meio da necessidade cotidiana, surgiu a matemática. Seu reconhecimento se consolidou apenas a partir da Revolução Industrial, onde exige-se conhecimento matemático da população devido o surgimento dos sistemas bancários e de produção.

A matemática como disciplina escolar, teve livros didáticos feitos a partir da formalização e raciocínio dedutivo, por Euclides (séc. III A.C.). Com as Guerras Mundiais

evoluiu e ganhou importância nas escolas, mas não significou proximidade ao aluno, a disciplina era o principal motivo de reprovação. De acordo com Miorin:

A Matemática moderna não conseguiu resolver o problema do ensino da disciplina. Ao contrário, agravou ainda mais a situação. Já no início do movimento, alguns professores, como Carlos B. Lyra e Omar Catunda, alertaram para os riscos de um enfoque centralizado apenas na linguagem (p. 115).

Com o início da Guerra Fria e a Corrida Espacial, os americanos reformulam o currículo, pois queriam formar cientistas a fim de superar os avanços soviéticos. Surge então a Matemática Moderna, considerada para perspectivas requisitadas para essa época, porém distante de uma aprendizagem real.

Nos anos 70, iniciou o Movimento de Educação Matemática, com a colaboração de professores do mundo todo. Nos anos de 1997 e 1998, foram criados no Brasil os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o capítulo dedicado à matemática foi elaborado por integrantes brasileiros do Movimento de Educação Matemática.

Por consequência da metodologia que vem sendo aplicada desde a Antiguidade, fundamentada na aprendizagem sistemática, transferência e reprodução de conhecimentos, acarretando aos alunos a absorção de informações prontas, tornando-os incapazes de decodificar os sinais presentes no cotidiano. Segundo Thomas O'Brien (2003), essa é a "matemática do papagaio", que nada mais é do que fazer o aluno decorar conteúdos para apresentá-los toda vez que o professor cobra-lo. "O princípio é ao mesmo tempo básico e desprezível, ele se restringe ao ensino de Aritmética. Outras áreas importantes da disciplina, que não se prestam a simples memorização, como as Geometrias ficam desprezadas. Além disso, as crianças usam as calculadoras com frequência e não se tem espaço para desenvolver o raciocínio, de inventar estratégias de resolução de problemas originais. O grande talento das pessoas é pensar, a ela devemos pedir o que é próprio da vida humana: selecionar dados, organizar informações, elaborar hipóteses, formular questionamentos, avaliar resultados e tantas outras situações nesse sentido".

No momento em que vivemos é necessário mudar a forma mecânica de ensinar matemática. Ela precisa ser vista pelo educando como um conhecimento que o favorece em diversos âmbitos como, o raciocínio lógico, sua imaginação e capacidade expressiva. O autor Piletti afirma:

A motivação é fator fundamental da aprendizagem. Sem motivação não há aprendizagem. Pode ocorrer aprendizagem sem professor, sem livro, sem escola e sem uma porção de outros recursos. Mas mesmo que existam todos esses recursos favoráveis, se não houver motivação, não haverá aprendizagem (PILETTI, 1985, 42).

Se ensinar matemática não é fácil, aprendê-la menos ainda. Daí surge à necessidade de inovar e usar instrumentos mediadores entre o professor e o aluno. Uma ferramenta utilizada são os jogos matemáticos, que são capazes de transformar a sala de aula em ambiente gerador de conhecimentos. Segundo BORIN, (1996, p. 53) "Outro motivo para a introdução de jogos nas aulas de matemática é a possibilidade de diminuir bloqueios apresentados por muitos de nossos estudantes que temem a Matemática e sentem-se incapacitados para aprendê-la." BORIN, (1996, p. 53).

O que implica agir com práticas sociais e a robótica indica as novidades no mundo que nos rodeiam e construção de ideias em grupo para montar, desenvolver uma produção que equivale a reflexão e estratégias para obter a meta em conjunto colocando a prova os conhecimentos de cada um do grupo.

ETNOMATEMÁTICA

Ninguém é imune à educação, em tudo há o aprender. E se em tudo e em todas as relações, interpessoais ou com o meio, aprendemos, também ensinamos, uma vez que [“quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” FREIRE 1997.](#)

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturaram a vida com a educação. (BRANDÃO, 1985, p. 3)

E é isso que nos humaniza, a capacidade de aprender, ensinar, ponderar, interagir, sentir; e nisso se faz a educação, no que é humano.

A proposta de trabalho numa linha de etnomatemática tem como objetivo primordial valorizar a matemática dos diferentes grupos culturais. Propõe-se uma maior valorização dos conceitos matemáticos informais construídos pelos alunos através de suas experiências, fora do contexto da escola. No processo de ensino propõe-se que a matemática, informalmente construída, seja utilizada como ponto de partida para o ensino formal. Procura-se eliminar a concepção tradicional de que todo conhecimento matemático do indivíduo será adquirido na situação escolar e, mais ainda, de que o aluno chega à escola sem nenhuma pré-conceituação de ideias matemáticas. Essa proposta de trabalho requer uma preparação do professor no sentido de reconhecer e identificar as construções conceituais desenvolvidas pelos alunos. (D'AMBROSIO, 2005)

Pensando no ensino de matemática para o fundamental I, uma das alternativas para respeitar as experiências culturais trazidas pelos educandos e/ou aproximar o ensino do cotidiano deles é pensar numa educação mais dinâmica, utilizando de artifícios do cotidiano das crianças.

MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I

É muito comum escutarmos que a Matemática está em tudo e todas as coisas. Ela é uma ciência que calcula até mesmo o invisível. Grandes invenções e descobertas sobre nosso planeta e sobre o Universo se dão graças à lógica e precisão da Matemática. Por outro lado, é bastante comum escutarmos por aí questionamentos como: “Para quê estudar matemática? Será que vou usar isto em minha vida?” Acontece que a matemática está tão presente em nossas vidas que somos incapazes de mensurar o quanto, devido à infinidade do que nos é desconhecido.

O Ensino Fundamental é muitas vezes a primeira relação com a matemática registrada que as crianças têm, portanto, é necessário que esse primeiro contato seja eficiente e dinâmico.

Alguns dos conteúdos matemáticos sugeridos pelo currículo nacional são segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais sugeridos pelo MEC: Números Naturais e Sistema de Numeração Decimal; Números Racionais; Operações com Números Naturais; Cálculo mental; Aproximações e estimativas; Cálculo escrito; Operações com Números Racionais; Espaço e Forma; Grandezas e Medidas; Tratamento da Informação.

Esse estudo reflete sobre como a robótica educacional auxilia no processo de ensino e aprendizagem de tais conteúdo.

A Robótica é uma ciência que utiliza e/ou constrói robôs, segundo o dicionário Houaiss; VILAR (2009). Outra definição conhecida é a ciência que estuda a montagem, desmontagem, programação e reprogramação de robôs, componentes físicos autônomos, que possuem uma central de processamento que executa um algoritmo ou um programa.

Robótica necessita de planejamento em equipe e forma o sentido de constituir um produto, com bases em estratégias matemáticas e soluções de problemas a serem solucionados. De forma que seria uma definição, nos atentarmos aos termos “montagem” e “desmontagem”, pois estes nos ajudarão a pensar aplicações dessa ciência para a educação.

A robótica educacional é como uma proposta de trabalho pedagógico que se propõe a servir positivamente todas as disciplinas como uma ferramenta de ensino-aprendizagem, tendo por objetivo auxiliar. Segundo o autor Schivan:

[...] o desenvolvimento de determinadas competências como, por exemplo, ler, articular e interpretar símbolos e códigos em diferentes linguagens e representações (sentenças, equações, esquemas, diagramas, tabelas, gráficos e representações geométricas) para resolução de problemas, ou ainda reconhecer a relação entre diferentes grandezas, ou relações causa e efeito, para ser capaz de estabelecer previsões e tomar decisões de maneira colaborativa ou individual. (SCHIVANI, 2014, p. 74).

Sua eficiência se dá à medida que promove o diálogo e a socialização entre educadores e educandos, consequentemente estreitando os laços da cooperação.

A ROBÓTICA EDUCACIONAL ENQUANTO FERRAMENTA NO ENSINO DA MATEMÁTICA

Brinquedos de peças de encaixe são exemplos de como a robótica educacional pode estar presente no ensino e fixação de conteúdos matemáticos. Mais que apenas divertir, as peças coloridas podem ajudar a desenvolver o pensamento numérico e espacial dos estudantes, sobretudo, no ensino fundamental, quando esses conceitos ainda são novidades.

Vygotsky (1998) afirmava que através do brinquedo a criança aprende a agir numa esfera cognitivista, sendo livre para determinar suas próprias ações

Para crianças, compor e decompor números são componente chave para construir o senso numérico necessário para operações aritméticas. As peças de brinquedos de encaixe são ótimas ferramentas para exploração de parte e todo. Os educandos podem unir combinações de duas ou mais e buscar o número total de pinos, utilizando-as assim para uma primeira compreensão de soma e subtração, mesmo que intuitiva.

Ter uma coleção de peças durante aulas de multiplicação também é muito útil. Os conceitos de áreas e exponencial poderão ser mais claros quando a explicação é acompanhada de artifícios concretos.

Nas frações também podemos utilizar a robótica sem medo. A exposição desse conteúdo nem sempre é tranquila, principalmente quando é falado sobre tamanhos de

diferentes “ínteiros” ou frações equivalentes. Com as peças de encaixe os alunos tornam concreta a ideia de equivalência em frações tornando a compreensão mais natural. A exposição do conteúdo de divisão, seguindo o mesmo porquê das frações, também se faz ainda mais eficiente com o auxílio das peças.

METODOLOGIA

Esse estudo se qualifica qualitativo sendo um método de investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais, conforme o autor Godoy (1995). O estudo foi realizado em uma escola privada do município de Nova Odessa-SP, região metropolitana de Campinas, tendo por base a observação e a aplicação de um questionário realizado com cinco professores do Ensino Fundamental I.

O objetivo do questionário foi averiguar se é comum a prática da robótica na escola e, caso seja, como é inserida na mediação de aprendizagem no Ensino de Matemática.

Nos questionamentos aplicados a cinco professores da rede privada de educação de Nova Odessa que atuam com alunos do Ensino Fundamental I. As questões aplicadas foram consideradas para entender os conhecimentos dos sistemas de aprendizagem que os educadores estão capacitados, como fazem uso do material disponível para esse desenvolvimento nas atividades. Embasando também as aulas de robótica em como são auxiliadas dentro da aprendizagem proposta. Propondo compreender como educador reflete em aulas construtivas trabalhando a dinâmica de trocar ideias e estratégias para solução e equipe para desenvolver um produto o qual exige atenção dos membros do grupo e do mediador que é o professor.

ANÁLISE DE DADOS

Os professores que responderam os questionários, apenas um trabalha há mais de cinco anos na área, os demais têm experiência de três anos na escola. É unânime entre eles que os professores recebem formação para trabalharem com robótica no ensino de matemática em suas graduações e que os efeitos disso são positivos no cotidiano escolar.

Também é unânime que em um dos questionamentos de como faria a diferença na prática com a Robótica; nenhum deles acredita que seja necessário algo para melhorar o desenvolvimento desse trabalho. Houve discordância de opinião em material didático; apenas um dos professores acredita que o material didático não é indispensável nas aulas.

Entretanto, o resultado volta a ser unânime quando questionados sobre se a robótica auxilia no desenvolvimento das demais tarefas escolares e se as atividades exercitam a prática da concentração e o trabalho em grupo. Para concluir, todos acham importante para o desenvolvimento educacional a prática da robótica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Robótica vem na perspectiva de inovações no mercado econômico e social, estimula o pensamento crítico, a criatividade, resolução de problemas, o desenvolvimento psicomotor, o cognitivo, ampliando a capacidade de raciocínio lógico. No aspecto

pedagógico traz uma visão de aprendizagem individual e de grupo, desenvolvendo a percepção de ideias e trocas dos mesmos para transformação do aprender matemático. Ela traz uma possibilidade de mudança e desperta interesse em todas as idades, a sua aplicação dentro do ambiente escolar pode trazer benefícios tanto para o professor quanto para o aluno.

Segundo os professores participantes dessa pesquisa, pode-se entender que trabalhar com robótica otimiza o aprendizado de matemática e é algo que vêm sendo trabalhado tanto na escola observada, quanto na formação dos educadores; de acordo com os resultados dos entrevistados e pelas obras consultadas.

É contribuindo para atingir a prática e analisando a importância de investir na capacitação de professores, materiais e ambientes adequados para se usar formas diversas nos recursos tecnológicos, que obtemos uma melhora no processo de ensino aprendizagem, com participação de todos os envolvidos deixando bases para que o aluno seja protagonista de seu aprendizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU J. V. V., GARCIA M. F. Robótica pedagógica no currículo escolar: uma experiência de transposição didática. **Instituto Politécnico de Bragança**, Bragança, 2016. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/304252125_Robotica_Pedagogica_no_Curriculo_Escolar_Uma_experiencia_de_transposicao_didatica_Pedagogical_Robotics_in_the_School_Curriculum_An_experience_of_didactic_transposition. Acesso em: 09 de abr. 2018.

D'AMBROSIO, U. (1986). **Da realidade à Ação: Reflexões sobre Educação (e) Matemática**. Campinas . SP: Summus/UNICAMP.

D'AMBROSIO, B. S. **Como ensinar Matemática?** São Paulo – SP , USP

FIORIO, R., ESPERANDIM, R. J., SILVA, F. A., VARELA, P. J., LEITE, M. D., REINALDO, F. A. F. Uma experiência pratica da inserção da robótica e seus benefícios como ferramenta educativa em escolas publicas. **III Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2014). XXV Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE 2014)**, Francisco Beltrão, 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/Celso/Downloads/3070-5245-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Celso/Downloads/3070-5245-1-SM%20(1).pdf). Acesso em: 09 abr. 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a pratica educativa*. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MIRANDA, J. R., SUANNO, M. V. R. Robótica na escola: ferramenta pedagógica inovadora. **Trabalho de Conclusão de Curso**, Anápolis, 2009. Disponível em: <http://www.natalnet.br/lars/wre2012/pdf/106596.pdf>. Acesso em: 09 de abr. 2018.

MIORIM, M. A. **Introdução à história da educação matemática**. 3ª Reimpressão. São Paulo: Atual, 2004.

RODRIGUES BRANDÃO, Carlos. **O Que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. 116 p.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998.